

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**Fernanda Coimbra da Silva**

**RELIGIÃO, SAÚDE E RESILIÊNCIA DIANTE DA PANDEMIA DA COVID-19: O CASO  
DOS TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF)**

Juiz de Fora

2025

**Fernanda Coimbra da Silva**

RELIGIÃO, SAÚDE E RESILIÊNCIA DIANTE DA PANDEMIA DA COVID-19: O CASO  
DOS TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, na área de concentração: Religião, Sociedade e Cultura, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Regina Corrêa Lages

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Fernanda Coimbra da .  
Religião, Saúde e Resiliência diante da pandemia da COVID-19: o caso dos Técnicos Administrativos em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) / Fernanda Coimbra da Silva. -- 2025.  
258 f.

Orientadora: Sônia Regina Corrêa Lages  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2025.

1. COVID-19. 2. espiritualidade. 3. religião. 4. resiliência. 5. saúde. I. Lages, Sônia Regina Corrêa, orient. II. Título.

Fernanda Coimbra da Silva

**Religião, Saúde e Resiliência diante da pandemia da COVID-19: o caso dos Técnicos Administrativos em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Ciência da Religião. Área de concentração: Ciência da Religião Sistemática, Empírica e Aplicada.

Aprovada em 30 de Janeiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Regina Corrêa Lages - Orientadora  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Joelson Bruno Dias Oliveira  
Instituto Nacional de Câncer

Juiz de Fora, 14/01/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cecilia dos Santos Ribeiro Simoes, Chefe de Departamento**, em 04/02/2026, às 16:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sonia Regina Correa Lages, Professor(a)**, em 11/02/2026, às 18:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Joelson Bruno Dias Oliveira, Usuário Externo**, em 12/02/2026, às 14:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uff (www2.uff.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2825724** e o código CRC **CD3A4BC3**.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sônia Regina Correa Lages, minha queridíssima orientadora, a quem expressei minha profunda gratidão pela confiança depositada em mim, pela disponibilidade e generosidade, pelo acompanhamento atento e pelas contribuições que foram essenciais durante todo o percurso do Mestrado.

Aos(as) integrantes da banca examinadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cecília Simões e Prof Dr Joelson Bruno Dias Oliveira, que gentilmente aceitaram participar deste momento tão importante, avaliando e contribuindo com o aperfeiçoamento do meu trabalho e também para o meu desenvolvimento acadêmico. A todos os docentes, com os quais tive a oportunidade de conviver ao longo deste período, seja cursando os componentes curriculares, participando de comissões nas quais fiz parte como representação discente, ou outros tantos momentos, agradeço pelos seus ensinamentos, estímulo ao pensamento crítico e pela dedicação a nossa formação. Estendo esse agradecimento a todos/as os/as funcionários/as do PPCIR.

Aos colegas e amigos, pessoas maravilhosas com os/as quais estreitei laços nessa caminhada, compartilhando conhecimento, companheirismo, e também muitos momentos de lazer e diversão. Em especial ao Camilo e à Natália, parceiros de caminhada. Também agradeço aos meus amigos, de fora do programa, pela parceria, carinho, paciência e por toda torcida em prol do meu sucesso, não os menciono aqui individualmente para não incorrer no erro de deixar alguém de fora, o que não seria justo com nenhum deles, a vocês o meu singelo agradecimento.

Aos TAEs da UFJF, em especial aos integrantes da COSSBE/SIASS onde estou lotada atualmente, e aos que aceitaram participar desta pesquisa, agradeço imensamente pela disponibilidade, confiança e generosidade ao compartilharem suas vivências e percepções, tornando possível a construção deste trabalho e contribuindo de forma essencial para os resultados alcançados.

À minha família, agradeço pelo amor incondicional, pelas orações, pelo incentivo constante e pela compreensão diante das ausências e dos desafios enfrentados durante este período. Ao Aquiles, meu gato, que permaneceu ao meu lado durante todo o processo de estudo, participou das reuniões virtuais, dos grupos de estudo e seguiu deitado no teclado do computador durante dois anos, muitas vezes me impedindo de digitar, mas acredito que me trouxe muita sorte!

Agradeço a mim mesma, por ter encarado este desafio e me esforçado para que o resultado fosse exitoso. Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta dissertação e para a conclusão desta importante etapa da minha trajetória acadêmica e pessoal.

“O que torna belo o deserto é que ele esconde um poço em algum lugar.”  
(*O Pequeno Príncipe*, Antoine de Saint-Exupéry)

## RESUMO

A pesquisa busca compreender a construção da resiliência frente a pandemia da COVID-19, com enfoque na relação entre religião/espiritualidade, saúde e apoio institucional da UFJF, como mecanismo de apoio e sustentação. O grupo utilizado como amostra da pesquisa foram os TAEs da UFJF lotados na PROGEPE e o problema levantado refere-se aos impactos biopsicossociais causados pela pandemia, geradores de medo, insegurança e sofrimento, alterando as dinâmicas sociais, institucionais e pessoais, o que exigiu a construção de estratégias de enfrentamento e ressignificação da crise. Como objetivo pretendeu-se analisar a percepção do grupo em relação à religião e à espiritualidade, e a diferenciação entre os conceitos; quais são suas crenças ou descrenças e como essas se fazem presentes em suas vidas; o que a pandemia representou, quais foram seus principais impactos para eles e como enfrentaram tais adversidades; sua percepção quanto a atuação da UFJF em relação aos protocolos e medidas de biossegurança, também quanto a importância da ciência médica; e por fim, como esses sujeitos se encontram agora após a pandemia. O estudo foi realizado em duas etapas, revisão bibliográfica e pesquisa de campo com aplicação de um questionário com questões quantitativas e qualitativas, o que dá à pesquisa um perfil misto. Para análise dos dados coletados, foi utilizado o método de análise de conteúdo. Foram obtidas trinta e quatro respostas que apontaram que religião/espiritualidade aliadas ao apoio institucional da UFJF foram elementos importantes no enfrentamento e ressignificação da pandemia, e na construção e fortalecimento da resiliência.

**Palavras Chave:** COVID-19; espiritualidade; religião; resiliência; saúde.

## **ABSTRACT**

This research seeks to understand the construction of resilience in the face of the COVID-19 pandemic, focusing on the relationship between religion/spirituality, health, and institutional support from UFJF (Federal University of Juiz de Fora) as a mechanism of support and sustenance. The research sample consisted of UFJF's technical-administrative staff assigned to PROGEPE (Pro-Rectorate of Personnel Management), and the problem raised refers to the biopsychosocial impacts caused by the pandemic, generating fear, insecurity, and suffering, altering social, institutional, and personal dynamics, which required the construction of coping strategies and a reinterpretation of the crisis. The objective was to analyze the group's perception of religion and spirituality, and the differentiation between these concepts; their beliefs or disbeliefs and how these are present in their lives; what the pandemic represented, its main impacts on them, and how they faced these adversities; their perception of UFJF's actions regarding biosafety protocols and measures, as well as the importance of medical science; and finally, how these individuals are doing now after the pandemic. The study was conducted in two stages: a literature review and field research using a questionnaire with quantitative and qualitative questions, giving the research a mixed-methods profile. Content analysis was used to analyze the collected data. Thirty-four responses were obtained, indicating that religion/spirituality, combined with institutional support from UFJF (Federal University of Juiz de Fora), were important elements in coping with and reframing the pandemic, and in building and strengthening resilience.

**Keywords:** COVID-19; spirituality; religion; resilience; health

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Categorias de Análise – Bloco 1 .....	91
Tabela 2: Categorias de Análise – Bloco 2 .....	94
Tabela 3: Categorias de Análise – Bloco 3 .....	98

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. RELIGIÃO, ESPIRITUALIDADE E SAÚDE.....</b>	<b>13</b>
1.1 A RELIGIÃO.....	13
<b>1.1.1 A religião ao longo do tempo .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1.2 Religião e Espiritualidade .....</b>	<b>22</b>
1.2 A SAÚDE.....	28
<b>1.2.1 O conceito de saúde .....</b>	<b>28</b>
<b>1.2.2 Desenvolvimento do Modelo Biomédico .....</b>	<b>30</b>
<b>1.2.3 A COVID-19.....</b>	<b>33</b>
1.3 A RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO/RELIGIOSIDADE, ESPIRITUALIDADE E A SAÚDE.....	34
<b>2. PANDEMIA DA COVID-19 E SEUS ENTRELAÇAMENTOS RELIGIOSOS E POLÍTICOS .....</b>	<b>38</b>
2,1 ENDEMIA, EPIDEMIA E PANDEMIA: ENTRELAÇAMENTOS HISTÓRICOS E RELIGIOSOS .....	38
2.2 A PANDEMIA DA COVID-19 E A RELIGIÃO.....	47
2.3 SAÚDE, RELIGIÃO E POLÍTICA: O NEGACIONISMO CIENTÍFICO.....	54
<b>3. RESILIÊNCIA .....</b>	<b>64</b>
3.1 HISTÓRIA E ANÁLISE DO CONCEITO .....	64
3.2 RELIGIÃO, ESPIRITUALIDADE E RESILIÊNCIA .....	70
3.3 SAÚDE E RESILIÊNCIA .....	77
<b>4. RELIGIÃO, SAÚDE E RESILIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DOS TAES DA UFJF .83</b>	<b>83</b>
4.1 METODOLOGIA DA ANÁLISE DE DADOS .....	83
4.2 OBJETO E SUJEITOS DE ANÁLISE.....	84
4.3 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE DADOS.....	85
<b>4.3.1 O formulário Google.....</b>	<b>88</b>
<b>4.3.2 Categorias de Análise .....</b>	<b>90</b>
4.4 DISCUSSÃO .....	103
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>108</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>110</b>

## INTRODUÇÃO

Revisitar o passado e rememorar acontecimentos que foram marcantes para a humanidade, traçar paralelos, buscar similaridades, e com um olhar crítico, colocando cada momento no tempo e espaço pertinentes, nos dá subsídio para ampliar nossos horizontes, compreender o presente e quiçá o futuro. Ao longo dos séculos a humanidade se deparou inúmeras vezes com acometimentos de saúde de magnitude global, algumas até dizimaram parte considerável de populações. Da peste de Atenas até a COVID-19, passando por tantas outras, como por exemplo a peste negra e a epidemia da Aids.

Como servidora da área de saúde, do quadro efetivo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) há 22 anos, posso considerar esse como o momento mais desafiador, onde pude perceber os medos, os anseios, as dificuldades causadas pela pandemia da COVID-19 entre os servidores Técnicos Administrativos em Educação (TAEs). A Universidade instituiu um sistema de biossegurança na tentativa de mitigar os impactos da pandemia e salvaguardar os servidores cujas atribuições presenciais eram imprescindíveis, e disponibilizando a modalidade de teletrabalho para aqueles cujas atividades permitiam. Mesmo assim era perceptível os anseios e inseguranças que atingiam, não somente os servidores, mas todos que naquele momento passavam pela crise imposta pela pandemia.

Os impactos biopsicossociais causados pela pandemia da COVID-19 alteraram a ordem social, as mentalidades e dinâmicas de funcionamento de instituições de todas as áreas, incluindo no escopo educacional e, com a UFJF, não foi diferente. Nessa perspectiva vamos analisar a interconexão entre a adversidade vivida na pandemia e a religião/espiritualidade como instrumento para auxílio da construção da resiliência no sujeito.

A hipótese levantada nesta pesquisa é de que os aspectos religiosos e espirituais dos/as servidores/as juntamente com o apoio fornecido pela Universidade durante a pandemia da COVID-19, desempenharam um papel significativo na forma como esses sujeitos vivenciaram, enfrentaram e ressignificaram o sofrimento imposto pela crise, sanitária e de sentido, minimizando os efeitos negativos e contribuindo para a ressignificação, portanto a resiliência.

A partir da hipótese levantada o objetivo é identificar a percepção do grupo em relação à religião e à espiritualidade e a diferenciação entre os conceitos; quais são suas crenças ou descrenças e como essas se fazem presentes em suas vidas; o que a pandemia representou, quais foram os principais impactos da pandemia em suas vidas e como

enfrentaram tal adversidades; sua percepção quanto a atuação da UFJF em relação aos protocolos e medidas de biossegurança, e também quanto a importância da ciência médica; e por fim, como esses sujeitos se encontram agora após a pandemia. Para tanto, este trabalho aborda a temática da construção da resiliência em tempos de crise, utilizando a religião/espiritualidade como mecanismo de auxílio para o enfrentamento do adoecimento e as demais dificuldades impostas pela pandemia.

O presente estudo foi realizado em duas etapas, a primeira se baseou na revisão bibliográfica, selecionando os textos mais relevantes sobre resiliência, religião e saúde, bem como alguns dos textos produzidos sobre a pandemia da COVID-19 no período de 2020 a 2024. Após a revisão bibliográfica e a aprovação da pesquisa pelo CONEP<sup>1</sup> iniciou-se a segunda etapa, a pesquisa de campo.

Para atender aos objetivos da pesquisa, a dissertação foi dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo, *Religião, Espiritualidade e Saúde*, aborda suas trajetórias, perpassando por construções históricas, sociais, culturais e científicas. Apresenta a religião como um fenômeno multifacetado e fluido, em constante alteração, que proporciona sentido, pertencimento e orientação ética e moral, mas ao mesmo tempo pode gerar tensões ou mesmo uma forma de repressão, individual e social. A espiritualidade, por sua vez, é vista como um processo de subjetividades e conexão com o transcendente, podendo ou não estar interligada com a religião. No campo da saúde, o texto traz a percepção acerca da necessidade de um olhar integral para o sujeito, onde a doença deixa de ser protagonista e a saúde assume destaque. Nessa perspectiva de um cuidado integral, a assistência religiosa e espiritual deve ser incluída, pois trata-se de recurso importante no enfrentamento e ressignificação das adversidades, construindo e fortalecendo a resiliência.

O segundo capítulo, *Pandemia da COVID-19 e seus entrelaçamentos religiosos e políticos*, contextualiza as crises de saúde experienciadas pela humanidade, até a mais recente e impactante dessa geração, a COVID-19. Apresenta como essas crises, desde sempre, podem ser percebidas para além do adoecimento, abrangendo as relações individuais, sociais, de poder e religiosas/espirituais. Destaca os impactos biopsicossociais e a atuação da religião e espiritualidade, tanto como fonte de apoio e acolhimento quanto sua participação em incentivar práticas negacionistas, disseminação de *fake news* e banalização da morte e sofrimento, que contribuíram sobremaneira para a disseminação e agravamento da COVID-

---

<sup>1</sup> CONEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos/UFJF <https://www2.ufjf.br/comitedeetica/>

19. Conclui-se dizendo que é importante revisitar o passado para não cometermos os mesmos erros no futuro.

O terceiro capítulo, *Resiliência*, traz a história e análise desse conceito, que pode ser entendido como a capacidade do sujeito de enfrentar e ressignificar as adversidades. A resiliência se apresenta como um processo dinâmico que pode ser construído e fortalecido ao longo da vida, e é influenciado tanto por agentes externos quanto internos. A religião/espiritualidade, por sua vez, podem ser identificadas como fatores de proteção que direcionam o sujeito para a adaptação positiva e conseqüentemente a resiliência. Ambas podem ter papel significativo na busca por sentido, fortalecimento da esperança, contribuição para o equilíbrio emocional, por ocasião de adoecimentos, hospitalização, necessidade de cuidados paliativos e luto. O texto traz também a importância de se reconhecer as dimensões religiosa e espiritual na concepção ampliada de saúde, proporcionando um cuidado integral e humanizado.

O quarto, e último capítulo, *Religião, Saúde e Resiliência na experiência dos TAEs da UFJF*, apresenta o percurso metodológico para coleta e análise de dados, bem como a discussão relacionando os resultados encontrados com os referenciais teóricos. A pesquisa buscou compreender os impactos da pandemia nos TAEs da UFJF, com ênfase na relação entre religião/espiritualidade, saúde e resiliência. Os resultados indicam que a religião e a espiritualidade foram importantes no período, atuando como mecanismo de suporte e enfrentamento do sofrimento imposto pela pandemia da COVID-19, bem como o apoio institucional e a ciência médica, para a construção da resiliência.

A pesquisa de campo contou com elaboração e aplicação de um questionário no *Google Forms*, com os servidores TAEs com lotação na Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEPE). Neste questionário, abordamos questões que abarcavam o escopo de questões levantadas a partir da hipótese da pesquisa.

Como desfecho tivemos trinta e quatro questionários respondidos (38%), o que permitiu uma breve compreensão da relação entre religião, espiritualidade e a resiliência e o seu impacto frente à crise sanitária e de sentido, na perspectiva dos TAEs da UFJF. E ainda, obtivemos a confirmação da hipótese de que religião e espiritualidade, bem como o apoio institucional da Universidade tiveram papel relevante no enfrentamento da pandemia por parte dos TAEs, e que esses hoje se encontram resilientes.

## **1. RELIGIÃO, ESPIRITUALIDADE E SAÚDE**

### **1.1 A RELIGIÃO**

A religião se apresenta como um fenômeno social que atravessa culturas e épocas, muitas vezes atua na coesão social, no controle e aplicação de normas, e está presente, em muitos casos, na busca dos indivíduos por descobrir e/ou entender o sentido da vida. Com a secularização, rompe-se os vínculos tradicionais de transmissão da religião e as experiências religiosas, que antes eram estruturadas pela tradição e pela pertença comunitária, se encontram hoje fragmentadas. O que não significa que a religião foi extinta, mas sim se encontra em constante e profunda transformação. Nesse novo contexto, secular, onde a religião se apresenta como um sistema de memória coletiva fragilizado, os sujeitos se tornam responsáveis por selecionar, reinterpretar e reconfigurar a cosmo simbologia conforme suas próprias necessidades existenciais. Isso se torna evidente com o crescimento das práticas sincréticas, espiritualidades alternativas e percursos espirituais personalizados. Portanto, a modernidade não destrói a religião, mas a desconstrói, reorganizando-a em formas mais fluidas e individualizadas.

Para entender a religião e como essa se apresenta hoje em toda sua pluralidade e ao mesmo tempo singularidade, é necessário retornarmos ao início e revisitarmos o passado, como a religião era apresentada e como foi difundida ao longo do tempo. Logicamente, não haverá aqui espaço para nos aprofundarmos em todas as nuances e nem dedicar o devido detalhamento sócio-histórico-cultural, pois esse não é o objetivo deste trabalho. Vamos traçar o caminho percorrido ao longo do tempo e direcionar o leitor, para que este consiga perceber como a religião evolui junto com a humanidade e ambas, junto com a saúde.

#### **1.1.1 A religião ao longo do tempo**

A religião existe desde os primórdios da humanidade e está inserida na sociedade, sendo considerada como um elemento importante na constituição sociocultural. O sociólogo francês Émile Durkheim (*apud* Câmara Monte, 2013, p. 252), defendia que a religião era “um sistema de crenças e práticas em relação ao sagrado, que unem em uma mesma comunidade moral todos os que a ela aderem”. Desempenhando vários papéis em diferentes sociedades, o repertório religioso é capaz de fornecer aos adeptos o sentido que alimenta as subjetividades, além dos códigos morais e éticos que norteiam as condutas e práticas.

Para Durkheim (1912, *apud* Monaco, 2021) a religião é uma força coesiva, essencial para a manutenção da ordem social. Segundo ele, as práticas religiosas reforçam a solidariedade social ao promover um conjunto de crenças e rituais compartilhados que fortalecem os laços entre os membros da comunidade.

Uma religião é um sistema unificado de crenças e práticas referente a coisas sagradas, ou seja, coisas reservadas e proibidas – crenças e práticas que unificam numa comunidade moral única, designada por Igreja, todos aqueles que a elas aderem (Durkheim, 1912 *apud* Monaco, 2021, p. 955).

Através de rituais, sermões e textos sagrados, as instituições religiosas impõem um sistema moral que regula o comportamento individual e coletivo. Por exemplo, muitas religiões têm códigos de conduta específicos que seus seguidores devem observar, abrangendo desde regras sobre alimentação e vestuário até princípios éticos e morais. Essas normas não apenas orientam o comportamento dos indivíduos, mas também servem como critérios para julgar e sancionar desvios.

A identidade social é formada através de processos complexos que envolvem a internalização de normas, valores e crenças. A religião, com seu conjunto de doutrinas e práticas, proporciona solidez, em vários casos, para o processo de construção da identidade social. Diversos estudiosos, como o renomado antropólogo cultural americano Clifford Geertz, analisaram a influência da religião nesse processo, oferecendo uma compreensão profunda das dinâmicas envolvidas.

Ao analisarmos como os símbolos religiosos são carregados de significados profundos que transmitem valores e normas culturais, ajudando a unificar os membros da comunidade sob uma identidade comum, Geertz aponta que uma religião é:

[...] um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo concepções com tal aura de factualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (Geertz *apud* Asad, 2011, p. 265).

As narrativas religiosas, incluindo mitos, histórias sagradas e escrituras, também são fundamentais para a construção da identidade social. Essas narrativas fornecem um arcabouço através do qual os indivíduos entendem seu lugar no mundo e sua relação com os outros. Elas oferecem modelos de comportamento e moralidade, e através da repetição e da tradição, essas histórias tornam-se parte integrante da identidade coletiva. Comunidades religiosas oferecem

um espaço onde os indivíduos podem se conectar com outros que compartilham as mesmas crenças e valores. Esse sentimento de pertencimento é vital para a formação da identidade social, pois proporciona suporte emocional, social e espiritual.

Uma sociedade não é apenas um pensamento passageiro na cabeça de alguém; é um corpo acumulado de fatos - de língua, leis, costumes, ideias, valores, tradições, técnicas e produtos - interconectados e que existem de um modo completamente “externo” às mentes humanas individuais (Pals, 2019, p. 106).

A religião tem atuado, ao longo da história, como uma força poderosa na mobilização social e política. Movimentos religiosos frequentemente transcendem as questões espirituais para influenciar diretamente em mudanças sociais, culturais e políticas. Esse fenômeno pode ser observado em diversos contextos históricos, em que líderes religiosos e comunidades de fé, desempenharam papéis cruciais em transformações significativas.

Vale ressaltar que, embora a religião possa ser uma força unificadora, organizando-se grupos em torno de uma verdade comum, dando sentido e proteção contra inovações que ameaçam a coletividade, ela também pode ser fonte de conflito e divisão. Diferenças religiosas podem exacerbar tensões entre grupos, levando a conflitos identitários. Quando ocorre a exclusão daqueles que não compartilham das mesmas crenças, criam-se barreiras entre as comunidades e isso interfere diretamente na mobilização social e, por conseguinte, nas dinâmicas e políticas sociais nos mais variados contextos sociais, históricos e culturais. Armstrong (*apud* Oliveira, 2021, p. 423) ressalta que “todos os fundamentalismos obedecem a determinado padrão. São formas de espiritualidades combativas que surgiram como reação a alguma crise. Enfrentam inimigos cujas políticas e crenças secularistas parecem contrárias à religião”.

Sendo assim, seguindo o percurso religioso ao longo da história da humanidade, dos primórdios até a atualidade, a religião passou e ainda passa por mudanças constantes, se apresentando de forma condizente com a época e o contexto ao qual está inserida, moldando tanto a sociedade quanto os indivíduos, e também se deixando moldar por estes. Na busca por se enraizar, criar laços e vínculos perpetuados por gerações e gerações, cria uma memória que carrega consigo seus fundamentos, perpetuando-os através de rituais e simbologias, fazendo assim, com que sua adaptação histórico-temporal seja sutil.

As religiões tradicionais mudam, porém, sob o disfarce da continuidade que passa a impressão de uma atemporalidade de suas verdades fundacionais. Enfim, as religiões são tradicionais não porque não mudam, mas porque ocultam sua mudança (Camurça, 2023, *apud* Hervieu-Léger, 2024, p. 9).

Para se chegar ao entendimento que temos hoje, um longo e exegético percurso foi traçado. Revisitando o passado, observamos que é complexo determinar o momento exato em que as crença e práticas religiosas tiveram seu início na humanidade pois, segundo Cartré *et al* (2016, p. 32) “não é possível fossilizar crenças e idéias”. Dois marcos históricos, pré-história e “tempo axial”<sup>2</sup> (800-200 a. C.), foram fundamentais para a observação da espiritualidade humana. O primeiro remete ao momento em que os seres humanos assumem a postura ereta e, a partir de tal, começam a se relacionar com o mundo e iniciam o processo de questionamentos, criação de ferramentas, até o surgimento das primeiras crenças. Já o segundo marco, é o momento onde as grandes tradições espirituais e filosóficas, como o confucionismo, budismo, o pensamento grego e a fé judaico-cristã, começam a emergir e migram as crenças humanas do que se considera mito para a razão (Cartré *et al*, 2016).

Em seguida inicia-se o período histórico religioso do cristianismo primitivo<sup>3</sup>, que nasceu em meio a um cenário dinâmico e diverso, onde diferentes religiões, culturas e classes sociais conviviam entre si e, por vezes, se chocavam. As primeiras comunidades cristãs surgiram como pequenos grupos à margem da sociedade, longe dos grandes templos e dos rituais oficiais. Tentavam vivenciar o sagrado dentro da própria casa, no ambiente familiar, o que marcava uma ruptura clara com a religiosidade pública e hierarquizada do mundo pagão. O cristianismo primitivo, além de oferecer uma nova visão espiritual, propunha também uma nova forma de pensar a sociedade, o que desafiava a ordem estabelecida e apontava na direção da construção de um mundo mais justo e inclusivo, sendo então considerado mais que uma nova religião que impactaria nas dinâmicas de vida, relações humanas e compreensão do sagrado.

O cristianismo primitivo é uma religião sincrética com várias raízes. O judaísmo não foi o único berço do cristianismo primitivo, mas havia diversas outras correntes como o gnosticismo, religiões místicas gregas e orientais, magias, astrologia, politeísmo pagão, histórias de homens divinos (theoi andres) e seus milagres, filosofia helenista popular com a influência do culto pagão e não judeu, e também influência da imaginação e linguagem religiosa helenista na diáspora (Hengel, 1999 *apud* Izidoro, 2008, p. 62).

---

<sup>2</sup> “Tempo axial” - Termo utilizado, por Karl Jasper, para designar o período histórico ocorrido ao longo do primeiro milênio a.C. com o surgimento de uma nova matriz civilizacional, entre os anos 800-200 a.C. (Jasper, 2003 *apud* Cartré, 2016, p. 32).

<sup>3</sup> Cristianismo Primitivo - procedendo do judaísmo, implantou-se e desenvolveu-se em ambientes greco-romanos, assimilando, integrando, interagindo e reinterpretando muitos elementos socioculturais e categorias de pensamentos neles encontrados, especificamente de cunho religioso, culto de mistérios, hermetismos e gnosos pagãs (Izidoro, 2008).

Já na Idade Média, começa a tomar forma um pensamento cristão que une filosofia e teologia, moldando profundamente a cultura ocidental e a maneira como se entende a espiritualidade. Surge então o pensamento de que fé e razão não são opostas, mas complementares, sendo a fé a luz que orientaria a razão. Dentro desse cenário, dois grandes nomes se destacam - Santo Agostinho<sup>4</sup> e São Tomás de Aquino<sup>5</sup> - e, a partir das suas visões, a espiritualidade passa a ser entendida como um caminho de união com Deus, onde a alma tem papel central. O primeiro entende que o conhecimento verdadeiro e duradouro advém de uma iluminação divina da alma, e o segundo identifica a alma humana sendo como espiritual, imortal e unida ao corpo. Portanto, nesse contexto, o termo espiritualidade começa a ganhar espaço, se difunde e ganha novos significados, representando o que é imaterial em contraste com o mundo físico, e passa a ser relacionada à interioridade e à dimensão transcendente do ser humano.

É entre os séculos IX e XI que o termo *spiritualitas* se propaga, associado a uma vida segundo o Espírito de Deus, ou seja, tendo presente uma vida à luz da fé, dependente da graça divina. Nos primórdios do século XII o uso daquele vocábulo torna-se mais frequente, ganhando outros sentidos: (1) como algo imaterial que está em oposição à matéria, a realidades temporais, tangíveis; (2) “no âmbito da administração dos bens da Igreja (*vicarius in spiritualitate*), com significado, portanto, mais especificamente jurídico, em oposição a *materialitas*, que designa os bens temporais comuns” (Secondin, 2002, p. 31); (3) em sentido filosófico, em contraposição a *corporeitas/corporalitas* (Cartré *et al.*, 2016, p. 33).

A crise iniciada na Idade Média, causada por conflitos entre monarquia e igreja, que seguiam unidas pelo poder até então, vai dar início a movimentos que futuramente irão culminar num período histórico de extrema relevância, a Reforma Protestante, sendo essa um divisor de águas. A junção de crises humanitárias como a peste negra no século XIV e a inquietação de intelectuais que começaram a apresentar dúvidas sobre as superstições e crenças no século XV, foi o combustível necessário que abriria caminho para as transformações religiosas.

A história é constituída por acontecimentos e por indivíduos que participam da mesma ao longo do tempo. Cada período histórico detém em si, particularidades e elementos próprios que definem suas características. Dessarte, a fase marcada pela Reforma Protestante influenciou a história e seus indivíduos, metamorfoseando para sempre o conceito religioso, social, político, intelectual e econômico. O poder

<sup>4</sup> Santo Agostinho - foi um dos mais importantes teólogos e filósofos nos primeiros séculos do cristianismo. Informações em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Agostinho\\_de\\_Hipona](https://pt.wikipedia.org/wiki/Agostinho_de_Hipona)

<sup>5</sup> São Tomás de Aquino - foi um frade católico italiano cujas obras tiveram enorme influência na teologia e na filosofia, principalmente na tradição conhecida como Escolástica. Informações em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1s\\_de\\_Aquino](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1s_de_Aquino)

centralizado da monarquia desde a Idade Média, suscitou muitos conflitos entre os reis e a igreja (Bascope *et al*, 2022, p. 161).

Um dos expoentes que deu início a reforma, dentre outros, como por exemplo John Wycliffe (1328-1384) e John Huss (1369-1415), foi Martinho Lutero<sup>6</sup> (1483-1546). Suas inquietações em relação a fé e posturas da Igreja, em especial a venda de indulgências<sup>7</sup>, o levaram a se opor ao que considerava abusos da igreja católica. Suas convicções o levaram a produzir 95 teses, onde além de denúncias contra os abusos, apresentava propostas de volta às raízes da fé cristã, onde não se podia comprar a salvação, pois essa era dada por Deus, gratuitamente. Ele foi, então, excomungado e declarado fora da lei pelo Papa Leão X e o imperador Carlos V, respectivamente. Mesmo assim, ele continuou com seu trabalho, traduziu a Bíblia para o alemão, incentivou a alfabetização, fortaleceu a cultura e provocou transformações espirituais. Suas ideias deram origem ao Luteranismo e inspiraram correntes protestantes como o Calvinismo e o Anglicanismo (Bascope *et al*, 2022).

Oriundos da Reforma Protestante, o Calvinismo e o Anglicanismo também foram movimentos reformistas de extrema relevância na alteração ocorrida na estrutura de poder da igreja, onde o primeiro teve como base os ensinamentos de João Calvino<sup>8</sup>. Segundo ele, a salvação não era para todos, mas sim apenas para os escolhidos por Deus, que já nasciam predestinados. Também acreditava que atitudes como dedicação ao trabalho, disciplina pessoal e o hábito de economizar, eram elementos indispensáveis a um verdadeiro cristão. Tais valores, ao longo do tempo, foram moldando o comportamento de muitos fiéis da época, sendo importantes na construção do capitalismo. Já o Anglicanismo, apresentava um pensamento discordante e seu precursor foi Jacó Armínio<sup>9</sup> que baseou suas ideias na crença de salvação de todos, independente da predestinação. Para ele o homem tinha a liberdade de escolher, ou não, aceitar a salvação oferecida por Deus, assim o ser humano teria participação

---

<sup>6</sup> Martinho Lutero - monge e teólogo, nascido em Eisleben, Alemanha (1483). Foi responsável pelo início do movimento da reforma do Cristianismo no século XVI. Informações em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Martinho\\_Lutero](https://pt.wikipedia.org/wiki/Martinho_Lutero)

<sup>7</sup> Indulgência - oriunda do latim *indulgentia*, significa perdão ou misericórdia. A proposta da indulgência, apresentada pelo Arcebispo João IV, tinha o intuito de levar as pessoas a comprarem o perdão, para que pudessem ser perdoadas pelos pecados e salvas da ira divina. Essa “salvação” era concedida pela igreja católica através do Papa (Bascope *et al*, 2022).

<sup>8</sup> João Calvino - teólogo, líder religioso e escritor cristão francês, considerado como um dos principais líderes da Reforma Protestante, suas ideias tiveram influência não apenas sobre a teologia cristã, mas também na vida social, política e econômica tanto de sua época quanto na formação do mundo moderno. Informações em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o\\_Calvino](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Calvino)

<sup>9</sup> Jacó Armínio - teólogo, pastor e professor neerlandês da época da Reforma Protestante. Sua visão sobre a salvação tornou-se a base do Anglicanismo, também chamado Arminianismo e do movimento neerlandês Remonstrante. Informações em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jac%C3%B3\\_Arm%C3%ADnio](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jac%C3%B3_Arm%C3%ADnio)

na sua própria salvação, tirando assim, o protagonismo de Deus, apesar deste ser o responsável pela redenção (Nascimento, 2018).

Tais movimentos reformistas levaram a igreja a reagir, surgindo assim a Contrarreforma ou Reforma Católica como também é chamada. À medida que as igrejas protestantes, como a luterana, a calvinista e a anglicana, foram se difundindo e cada vez mais se consolidando, a ideia inicial de uma possível reconciliação se perdeu, dando lugar a contrarreforma como resposta da igreja católica.

Para além do combate à disseminação do protestantismo, a Contrarreforma, representou uma espécie de renovação interna da igreja católica que, mesmo que tenha mantido a sua doutrina tradicional sem mudanças profundas, passou a rever suas práticas e reforçar seus ensinamentos. A fim de tentar recuperar e fortalecer sua influência, esse processo culminou, assim, na origem de eventos importantes no percurso histórico das religiões, como por exemplo o Concílio de Trento<sup>10</sup> e a Ordem dos Jesuítas<sup>11</sup>.

A Contrarreforma, ao mesmo tempo que em alguns aspectos foi uma resposta aos protestantes, diminuindo e impedindo os seus avanços não apenas na Europa, mas também nas Américas, também foi em outros aspectos uma reforma interna, gerando mudanças dentro do próprio catolicismo, mudanças que iriam permanecer por mais de 400 anos até 1961 com o Concílio do Vaticano II<sup>12</sup> (Modes; Diniz; Horing, 2020, p. 87).

O período que sucedeu a Contrarreforma foi marcado por inúmeras mudanças científicas, sociais, políticas, econômicas e religiosas, até que nos séculos XVII e XVIII chegamos ao Iluminismo<sup>13</sup>. Este período, de maneira geral, foi considerado uma época de valorização da razão, críticas às tradições e emancipação intelectual, com repercussão direta no progresso científico e social.

---

<sup>10</sup> Concílio de Trento: realizado entre as décadas de 1540 e 1560, teve como objetivo principal reafirmar os dogmas da Igreja Católica. Informações em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/concilio-trento.htm>

<sup>11</sup> Ordem dos Jesuítas: ordem fundada em 1534 por estudantes da Universidade de Paris, liderados pelo basco Iñigo Lopes de Loyola, conhecidos posteriormente como Santo Inácio de Loyola. A congregação foi reconhecida por bula papal em 1540. É hoje conhecida principalmente por seu trabalho missionário e educacional. Informações em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia\\_de\\_Jesus](https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_de_Jesus)

<sup>12</sup> Concílio do Vaticano II: XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, convocado em 25 de dezembro de 1961 através da Constituição Apostólica “Humanae Salutis”, pelo Papa João XXIII. Foi realizado em 4 sessões, terminando em dezembro de 1965 já sob o comando do Papa Paulo VI. Informações em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlio\\_Vaticano\\_II](https://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlio_Vaticano_II)

<sup>13</sup> Iluminismo: movimento cultural e filosófico, se desenvolveu no decorrer do século XVIII conhecido como Século das Luzes. É difícil caracterizar com precisão esse movimento, pois para a sua formação concorreram fatores culturais, sociais e locais, específicos aos diferentes países e pensadores, destacando-se nomes como Locke, Voltaire, Diderot, Rousseau e Kant. Informações em: [https://www.uces.br/ucs/tplcinfo/eventos/cinfo/artigos/artigos/arquivos/eixo\\_tematico9/Educacao%20e%20Autonomia%20no%20Iluminismo.pdf](https://www.uces.br/ucs/tplcinfo/eventos/cinfo/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico9/Educacao%20e%20Autonomia%20no%20Iluminismo.pdf)

Os iluministas acreditavam que a educação era o caminho para transformação da sociedade, defendiam uma reorganização do ensino, baseada nos valores civis, práticos e científicos, buscando uma maior liberdade, consciência, participação e responsabilidade dos indivíduos. O pensamento filosófico, presente neste período, foi marcado por debates intensos e grande variedade de ideias, que fizeram da época um período de confronto intelectual, sempre empenhados no avanço da razão e da justiça.

[...] são os iluministas, de fato, que delineiam uma renovação dos fins da educação, bem como dos métodos e depois das instituições, em primeiro lugar da escola, que deve reorganizar-se sobre bases estatais e segundo finalidades civis, devendo promover programas de estudo radicalmente novos, funcionais para a formação do homem moderno (mais livre, mais vivo, mais responsável na sociedade) e nutridos de “espírito burguês” (utilitário e científico) (CAMBI, 1999, p.336 *apud* ZENI, 2010, p. 3).

Essa racionalização iluminista impacta diretamente na religião, pois coloca em cheque a existência da alma e a existência real de Deus. Neste período, o foco era comprovar todos os fenômenos da vida de forma científica. Como aponta Emerson Sena (2024, p. 59), “a religião é vista como resultante da ignorância e da superstição. Teologia e crenças religiosas seriam projeções humanas nascidas da ignorância/mistificação de seus beneficiários, como a Igreja”.

Destarte, percebemos que tais mudanças no cenário social, cultural e religioso, alteram as dinâmicas de poder existente, e colocam a história da Humanidade em uma nova fase: a secularização. A perda da hegemonia religiosa e o avanço científico da época, corroboram com a possibilidade de descrença no transcendente e uso da ciência para resolução de questões humanas até então analisadas e justificadas à luz das religiões. Segundo Pondé (2013, p. 169), “numa linguagem de senso comum, isso significa que as pessoas, mesmo que permaneçam crentes, buscam respostas tecnocientíficas para as demandas humanas, tais como compreender o universo ou curar doenças”.

Inicialmente acreditava-se que todo esse processo de secularização que levaria a Igreja a perder sua força seria seu fim mas, como mencionado no início do texto, isso não aconteceu, ela sofreu sim os impactos da secularização, mas vem se adaptando e permanece ativa. Berger (2001) aponta que: “Algumas instituições religiosas perderam poder e influência em muitas sociedades, mas crenças e práticas religiosas antigas ou novas permaneceram na vida das pessoas, às vezes assumindo novas formas institucionais e às vezes levando a grandes explosões de fervor religioso” (p. 10).

Na modernidade, as sociedades são marcadas pela ruptura da dependência dos indivíduos com o religioso, o que antes era tido como essência passa a ser questionado e colocado em xeque, o poder atribuído ao transcendente, a Deus, passa para a mão do homem, que se torna o responsável por sua vida de forma geral. A racionalidade moderna viabilizou avanços em diversas áreas da sociedade e se tornou essencial na construção do mundo em que vivemos hoje. No entanto, fez com que questões como os saberes ligados à religião, ao mito, aos símbolos e à intuição, se tornassem desvalorizados, tidos como inferiores.

Assim a experiência humana adquiriu uma visão limitada, como se somente o que pode ser comprovado cientificamente, pudesse ser digno de consideração. No entanto, é preciso compreender que a racionalidade não é neutra, ela é carregada de ideias, preferências e tenta definir o que pode ou não ser legítimo, influenciando diretamente no nosso entendimento acerca do que é verdadeiro, plausível ou até mesmo sagrado.

Toda sociedade concreta, sempre associa, em proporções variadas, elementos que dependem um do outro. Mas, ao destacar essa oposição, provavelmente se toca com o traço mais fundamental da Modernidade, que é aquele que marca a cisão com o mundo da tradição: a afirmação segundo a qual o homem é legislador da sua própria vida, capaz igualmente, em cooperação com os outros no centro do corpo-cidadão que com eles forma, de determinar as orientações que pretende dar ao mundo que o rodeia (Hervieu-Léger, 2015, p. 32-33).

O homem ao tomar para si as rédeas da própria vida inicia uma cisão na dependência com a religião e a construção de sociedades laicizadas. Esse movimento leva a criação de sociedades mais livres, onde a fé deixa de ser uma imposição coletiva e adquire o status de escolha pessoal.

Como já observamos, a religião não desaparece, somente muda de lugar, saindo do centro das decisões públicas para o âmbito individual. Assim, o controle que antes a Igreja exercia, tanto religioso quanto político, perde força e começamos a perceber as sociedades se organizando de forma laica, onde se tem a ideia de que o estado não deve ser comandado por uma religião específica nem interferir na crença pessoal de indivíduo. Desta forma, manter Estado e Igreja separados, garantiria a liberdade individual para professar a fé, seja ela qual for, ou até mesmo uma não adesão à religião alguma, reafirmando uma autonomia neste campo.

A “secularização” das sociedades modernas não se resume, portanto, apenas ao processo de evicção social e cultural da religião com o qual ela é confundida, muitas vezes. Ela combina, de maneira complexa, a perda da influência dos grandes sistemas religiosos sobre uma sociedade que reivindica sua plena capacidade de

orientar ela mesma seu destino, e a recomposição, sob uma forma nova, das representações religiosas que permitiram a esta sociedade pensar a si mesma como autônoma (Hervieu-Léger, 2024, p. 37).

No Brasil, o processo histórico religioso percorreu todas as etapas, chegando ao que se pode chamar de Estado secular e laico, percurso esse que teve seu marco de transição com a cisão entre Estado e Igreja. Giumbelli (2008, p. 81-82), destaca que esse foi o período da “aurora republicana”, onde

[...] o ensino é declarado leigo, os registros civis deixam de ser eclesiásticos, o casamento torna-se civil, os cemitérios são secularizados; ao mesmo tempo incorporam-se princípios da liberdade religiosa e da igualdade dos grupos confessionais, o que daria legitimidade ao pluralismo espiritual.

O religioso e o político por muito tempo se confundiram, tornando sensível e complexa a presença da religião nos espaços públicos. No Brasil, existem legislações que asseguram essa separação entre Estado e Igreja. A Constituição Federal, por exemplo, possui artigos específicos sobre o tema, tornando a liberdade religiosa um direito inviolável. Rodrigues (2013) descreve que “o Estado declara-se separado das religiões e essa condição se traduz na qualidade de laico [...]”<sup>14</sup>.

Essa separação entre Estado e religião, se apresenta de forma branda no cenário brasileiro, sendo possível perceber a presença da religião, ainda que de forma discreta ou não, na esfera pública. O que configura uma proibição, no sentido da interferência do Estado, por força da lei, mas não uma ausência completa da religião, nos espaços.

Assim, para que haja uma compreensão acerca do que é a laicidade, em especial no contexto brasileiro, devemos observá-la a partir de três pilares: a separação entre estado e religião, onde o governo não deve favorecer nem interferir nas crenças individuais, mas deve garantir que todos possam professá-la livremente; a igualdade, pela qual o Estado deve tratar todos com isonomia, enquanto as religiões não podem impor práticas que interfiram no interesse público e; por fim, a liberdade que assegura o direito de cada um seguir suas convicções (Giumbelli, 2004).

### **1.1.2 Religião e Espiritualidade**

---

<sup>14</sup> Estado Laico: O Estado declara-se separado das religiões e essa condição se traduz na qualidade de laico, isto é: não cabe ao Estado favorecer instituição religiosa, manter relação de dependência ou embaraçar-lhe o funcionamento, a não ser que haja prenúncio de ameaça ao bem-estar social (Rodrigues, 2013, p. 151).

Mas afinal, o que é religião? Podemos percebê-la como um fenômeno complexo e amplamente estudado por diversos autores renomados nas áreas da filosofia, sociologia, história, psicologia, teologia etc. Assim sendo, múltiplos conceitos são apresentados, transitando entre o entendimento de que a religião pode ser um instrumento de controle social, até a percepção de que ela contribui na transformação pessoal dos indivíduos, na busca por conexões com o transcendente e na construção identitária.

Para ilustrar, trazemos aqui alguns dos pensadores e suas abordagens que traçaram diferentes conceitos acerca da religião ou religiões, sendo eles Émile Durkheim, com a visão de que a religião tem uma função social; Karl Marx, que entende a religião como uma forma de alienação como forma de fuga da opressão; Max Weber, que a partir de uma perspectiva sociológica a vê como orientadora das condutas sociais; Edward Tylor, que busca analisar a religião com uma visão antropológica e observa a crença em seres espirituais e indica a questão evolucionista onde a religião migra do animismo para o politeísmo e o monoteísmo; William James, com sua perspectiva psicológica, apresentando a religião como uma experiência subjetiva dos indivíduos, tendo assim um impacto na vida pessoal de cada um; e Mircea Eliade, que apresenta uma perspectiva onde a religião representa a relação do ser humano com o sagrado, oferecendo estrutura simbólica e conferindo sentido a à existência (Pals, 2019).

Também temos Rubem Alves, com sua perspectiva existencialista da religião, colocando-a de forma poética, sensível e misteriosa. Para o autor, a religião não deve ser entendida como um sistema doutrinário, mas sim como uma busca do ser humano pelo transcendente. “E é quando a dor bate à porta e se esgotam os recursos da técnica que nas pessoas acordam os videntes, os exorcistas, os mágicos, os curadores, os benzedores, os sacerdotes, os profetas e poetas, aquele que reza e suplica, sem saber direito a quem [...]” (Alves, 2014, p. 12).

Entretanto, observa-se que quanto mais se enraíza no cerne da questão, chega-se à conclusão de que problematizar tal ponto talvez venha a ser desnecessário, como aponta Pieper (2019), ao nos lembrar de que este é um conceito já existente há algum tempo no senso comum. E, ainda, a nossa capacidade de separá-lo das outras esferas da sociedade e identificar seus limites e horizontes, mostra que na modernidade, o conceito de religião já faz parte do cotidiano, tanto social quanto acadêmico.

É usual a suspeita com relação à religião. Mas, não sobre o conceito de religião. Afinal, todos sabemos o que é religião; todos temos uma resposta pronta para a pergunta sobre o que é religião. Não possuímos apenas uma resposta teórica, mas

conseguimos identificá-la ao redor, diferenciando religião de outras esferas sociais como a política, a econômica, a estética, etc. Alguns se empenham, por exemplo, em mostrar o caráter opressivo e violento da religião; outros defendem a radical separação entre política e religião. Ora, para afirmar uma separação entre essas instâncias, é preciso que elas estejam bem delimitadas (Pieper, 2019, p. 8).

Talvez não seja possível afirmar um único conceito como verdadeiro para definir o que é religião, o que nos importa aqui é como a religião se comporta, interfere e sofre interferências, tanto na sociedade quanto na vida dos indivíduos, de forma geral.

Pode-se contestar um estudo da vida religiosa mundial em sua amplíssima variedade a partir de uma perspectiva oposta: não pelo fato de ele ser indigno de nós, mas de estar acima de nossa competência. Segundo esse argumento, todas as religiões (não só a nossa) lidam, de certa forma, com o que é sagrado, transcendente, infinito; e que, por isso, qualquer tentativa de submetê-las à análise racional, a investigação empírica, à comparação e à interpretação humana não apenas seria ímpia, mas também inútil (Smith, 2006, p. 135).

Devemos considerar a adesão religiosa ou espiritual para além dos momentos de crise, entendê-la como uma parte da construção identitária do indivíduo. Nessa perspectiva ela deixa de ser uma ferramenta de enfrentamento e passa a representar um elemento que fomenta a busca por significado e conexão com o transcendente. A partir dessa construção identitária, a religião e a espiritualidade, já introjetadas no indivíduo, diante de uma crise, poderão ser o pilar de sustentação que ajudará a ressignificar o momento de sofrimento ao qual o indivíduo enfrenta, proporcionando a ele sentimentos acolhedores como pertencimento e identidade.

Cabe aqui mencionar que o pluralismo religioso, que não é uma manifestação recente, está presente desde os primórdios, tanto no cristianismo e judaísmo como na mitologia grega. O mundo como se apresenta hoje, nos proporciona contato íntimo com as diversas religiões, indo muito além da convivência física, que pode ser pacífica ou não. Ao contrário dos nossos antepassados, temos hoje acesso a informações ricas e confiáveis sobre várias tradições religiosas, suas crenças, ritos e mitos. Hoje, as religiões que antes pareciam distantes, quase exóticas, tornaram-se próximas e estão presentes no nosso cotidiano, não sendo mais possível vê-las como ideias abstratas, pois estão ao alcance de todos.

O inter-religioso é um fenômeno social e cultural ao mesmo tempo. Em sentido social trata-se de uma interação de minorias religiosas importantes e ativas (uma situação que caracteriza o subcontinente indiano há muito tempo, ainda que também a Europa ocidental contemporânea, com a presença de milhões de mulçumanos e de comunidades budistas, hindus ou sikhs, junto aos cristãos e judeus), trabalhadores emigrados, refugiados econômicos e políticos, estudantes, executivos profissionais que por seu trabalho levam um tipo de vida cosmopolita como cidadãos

internacionais ou cidadãos do mundo; há também a multiplicação dos casamentos mistos em sentido religioso e a formação religiosa das crianças; há também a difusão de informações e de emissões religiosas diversificadas nos meios de comunicação (Jean-Claude Basset, 1999 *apud* Vigil, 2006, p. 31).

Não podemos falar de religião sem falar de espiritualidade, pois essas caminham lado a lado. A pesquisa não busca sanar todos os questionamentos acerca dos temas religião e espiritualidade, uma vez que isso seria impossível perante a magnitude por trás de tais conceitos. Nosso foco é buscar um breve entendimento de como a religião e a espiritualidade podem ser utilizadas como instrumento que auxilia na construção da resiliência.

Zangari (2022) nos apresenta alguns conceitos, como o de religião, religiosidade, espiritualidade e sagrado, que quando relacionados com a saúde, nos proporcionam maior clareza acerca do que os sujeitos buscam encontrar quando recorrem ao transcendente. Religião está ligada a um modo de vida, de conduta, de moral, a uma prática institucionalizada e coletiva; a religiosidade abarca a dimensão individual do sujeito e a forma como esse vive e entende sua religião; a espiritualidade é aquilo que dá sentido à vida, conecta o indivíduo a algo maior, pode ser religiosa, quando ligada à religião, ou não religiosa, quando for ligada a atividades que promovam sentido; já o sagrado é o que se encontra no centro da espiritualidade, podendo ser religioso ou não.

Também Frankl (2016, *apud* Oliveira, 2019), aponta a religiosidade como instrumento que direciona o homem na busca do sentido da vida, e essa por vezes é transpassada por valores morais e até mesmo pela institucionalização das religiões, o que pode, em diversos momentos, alterar a experiência vivida pelos sujeitos em relação a sua religiosidade. “A religiosidade [...] só é genuína quando existencial, quando a pessoa não é impelida para ela, mas se decide por ela. [...] A religiosidade verdadeira, para que seja existencial, deve ser dado o tempo necessário para que possa brotar espontaneamente” (Frankl, 2016, p. 69 *apud* Oliveira, 2019, p. 28).

Desta forma, percebemos que a espiritualidade, assim como a religião, é objeto de estudo de diversos pesquisadores, e seu conceito não é consenso para eles. Algumas vezes pode ser entendido como o mesmo que religião e outras vezes como um novo modo peculiar de acessar o transcendente.

Calvani (2014) aponta que tanto a religiosidade quanto a espiritualidade são representações das crenças dos sujeitos, enquanto a religiosidade se apresenta de forma mais teológica e institucionalizada, a espiritualidade tende a abranger questões ligadas a sistemas de crenças informais, mas ao mesmo tempo de extrema relevância para o adepto. Segundo

Costa e Leite (2009), a espiritualidade é e está diretamente ligada à religião, ambas imbricadas na construção da resiliência do sujeito. Tendo em vista a relação entre espiritualidade e resiliência, vemos, a partir de Mariosa e Lages (2022), que a espiritualidade compreende algo que compõe a essência humana e nos permite estar em harmonia com o mundo, e assim possibilitando a resiliência.

A espiritualidade então pode ser vista como um tipo de concepção mais inclinada ao âmbito do imaterial, do sagrado, do transcendente; cuja plenitude se dá, justamente, pois existe para além do que os olhos podem ver. O contato com o transcendente seria capaz de suprir as ausências causadas pelo desejo, confortando as angústias. O conceito de espiritualidade transitou entre uma linha tênue, desde a tentativa de apropriação por parte das religiões institucionalizadas e da teologia cristã até seu enquadramento em concepção não religiosa. Na área da saúde, por exemplo, esse conceito de espiritualidade não religiosa, dessacralizada, teve maior aceitação, pois ao se deparar com problemas de saúde, de gravidades diversas, o sujeito sente a necessidade de buscar algum auxílio para além dos cuidados médicos tradicionais, e dessa forma enfrentar tais dificuldades de maneira mais serena.

Podendo ser percebida como algo intrínseco ao ser humano, a espiritualidade não depende de religião ou crença no transcendente, não sendo necessário fé em Deus ou adesão a uma doutrina religiosa institucionalizada ou não. Nesse sentido Giovanetti (2005 *apud* Oliveira, 2019) propõe o que ele chama de espiritualidade arreligiosa, a qual nasceria internamente em cada indivíduo e se expressaria na forma com que este se relaciona consigo, com os outros e com o mundo, marcada pela autenticidade, por valores profundos e pela busca de sentido para a vida. Rubem Alves (2014) explicita, de maneira clara e concisa, o que seria o sentido da vida quando nos diz:

O sentido da vida é algo que se experimenta emocionalmente sem que se saiba explicar ou justificar... É uma transformação de nossa visão de mundo, na qual as coisas se integram como em uma melodia, o que nos faz sentir reconciliados com o universo ao nosso redor, possuídos por um sentimento oceânico, [...] sensação inefável de eternidade, de comunhão com algo que nos transcende, envolve e embala, como se fosse um útero materno de dimensões cósmicas (p. 120).

Segundo Leite, Stern e Guerriero (2021), a noção atual de espiritualidade, tem raízes no esoterismo europeu e vem sendo moldada ao longo do tempo, mantendo o diálogo com as transformações históricas do século XV. Com o passar dos séculos, especialmente durante

movimentos como o Romantismo<sup>15</sup> e o Ocultismo<sup>16</sup> e, mais adiante, a Nova Era<sup>17</sup>, tradições como o hinduísmo, o budismo e diferentes práticas xamânicas passaram a ser interpretadas por um olhar ocidental que, ao mesmo tempo em que se encantava com essas culturas, também lhes atribuía novos significados, mas muitas vezes distantes de seus sentidos originais. Essa releitura se dava a partir de valores seculares e de um desejo de encontrar novos caminhos espirituais fora das religiões tradicionais. Se antes o pensamento esotérico era visto com desconfiança no meio científico, hoje ele se faz presente, de forma crescente, em instituições reconhecidas - inclusive na medicina. Essa mudança revela como ideias antes marginais vêm ganhando espaço e contribuindo para uma visão mais ampla do cuidado com a saúde e com o ser humano.

Citando alguns exemplos, em 1984, durante a 37ª Assembléia Mundial de Saúde, sugeriu-se incluir a “dimensão espiritual” ao programa de estratégias da saúde dos Estados membros da Organização Mundial de Saúde (OMS). Já em 1998 a Organização elaborou um documento discriminando os conceitos de religião, religiosidade e espiritualidade. Para a entidade, religião seria “ a crença em um poder sobrenatural dominante, em um criador ou controlador do universo, que deu ao ser humano uma natureza espiritual eterna, que continua a existir mesmo após a morte do corpo” (Who, 1998, p. 7, *apud* Leite; Stern; Guerriero, 2021, p. 1024).

Assim, ao estudarmos religião e espiritualidade, percebemos essa conexão, e até em alguns casos uma sobreposição entre elas, mesmo que representem vivências distintas. A religião costuma estar ligada à participação em tradições organizadas, com rituais, crenças e normas, baseadas em experiências coletivas, enquanto a espiritualidade tende para experiências íntimas e subjetivas, uma busca pessoal por conexão com o transcendente, podendo estar ou não vinculada a uma religião institucionalizada. Embora sutil, essa distinção é muito importante para a compreensão da diversidade de formas com as quais os sujeitos se relacionam com o sagrado.

---

<sup>15</sup> Romantismo – movimento artístico que surgiu na Europa no final do século XVIII e teve seu auge entre 1800 e 1850, valorizava a emoção, o individualismo, a natureza e o passado, especialmente a Idade Média, em oposição aos ideais clássicos e à racionalidade iluminista. Surgiu também como reação à Revolução Industrial e ao cientificismo da época. Informações em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Romantismo>

<sup>16</sup> Ocultismo – entendido como um conjunto vasto, um corpo de doutrinas provenientes de uma tradição primordial que se encontraria na origem de todas as religiões e de todas as filosofias, mesmo as que, aparentemente, dele parecem afastar-se ou contradizê-lo. Informações em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ocultismo>

<sup>17</sup> Nova Era - movimento que se espalhou entre as comunidades religiosas ocultistas e metafísicas nas décadas de 1970 e 1980. São defensores do esoterismo moderno, uma perspectiva religiosa baseada na aquisição de conhecimento místico e popular no ocidente desde o século II. Informações em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/New\\_age](https://pt.wikipedia.org/wiki/New_age)

## 1.2 A SAÚDE

Quando na modernidade a religião começa a perder seu papel de moldar a vida comum e passa a ser apenas mais uma esfera dentro da sociedade, ao lado das esferas econômica, política, etc., a medicina começa a alçar voos mais altos e novos conceitos surgem. A saúde, então, passa a ser entendida como sistema complexo, marcado por sua imprecisão, dinamismo e abrangência, indo além do simples conceito de saúde como ausência de doença. Pode-se considerar a saúde como resultado de condições biopsicossociais, que fomentam a estrutura da vida do sujeito, e ela necessita de meios que assegurem acesso a todos os bens e serviços necessários para que se tenha uma vida digna (Ministério da Saúde, 1986).

O desenvolvimento científico e tecnológico, impulsiona esse entendimento mais ampliado de saúde, que passa a fazer parte de um todo, dinâmico, e necessita ser adaptado aos diversos contextos - social, histórico, político, econômico, religioso - ou seja, com todos os meios de interação do ser humano. A saúde se encontra como alvo de reflexões profundas, às quais buscam entender o que realmente poderíamos considerar saudável ou não. Desta forma, defini-la vai além de se construir um simples conceito, tem implicações em vários âmbitos da vida, desde uma diferenciação entre saúde e doença, até implicações sociais, econômicas e políticas.

### 1.2.1 O conceito de saúde

A Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>18</sup> define saúde para além da ausência de doenças, incluindo no conceito, o bem-estar físico, mental e social. Ela segue, assim, a perspectiva de que o ser humano não é simplesmente um integrante do universo, e sim que ele está em constante reciprocidade com os outros e com o meio. Não podemos deixar de mencionar a utopia de tal definição, haja vista que a vida em sociedade é perpassada por diversos fatores que impactam a qualidade de vida e por consequência, a saúde do sujeito (Oliveira, 2019, Segre; Ferraz, 1997).

Uma outra abordagem em relação ao conceito de saúde gira em torno da ideia de que essa não seria a ausência de doenças, e sim o seu enfrentamento e superação. Canguilhem (2006) estuda a doença na perspectiva de que a partir dela a saúde é construída. O autor

---

<sup>18</sup> OMS: É uma agência especializada em saúde, fundada em 7 de abril de 1948 e subordinada à Organização das Nações Unidas. Tem por objetivo desenvolver ao máximo possível o nível de saúde de todos os povos. Informações em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o\\_Mundial\\_da\\_Sa%C3%Bade](https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_Mundial_da_Sa%C3%Bade)

coloca o indivíduo, a partir de sua avaliação pessoal, como o mais indicado para identificar alterações no seu estado fisiológico, relatando os sinais e sintomas que levam ao diagnóstico da patologia presente no seu organismo.

A fronteira entre o normal e o patológico é imprecisa para diversos indivíduos considerados simultaneamente, mas é perfeitamente precisa para um único indivíduo considerado sucessivamente. Aquilo que é normal, apesar de ser normativo em determinadas condições, pode se tornar patológico em outras situações, se permanecer inalterado (Canguilhem, 2006, p. 59).

Devido a sua importância, a saúde ocupa um espaço de destaque na administração pública. No Brasil está presente na Constituição Federal, onde é considerada um dos fundamentos brasileiros. Neste documento, a saúde é entendida como “um direito de todos e dever do Estado” (Brasil, 1988, s.p.). Nessa perspectiva, deveria ser fornecida de forma integral e igualitária, mediante o desenvolvimento e aplicação de políticas públicas sociais e econômicas, com o intuito de mitigar a exposição a agentes causadores de doença e da mesma forma fomentar a sua prevenção, desta forma promovendo saúde.

Em sentido amplo, a saúde é resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. Sendo assim, é principalmente resultado das formas de organização social, de produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida (Brasil, 1986, p. 4).

A criação do Sistema Único de Saúde (SUS), também presente na Constituição Federal e em outras legislações e normas, marca mudanças importantes no sistema de saúde brasileiro. Inicialmente, tal sistema tinha influência do setor privado e seus serviços eram limitados e aplicados de forma assistencialista. Com a Reforma Sanitária da década de 1970, reforça-se a ideia de que não seria possível se atingir a saúde se essa fosse separada das demais esferas da vida do sujeito. Assim, o SUS ganhou forma e legislações específicas, com as Leis nº 8.080 e 8.142, tendo como base princípios de dignidade, igualdade e integralidade (Paim, 2018).

Indo muito além do que a prevenção e o tratamento de doenças, para entender o que realmente é saúde, devemos levar em conta a sua complexidade, o cuidado integral, ético e individualizado, buscando sempre a valorização do ser humano, respeitando suas crenças e modo de vida e proporcionando acolhimento e cuidado.

### 1.2.2 Desenvolvimento do Modelo Biomédico

Na antiguidade, tanto a ordem social quanto as práticas médicas eram de responsabilidade dos líderes espirituais, que deveriam, através de várias práticas ritualísticas, uso de plantas, danças, instrumentos musicais, dentre outros, curar as doenças, eliminando os espíritos maus que as causavam. Batistella (2007, p. 29) relata que “[...] a partir do conjunto de relações sociais estabelecidas no interior de uma comunidade e de uma cosmogonia própria, os vínculos desenvolvidos entre o curandeiro e o doente, são fundamentais no processo de cura”.

Historicamente a humanidade teve sua evolução acompanhada pelo surgimento e desenvolvimento das doenças, a forma como as sociedades eram construídas e o modo de vida de cada época, impactava diretamente na convivência, harmoniosa ou não, dos microrganismos com o homem. Também as crenças e formas de ver a vida, misticamente ou racionalmente, em cada época foram marcos que determinaram tanto o entendimento quanto o tratamento e prevenção das doenças.

A doença, no entanto, sempre esteve presente no desenvolvimento da humanidade. Estudos de paleontologia relatam a ocorrência, há mais de três mil anos, de diversas doenças que até hoje aflige a humanidade. Esquistossomose, varíola, tuberculose foram encontradas em múmias, restos de esqueletos e retratadas em pinturas tanto no Egito como entre os índios pré-colombianos. Também podem ser encontrados relatos de epidemias na Ilíada e no Velho Testamento (Batistella, 2007, p. 28).

Com o desenvolvimento da vida em sociedade, também as doenças se desenvolveram, disseminando-se pelo contato com animais, falta de saneamento, armazenamento de alimentos, o comércio interno e externo nessas comunidades, guerras, escavações, tráfico de escravizados, dentre tantas outras práticas sociais. Porém, não só as doenças evoluíram, como também a forma de tratá-las e preveni-las, seja pelo avanço nas descobertas dos microrganismos que as causavam e a forma de combate a elas, como pela aplicabilidade de atitudes como organização social, higiene, saneamento, dentre outros.

O adoecimento e o cuidado, analisados numa perspectiva histórico cultural, se manifestam como condições sociais com diversos significados, a depender do contexto ao qual estão inseridos. No período medieval, por exemplo, as doenças eram vistas como representação de pecado que necessitava ser purificado espiritualmente, mesmo com os ensinamentos grego e romano acerca da medicina. As instituições hospitalares eram administradas pela igreja, os doentes eram acolhidos e o tratamento, além das terapias

medicinais, era composto por conforto e oração, havendo assim um entrelaçamento entre a prática médica e os valores religiosos, na busca para a cura tanto do corpo quanto da alma (Batistella, 2007).

Assim, a maneira como entendemos a saúde e a doença, reflete a forma como os sujeitos, em cada época, se relacionavam consigo mesmo e com a sociedade, e como faziam a conexão entre corpo, espírito e meio ambiente. Acompanhando a história da medicina, percebemos que essas relações se transformaram ao longo dos séculos, culminando em diferentes formas de se viver, e assim identificar o que pode ser considerado saúde ou doença.

As perspectivas filosófica e ontológica sobre as doenças foram os caminhos seguidos ao longo da história da medicina. A primeira, proposta inicialmente por Hipócrates, via a doença como um desequilíbrio entre forças da natureza que impactava diretamente na vida dos indivíduos como um todo: corpo, mente e ambiente. Já a segunda perspectiva entendia a doença como algo vindo do exterior da pessoa, atingindo partes específicas do corpo e pode estar em constante mudança (Albuquerque; Oliveira, 2002).

A medicina ocidental teve suas origens na Grécia antiga, por volta do século V a.C., momento histórico marcado pelo afastamento das concepções mágico-religiosas que eram o cerne das civilizações da época, como a mesopotâmica e a egípcia. Tal revolução médico científica é motivada por Hipócrates, quando esse passou a defender que as doenças não eram causadas por forças sobrenaturais, mas sim por processos naturais que poderiam ser compreendidos, previstos e até mesmo controlados. A medicina então, passou a buscar explicações racionais para o funcionamento do corpo humano e a aplicar uma abordagem terapêutica mais precisa, pautada nos princípios da natureza.

De facto, Hipócrates, acompanhando o racionalismo e o naturalismo dos filósofos da época, defendeu que as doenças não eram causadas por demônios ou por deuses, mas por causas naturais que obedecem a leis também naturais. Propôs, por isso, que os procedimentos terapêuticos se baseassem numa base racional, com o objetivo de corrigir os efeitos nocivos das forças naturais. Com ele, a medicina afastou-se do misticismo e do endeusamento e baseou-se na observação objetiva e no raciocínio dedutivo (Albuquerque; Oliveira, 2002, p. 3).

Ainda nessa perspectiva hipocrática, a pessoa era considerada saudável quando seu organismo mantinha os humores corporais<sup>19</sup> em equilíbrio, e a doença seria o desequilíbrio

---

<sup>19</sup> Humores corporais - Eram representados pelo sangue, pelas bílis amarela e negra e pela linfa ou fleuma. Estes quatro fluidos primários eram constantemente renovados pela comida que é ingerida e digerida. O sangue originava-se no coração, a bílis amarela no fígado, a bílis negra no baço e o fleuma no cérebro (Albuquerque; Oliveira, 2002). Informações em: <http://hdl.handle.net/10400.19/635>

desses humores, tanto internamente quanto em relação ao meio ambiente. Essa concepção de saúde e doença via o corpo humano em constante diálogo com o ambiente em que estava inserido, destarte, acreditava-se que a saúde não se limitava ao funcionamento interno do organismo. A teoria de controle dos humores foi base para a aplicabilidade médica no controle de doenças, durante longo período, até o século XIX.

O tratamento que os médicos prescreviam, na intenção de eliminar o humor em excesso no organismo, tinha por alvo as substâncias causadoras de diarreia ou vômito, e pela mesma razão começaram a ser empregadas na Medicina romana as sangrias para a eliminação do humor sangue. E, com certeza, agravou o estado de muitos pacientes portadores de estados infecciosos (Ujvari, 2022, p. 16).

O modelo biomédico conforme conhecemos hoje remonta ao século XVII, quando a ciência começou a ganhar destaque e alterou a forma como o mundo era compreendido. Nomes como Galileu, Descartes, Newton e Bacon mudaram a perspectiva acerca da realidade, que pode ser entendida como algo mecânico e previsível, visão essa reducionista, que colocava a natureza e o ser humano como peças que podiam ser analisadas, separadas e explicadas por leis matemáticas.

Newton via o universo como formado por partículas materiais, que se encaixavam no espaço e no tempo através da gravidade. A partir dessa lógica, clara e ordenada, a ciência encontrava suporte para se tornar objetiva, aplicando à biologia e à medicina a ideia de que o corpo humano funciona tal qual uma máquina, podendo ser repartido em partes, órgãos e tecidos, cada um com sua funcionalidade e podendo ser estudado separadamente.

O modelo biomédico respondeu às grandes questões de saúde que se manifestavam na época, definindo a teoria do germe. Esta, dentro do espírito cartesiano, postulava que um organismo patogênico específico estava associado a uma doença específica, fornecendo assim as bases conceituais necessárias para combater as epidemias. O novo modelo, segundo Ribeiro (1993), permitiu enormes progressos na teoria e na investigação, reorientando a prática e a investigação médicas à volta de três critérios: a) a ênfase anterior, no princípio de que todos os sistemas corporais funcionam como um todo, foi substituída pela tendência a reduzir os sistemas a pequenas partes, podendo cada uma delas ser considerada separadamente; b) simultaneamente, o indivíduo, com suas características particulares e idiossincráticas, deixou de ser o centro da atenção médica, sendo substituído pelas características universais de cada doença; e c) finalmente, um forte materialismo substituiu a tendência anterior de considerar significativos os fatores não ambientais (morais, sociais, comportamentais (Albuquerque; Oliveira, 2002, p. 6).

Apesar de toda revolução e avanço causados pelo modelo biomédico, este deixou passar o fato da subjetividade de cada indivíduo, ao relacionar uma doença a uma única causa.

Cada indivíduo, munido de sua individualidade, interpreta e sente a doença de uma forma diferente, no que se refere aos seus sintomas ou até mesmo sua evolução e adesão ao tratamento, implicando diretamente em sua saúde. Hoje percebemos que para além do bom funcionamento físico, o psicológico e os fatores ambientais têm grande impacto na manutenção ou recuperação da saúde.

Como seria de esperar, a omissão que o modelo biomédico faz da autonomia conceitual da pessoa é consistente com as definições de saúde e doença com ele conotadas: a saúde é concebida como sendo a ausência de doença e esta é conceptualizada considerando exclusivamente as perturbações que se processam na dimensão física da pessoa (Engel, 1977 *apud* Albuquerque; Oliveira, 2002, p. 7).

No século XX, dado o surgimento de novas doenças e epidemias, há um novo processo de revolução da saúde, onde novas abordagens do modelo biomédico, que até então era focado na doença, passaram a se preocupar com a saúde. Essa nova revolução indica a necessidade, para além das práticas já adotadas, de mudança no estilo de vida dos indivíduos, como o combate ao tabagismo e o incentivo à prática de atividade física, por exemplo.

Diante disso, esse novo modelo abarcava questões como a promoção à saúde e adequação do estilo de vida, buscando práticas mais saudáveis e mudanças nas significações sociais da representação de saúde e doença. Chegamos, assim, à forma como os processos de saúde são entendidos na atualidade, tanto no que tange a identificação, prevenção e tratamento das doenças, como a avaliação do indivíduo de forma integral, biopsicossocialmente.

No Brasil, os avanços na área da saúde, proporcionados a partir da criação do SUS e de políticas sociais, tiveram impacto direto na vida dos brasileiros, com elevação na expectativa de vida e diminuição das taxas de morbimortalidade, que eram muitas vezes resultado de doenças que poderiam ser prevenidas ou tratadas. Ainda que existam dificuldades políticas e financeiras, é inegável o impacto positivo do avanço na saúde pública brasileira.

Entre 1990 e 2015, houve reduções significativas das taxas de mortalidade por doenças transmissíveis e por causas evitáveis, da morbimortalidade materno-infantil e da desnutrição infantil. A expectativa de vida da população, por sua vez, aumentou, passando de 68,4 anos, em 1990, para 75,2 anos, em 2016. As taxas de mortalidade geral padronizadas por idade caíram em 34,1% (Souza *et al*, 2019, p. 2784).

### 1.2.3 A COVID-19

No próximo capítulo iremos nos debruçar mais sobre a temática da pandemia da COVID-19, mas devido a sua magnitude e impacto causado, tanto individualmente quanto

coletivamente, em todas as esferas da vida humana, vale aqui deixar um recorte do período que vivenciamos.

Nos primeiros meses do ano de 2020, o mundo acompanhou assustado a rápida disseminação dos efeitos devastadores de um vírus letal que o desestabilizou, transformando, para sempre, as dinâmicas sociais: o SARS-COV-2. Naquele momento, não havia informações suficientes sobre as causas e efeitos do vírus, muito menos sobre como tratar a doença, algo que dificultava, ainda mais, a contenção e tratamento das pessoas infectadas.

Essa não foi a primeira, e provavelmente não será a última pandemia enfrentada pela humanidade. Ao longo da história o comportamento humano gerou situações onde se expuseram microrganismos até então desconhecidos. A relação harmoniosa entre os microrganismos e o ser humano foi aos poucos se perdendo e, à medida que o homem adentrava no mundo animal, inicialmente inexplorado, a exposição a novos microrganismos, de início inofensivos aos outros animais, passaram a contaminá-lo e, ao sofrerem mutações, alguns se tornaram agentes nocivos e até letais a nossa espécie.

A pandemia gerou, em todo o Brasil, mais de 700 mil óbitos. Esse aumento constante das estatísticas gerou pânico e comoção, medo e insegurança, enquanto ressaltou as intensas desigualdades sociais que formam a sociedade brasileira. Por um lado, sabe-se que o isolamento social foi a medida mais eficaz no combate à disseminação do vírus e seus efeitos letais; por outro, contudo, as consequências do distanciamento social também podem ter gerado frutos nocivos à sociedade, tais como a fragilização da saúde mental suscitada pela solidão (Freitas *et al.*, 2023).

Historicamente, quando a sociedade passa por transformações radicais, coletiva e individualmente, instaura-se uma crise na existência humana, uma crise de sentido. Assim, os medos e inseguranças, fruto do desconhecido, trazem à tona questões que assolam os seres humanos desde a antiguidade: qual o sentido da vida? Para onde vamos após a morte? Essas mesmas questões servem como bússola, direcionando os grupos ou pessoas a encontrarem na adesão religiosa, no transcendente e na espiritualidade, um poderoso recurso de sobrevivência em meio ao caos.

### 1.3 A RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO/RELIGIOSIDADE, ESPIRITUALIDADE E A SAÚDE

Quando em 1998 a OMS define o que seria saúde e a atrela não somente ao bom funcionamento orgânico, físico e mental, mas também a outras esferas da vida humana como espiritual e social, abre-se um precedente para que se iniciem diversos estudos acerca deste conceito, que passa a ser entendido como abrangente e multifatorial. Inicialmente a medicina seguia, por vezes, o caminho de não considerar a espiritualidade um tema relevante para o cuidado da saúde e, em alguns momentos, até se opunha à integração da mesma às abordagens médicas, rejeitando principalmente a medicina oriental, que preconiza a integralidade do ser, incluindo a religiosidade e a espiritualidade, na promoção da saúde. Mónico (2022, p. 958) aponta que “as primeiras investigações sobre a associação entre espiritualidade e saúde atribuem-se a Osler que, em 1910, advertiu para a necessidade de os profissionais de saúde estarem despertos para a fé dos pacientes”.

Mediante o aprofundamento no cerne da questão, os estudos que foram realizados acerca do tema trouxeram resultados que apontaram para além de uma simples relação entre religião e espiritualidade com a saúde, mas foram identificados diversos benefícios dessa inter-relação. Tais resultados apontam desde melhora na qualidade de vida até prevenção ou melhor recuperação do doente, bem como impactos benéficos com a diminuição da mortalidade, e conseqüentemente aumento na longevidade. Também foram estudados, dentre tantos aspectos, o impacto no controle da dor e na saúde mental dos pacientes, o que não se apresenta diretamente ligado à mortalidade, mas sim em muitos casos psicopatológicos, como por exemplo transtornos de humor, como depressão ou ansiedade (Mónico, 2022, p. 959).

Pesquisas realizadas em diferentes contextos hospitalares envolvendo pacientes geriátricos, pessoas vivendo com o vírus HIV, indivíduos com câncer, entre outros casos de adoecimentos, sobretudo aqueles de natureza crônica ou em estágio terminal, têm revelado os efeitos positivos associados à presença da religiosidade e da espiritualidade no enfrentamento das enfermidades. Calvetti, Muller e Nunes (2008), por exemplo, enfatizam o papel dessas dimensões na promoção da resiliência, tema que iremos abordar no capítulo três desta dissertação, e na proteção à saúde, destacando sua relevância em pacientes soropositivos. De forma semelhante, o estudo de Duarte e Wanderley (2011), com pacientes idosos internados, evidencia que a vivência religiosa e espiritual constitui um importante mecanismo de enfrentamento diante das limitações impostas pela condição de saúde e pela desgastante rotina hospitalar. Outro campo que merece destaque é o da oncologia, onde estudos realizados por Miranda, Lunna e Felipe (2015) demonstram que o contato com o câncer frequentemente conduz os pacientes a busca mais intensa por espiritualidade, a qual atua como fonte de

esperança, consolo e ressignificação, contribuindo, inclusive, para uma melhor qualidade de vida.

Não podemos deixar de mencionar que embora a religiosidade e a espiritualidade se apresentem, frequentemente, como fontes de conforto e enfrentamento de doenças, em algumas circunstâncias, elas também podem ser sinônimo de sofrimento. Como destacam Miranda, Lanna e Felipe (2015), há casos em que as crenças religiosas levam o paciente a interpretar sua enfermidade como punição ou prova, e nesse sentido se sentirem culpados e gerar para além do adoecimento físico, um adoecimento emocional. Devemos lembrar também que em contextos hospitalares, o sofrimento não atinge somente o doente, mas também seus entes queridos e a própria equipe de saúde por vezes são afetados.

Essa dicotomia entre conforto e sofrimento se apresenta como um desafio, que nos leva a perceber o quanto as experiências humanas necessitam que seus horizontes sejam ampliados para, assim, se alcançar harmonia entre o ser e o meio, o ser consigo mesmo e com seus pares. Em situações de grandes adversidades, a religiosidade e a espiritualidade, desenvolvidas a partir da busca do indivíduo por conexões com o sagrado, pode construir um alicerce, que dará sustentação para enfrentar e ressignificar tais experiências.

[...] desafios são convites para que desenvolvamos novas perspectivas de mundo e construamos relações de ajuda e cuidado mais humanizados, empáticos e compreensivos, em que as vulnerabilidades e fragilidades comuns possam ser testemunhadas e transformadas em abertura a vivências mais integradoras, sensíveis, respeitadas e promotoras de crescimento pessoal e coletivo (Esperandio; Souza, 2023, p. 6).

Destarte, nesses contextos de adoecimento e até mesmo crises como a pandemia da COVID-19, destaca-se a importância de se incluir o histórico religioso e espiritual do indivíduo, em especial quando se trata de situações que vão implicar na finitude da vida, momentos nos quais os aspectos espirituais tendem a se tornar ainda mais evidentes. A compreensão dessa dimensão do ser humano permite a construção de práticas de cuidado mais sensíveis e coerentes com as necessidades individuais do sujeito que se encontra em sofrimento. Adotando uma perspectiva de integralidade, o foco do cuidado passa da doença para o indivíduo como um todo, um ser senciente, valorizando não apenas a sobrevivência, mas o conforto, o bem-estar e a qualidade de vida. Nessa lógica, o cuidado integral é entendido como resultado de ações articuladas entre uma equipe multiprofissional de saúde, que se orientam por propostas humanizadas e holísticas. Tal abordagem reconhece o indivíduo como

um ser que integra dimensões biológicas, psicológicas, sociais e espirituais, todas igualmente importantes no enfrentamento das crises, adoecimento e morte.

## 2. PANDEMIA DA COVID-19 E SEUS ENTRELAÇAMENTOS RELIGIOSOS E POLÍTICOS

### 2,1 ENDEMIA, EPIDEMIA E PANDEMIA: ENTRELAÇAMENTOS HISTÓRICOS E RELIGIOSOS

A forma de disseminação de uma determinada patologia, local, regional ou até mesmo mundial, é o que irá determinar sua magnitude, sendo então nomeada como surto, endemia, epidemia e pandemia, do menor para o maior nível de contaminação, respectivamente. Conforme a diretora do Laboratório de Virologia do Instituto Butantan, Viviane Fongaro Botosso, enquanto um surto se configura pela disseminação controlada e restrita a pequenos locais ou grupos de pessoas, as epidemias ocorrem quando há um aumento significativo de casos de uma mesma doença, em várias regiões, mas sem se tornar global, como a epidemia de meningite no Brasil em 1974. Por sua vez, as endemias caracterizam-se por tratar-se da recorrência de uma determinada doença em uma área, sem aumento expressivo de casos, permitindo que a população conviva com ela, como a dengue, que é endêmica no Brasil durante o verão. No que tange a uma pandemia, entende-se que determinada doença atinge esse status de classificação quando a mesma transpassa as fronteiras, afetando as populações de forma global (Portal do Butantan, 2021).

Ao longo dos séculos, a humanidade enfrentou diversas crises de saúde que resultaram em perdas significativas de vidas. Desde a peste de Atenas até a COVID-19, passando por outras epidemias notórias como a peste negra, a varíola, o sarampo, as gripes Espanhola, Asiática e Russa, a pandemia da Aids, a gripe suína e o ebola. A história da saúde pública é marcada por esses eventos devastadores.

A nossa história evolutiva coincide com a história evolutiva dos microrganismos. Nossos ancestrais entram em contato com o material genético deles por infecções ou exposição ao agente contaminante. Essas descobertas no campo genético são possíveis graças aos avanços da ciência, que nos permitem estudar os fósseis de nossos ancestrais, identificando sua composição genética e, através de comparações com o nosso genoma<sup>20</sup>, encontrar vestígios de que esse material vem sendo transmitido a cada geração, evoluindo e se

---

<sup>20</sup> Genoma é o conjunto de genes que constituem cada ser vivo. No ser humano, são aproximadamente três bilhões de pares de DNA, distribuídos em 23 pares de cromossomos, os quais contêm de 70 a 100 mil genes (Pina, 2012).

adaptando às novas condições de existência, até chegar nos dias atuais, fazendo com que nos tornássemos susceptíveis a algumas patologias e até mesmo protegidos contra outras (Ujvari, 2024).

Hochman e Birn (2021) apontam que ao analisarmos as epidemias pela perspectiva dos historiadores, vamos entendê-las não somente como um fator biológico, mas também social, uma vez que tais eventos estão inseridos em determinado tempo e espaço, e são causados por determinados agentes infectantes ao homem. O seu fim, portanto, não tem como determinante somente marcadores de saúde, individuais ou coletivos, mas também a forma como a sociedade passa a se comportar a partir de tal evento.

Se doenças e epidemias não são fenômenos estritamente biológicos, o fim da pandemia certamente não é determinado apenas pela existência de uma vacina e da vacinação em massa, de uma solução terapêutica eficaz, da queda da taxa de contágio, da obtenção da imunidade natural da população ou da diminuição dos registros de óbitos. Isso se dá também pela forma como as sociedades percebem a experiência pandêmica, como partilham a memória das epidemias passadas, como compreendem e imaginam que a vida social, por elas interrompida, foi ou será restabelecida e pelos interesses políticos e econômicos envolvidos nesse término. A convivência com ciclos epidêmicos, eventualmente mais brandos ou controláveis, ou com a endemidade da doença, também é uma forma de selar o seu final (Greene; Vargha, 2020 *apud* Hochman; Birn, 2021).

É fascinante o que se tem descoberto em relação à existência e comportamento dos microrganismos que coabitam o mundo conosco e, ao analisar a história através dessa perspectiva, poder entender os acontecimentos do passado e até prever acontecimentos futuros, no que tange ao acometimento dos seres humanos pelas mais variadas doenças e as dinâmicas biopsicossociais impostas elas. No início, os termos "peste" ou "praga" eram utilizados para descrever essas crises de saúde, que em alguns casos também se configuraram como catástrofes humanitárias, como as sete pragas do Egito (Sanches *et al.*, 2020). A epidemia era percebida como resultado de um conjunto de circunstâncias, uma multiplicidade de fatores que se entrelaçam em uma rede complexa de eventos, cuja compreensão exige uma análise específica para cada situação.

A peste negra<sup>21</sup>, epidemia que assolou a Europa na Idade Média, dizimando aproximadamente “um terço da população”, foi marcada por seu grande potencial de contágio

---

<sup>21</sup> Peste Negra: Doença Infecciosa aguda, causada pela bactéria *Yersinia pestis*, transmitida pela picada de pulgas infectadas, e por gotículas aerógenas, fases bubônica e pneumônica. Informações em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/p/peste>

e letalidade. A gripe espanhola<sup>22</sup>, ocorrida muito tempo depois, no início do século XX, é também uma representação de um acometimento de potencial contagioso e letal, estimando-se que ela pode ter alcançado o quantitativo de aproximadamente 50 milhões de pessoas em todo o mundo (Barry, 2020 *apud* Stephanini; Brotto, 2021).

Os corpos foram postos em funerárias, ocupando cada área dessas instalações e se acumulando em alojamentos; em necrotérios de hospitais, já invadindo os corredores; nos necrotérios da cidade, já invadindo as ruas. Havia corpos nas casas também, estando na varanda, no armário, nos cantos do chão, nas camas. As crianças fugiam da vista dos adultos para observá-los, tocá-los; as mulheres deitavam ao lado do marido morto, sem querer mexer no corpo ou deixá-lo. Os corpos, lembretes da morte e responsáveis por trazer terror e dor, repousavam sobre o gelo a temperaturas semelhantes às do verão na Índia. A presença deles era constante, um terror desmoralizante para a cidade; um horror do qual não era possível escapar (Barry, 2020 *apud* Stephanini; Brotto, 2021).

Mais recente, na década de 1980, momento em que a ciência já tinha avançado bastante em relação ao tratamento e prevenção de muitas doenças, e o clima na área da saúde era de segurança no que tangia um possível enfrentamento de novas patologias, surge a Aids<sup>23</sup>, doença avassaladora até bem pouco tempo, nascida do contato desarmonioso dos homens com chimpanzés que carregavam o vírus do HIV, inofensivo aos primatas, mas que após sofrer mutações se tornou inicialmente letal ao ser humano. No continente africano, negros e chimpanzés dividiam território de forma harmoniosa até a chegada dos portugueses em 1470, cenário que seria então alterado quando no decorrer da história, a escravidão, a ocupação territorial, as guerras, colocaram alvos nas costas dos chimpanzés. O homem então, sem saber da existência do vírus no sangue dos chimpanzés, inicia o seu processo de contaminação, ao ter contato com sangue e outras secreções corporais.

Um primata ancestral comum aos homens e chimpanzés viveu na África há cerca de sete milhões de anos. Seus descendentes se separam por algum motivo, provavelmente natural. Um grupo isolado sofreu mutações que originaram os chimpanzés, enquanto o outro formou os homínídeos, que adquiriram posição ereta. Nós, *Homo sapiens*, aguardaríamos outros milhares de anos para surgirem destes últimos. O ancestral comum do homem e do chimpanzé poderia apresentar infecção viral permanente em seu corpo? Em caso positivo, o vírus ancestral acompanharia

---

<sup>22</sup> Gripe espanhola: Causada pelo vírus da influenza A (H1N1), que é de RNA e sua origem parece ser aviária. Mutações aleatórias alteraram sua capacidade de contágio e infectividade. Informações em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Gripe\\_espanhola](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gripe_espanhola)

<sup>23</sup> Aids - *Acquired immunodeficiency syndrom* - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - provocada pelo vírus do HIV, da classe dos retrovírus, é um conjunto de sintomas da infecção por ele produzidos, que causa danos graves ao sistema imunológico, reduzindo as defesas do organismo e expondo o indivíduo a todo tipo de infecção (doenças oportunistas) e alguns tipos de câncer (Sanchez *et al.*, 2021).

seus descendentes. O ramo que originou os chimpanzés evoluiria transferindo o vírus para os descendentes. No outro ramo evolucionário, o vírus saltaria para a sucessão de homínídeos até alcançar o *Homo sapiens* (Ujvari, 2008, p. 23).

Tanto na peste negra, na gripe espanhola, quanto na Aids, acontecimentos históricos que deixaram marcas registradas do potencial de devastação que uma doença pode atingir, percebe-se a fragilidade humana frente a novos agentes patógenos. Em épocas e com patologias distintas, são representações do comportamento da população frente ao acometimento por doenças graves e letais, comportamento esse que ciclicamente veio se repetir na pandemia da COVID-19.

Assim como as endemias, epidemias e pandemias que estiveram presentes ao longo da história da humanidade, as religiões também registraram sua presença ao longo dos séculos, atuando na forma de condução das adversidades, sendo benéfica ao promover acolhimento e apaziguando o sofrimento. Ou sendo distorcida, para não dizer prejudicial, quando, frente a adversidades, adota uma postura que ao invés de combater o problema, inicia uma busca cruel por responsáveis e vai além, interferindo diretamente nas orientações aos seus fiéis, no que tange a adesão das medidas de controle, prevenção e possível tratamento.

Com seus paradigmas estabelecidos, as religiões buscam o controle e manutenção da ordem social. As adversidades de grande magnitude, como as pandemias, não só ameaçam a ordem, mas também fragilizam as estruturas de poder das religiões, alterando as dinâmicas pré-estabelecidas e colocando em teste a legitimidade dos dogmas, da veracidade do que se é difundido, veracidade essa que cada uma das religiões acredita ser a verdade universal.

O conceito de paradigma é entendido de forma similar por diversos autores. Partindo do conceito que Tomas S. Kuhn apresentou em 1962, onde aponta paradigma como sendo simultaneamente o compartilhamento de crenças e valores de determinada comunidade, e também como técnicas que servem de modelos para a resolução de problemas (Stephanini; Brotto, 2021). O conceito foi evoluindo. Joel Arthur Barker (1992) coloca como: “[...] conjunto de regras e regulamentos (explícitos e não explícitos) que fazem duas coisas: 1) estabelecem limites e fronteiras; 2) nos dizem como devemos nos comportar dentro destes limites de forma a sermos bem sucedidos” (Barker, 1992, p. 32 *apud* Stephanini; Brotto, 2021, p. 68).

Percebe-se que este conceito, quando aplicado às religiões, demonstra uma rede estruturada de controle e dominação existente em todo percurso religioso ao longo da história da humanidade, e sua fragilidade frente a grandes crises de saúde. Outrora as religiões eram o centro da vida humana, e toda a forma de pensar e existir era de certa forma ditada pela Igreja,

que se colocava no centro das outras esferas sociais. Observando esse papel de destaque da religião e sua postura frente às epidemias e pandemias ao longo da história, percebemos uma linearidade comportamental.

À época da peste negra, o catolicismo tinha uma determinada hegemonia na Europa. A Igreja detinha plenos poderes sobre a vida e conduta social, assim, acreditava que a peste era punição ou prova imposta por Deus para expurgar os pecados dos homens, e o jejum, a penitência e a oração, eram o caminho para a salvação e por consequência, para a cura da doença (Stephanini; Brotto, 2021).

Em 1918, por ocasião da gripe espanhola, já existia algum avanço científico quando comparado com o período da peste negra, gerando assim um embate entre ciência e religião no que tangia ao causador e aos meios de combate à doença. Nesse momento a Igreja, mediante a resposta social de não aceitação cega dos dogmas religiosos, tentou unir forças com os sanitaristas no processo de recolhimento dos mortos que se acumulavam (Stephanini; Brotto, 2021).

[...] e as próprias famílias dos mortos pegavam a enxada e escavavam a terra, os rostos marcados por suor, lágrimas e areia. [...] Seminaristas se voluntariaram para ser coveiros, mas ainda não conseguiam alcançar o ritmo. a cidade e a arquidiocese recorreram a equipamentos de construção usando pás a vapor para escavar valas comuns destinadas a enterros em massa. [...] O arcebispo Denis Dougherty enviou padres para as ruas a fim de remover os corpos das casas (Berry, 2017, p. 372 *apud* Stephanini; Brotto, 2021, p. 67).

Voltando ao ocidente, na década de 1980, o surgimento de uma nova epidemia, a da Aids, veio descortinar o conservadorismo social e religioso existente. A ciência já estava bem mais avançada, mas isso não impediu que a doença fosse, equivocadamente, relacionada à homossexualidade e à promiscuidade, o que por sua vez ajudou a reforçar o discurso ideológico discriminatório religioso. Mais uma vez a religião teve a oportunidade de dizer que a doença era um castigo, e determinar um culpado, no caso, os homossexuais (Sanches *et al.*, 2021).

Ao longo do percurso das doenças enfrentadas pela humanidade, da antiguidade até a atualidade, quando da chegada da COVID-19, outras doenças também tiveram um papel de destaque, tanto por seu impacto sanitário, quanto na percepção da conduta religiosa frente ao manejo das mesmas, que independente da época em que ocorreram, buscou atribuir o adoecimento a um castigo divino e incitou uma busca por culpados. A sífilis, por exemplo, foi uma doença que atingiu a Europa e a Ásia em meados do século XV, e recebeu este nome por se acreditar que ela era consequência do insulto de um pastor chamado Sífilo ao deus grego

Apolo, recebendo a doença como punição por seu ato de desrespeito. Já no século XVI com o advento da modernidade, através das grandes navegações, outras tantas doenças foram facilmente disseminadas entre os continentes. Na América, por exemplo, a febre amarela, a malária, a esquistossomose, a varíola e o sarampo, trouxeram graves consequências aos colonizados (Sanches *et al.*, 2021).

Observa-se que doença, religião e ciência têm suas histórias traçadas paralelamente, e hoje mesmo com todo avanço médico científico existente, algumas religiões ainda tem a tendência de buscar explicações no transcendente para justificar as mazelas sofridas pela humanidade. Recentemente a pandemia da COVID-19 veio reforçar esse ponto, ao colocar em prova tanto a ciência quanto a fé humana.

No final de 2019 e início de 2020, o mundo acompanhou, assustado, a rápida disseminação dos efeitos devastadores de um vírus letal, que desestabilizou o mundo, transformando, para sempre, as dinâmicas sociais: o SARS-COV-2<sup>24</sup>. Naquele momento, não haviam informações suficientes sobre as causas e efeitos do vírus, sobre como tratar os sintomas da doença, algo que dificultava, ainda mais, a contenção e tratamento das pessoas infectadas.

Mediante as incertezas vivenciadas no surgimento de uma nova patologia de magnitude, transmissibilidade e letalidade desconhecidas, especulações em torno do que realmente estava ocorrendo levaram a uma culpabilização do governo chinês, ao apontar que este estava ocultando informações sobre o real número de contaminações, o que levantaria a especulações em torno de uma possível letalidade menor que a indicada até o momento. Tal situação levou muitos governos a tomarem decisões equivocadas quanto às orientações nos cuidados empregados para mitigar o contágio, e a priorizarem o setor econômico na busca por manter o sistema capitalista ativo e forte, o que desencadeou a elevação drástica do número de contaminações e óbitos, como foi o caso, por exemplo, da Itália, que ao final de abril de 2020, dois meses após iniciar a campanha de manutenção das atividades econômicas e turísticas, atingiu a marca de 205.449 casos, número possivelmente abaixo do real devido à pouca testagem, e 28.036 óbitos, sendo que antes, no início de março de 2020, sua estatística era de 655 casos e dezessete óbitos (Calil, 2021).

Frente ao alarmante aumento no contágio e letalidade do SARS-COV-2, a grande maioria dos países se colocou na posição de seguir as normas instituídas pelas autoridades

---

<sup>24</sup> SARS-COV-2: vírus da família dos coronavírus, que, ao infectar humanos, causa a COVID-19. Os coronavírus são uma extensa família de vírus que se assemelha, e já infectaram a humanidade diversas vezes ao longo da história. Os SARS-COVs são responsáveis por uma síndrome respiratória aguda grave. Informações em: <https://butantan.gov.br>

sanitárias, no que se refere ao isolamento, fechamento de comércio e fronteiras, e demais medidas biomédicas que foram sendo identificadas e aplicadas, à medida que se entendia a dinâmica da pandemia da COVID-19. Alguns países, como por exemplo os Estados Unidos da América, ainda demoraram um pouco a acatar as determinações, e mesmo quando o fizeram, perante o caos instaurado, ainda mantinham um discurso controverso.

De fevereiro de 2020 a abril de 2022, período em que a COVID-19 foi considerada como Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN)<sup>25</sup>, foram 809 dias que, devido ao elevado número de acometimentos pela doença, o Brasil atingiu o status de epicentro da doença. Foram mais de 700 mil óbitos e o aumento constante das estatísticas provocou pânico e comoção, medo e insegurança, enquanto ressaltava as intensas desigualdades sociais que formam a sociedade brasileira. Não tínhamos consciência de que enfrentaríamos muitas outras dificuldades, para além dos danos à saúde provocados pela pandemia da COVID-19. Crises como a financeira, social, emocional, religiosa, de raça, classe e gênero, seriam impostas, e alguns grupos seriam muito mais afetados que outros, já que vivemos em uma sociedade marcada por desigualdades (Freitas *et al.*, 2023).

Antes que o cenário se tornasse caótico, havia a especulação de como seria a dinâmica do vírus em um país tropical, havia esperança de que o clima não fosse favorável à sua disseminação, o que mais tarde foi rechaçado. A contaminação se manifestava de forma diversa em cada organismo, mesmo não havendo seletividade no contágio por parte do SARS-COV-2, a depender de condições como idade, estado de saúde prévio, condições econômicas, nível elevado de exposição ao vírus, sendo esses denominados de “grupos de risco”<sup>26</sup>.

Na época foi identificado, segundo notificação do Ministério da Saúde (2020), que o vírus chegou ao Brasil trazido por um paciente que retornava da Itália, isso antes do fechamento das fronteiras quando a COVID-19 ainda não tinha sido classificada como pandemia. Deste momento em diante, o SARS-COV-2 começa a circular entre a população e é levado para as periferias, parte mais vulnerável da sociedade, pelas empregadas domésticas que tiveram contato com o vírus no seu trabalho, como aponta Estrela *et al.* (2020).

Embora o primeiro registro da doença tenha sido em um indivíduo considerado de classe média alta, este se curou prontamente, e os três primeiros óbitos por COVID-19 registrados no Brasil, foram de cidadãos moradores de periferias de São Paulo e Rio de

---

<sup>25</sup> ESPIN - Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional. Informações em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2020/prt0188\\_04\\_02\\_2020.html](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2020/prt0188_04_02_2020.html)

<sup>26</sup> Grupo de risco: Grupo de pessoas que podem se contaminar mais facilmente e/ou desenvolver um quadro mais grave da doença. No caso da COVID-19, fazem parte desse grupo, os idosos e pessoas com comorbidades (como doenças do coração e diabetes) e com problemas respiratórios (como asma e bronquite). Esses grupos têm prioridade nos atendimentos, testes e vacinação. Informações em: <https://portal.fiocruz.br/glossario-covid-19>

Janeiro, que prestavam serviços como domésticas e porteiro, e todos os três com comorbidades preexistentes. Isso apontava o que mais tarde seria comprovado, que a seletividade do vírus não residia no indivíduo, mas sim na sua condição social e de saúde preexistente (Albuquerque; Ribeiro, 2020).

O isolamento social, medida utilizada no combate à disseminação do vírus e seus efeitos letais, colocou ainda mais em evidência a disparidade social, econômica, histórica e cultural existente no país. Uma medida coletiva de impactos individuais em vários âmbitos da vida humana, como exemplificam Lima, Buss e Paes-Souza (2020) ao apontarem a baixa adesão ao isolamento nas favelas devido à grande disparidade social que afeta essas comunidades.

Nas favelas, a menor adesão ao “fique em casa” se liga a fatores como a distinta geografia urbana composta por vielas, becos e residências com poucos cômodos, grande aglomeração e condições sanitárias inadequadas; à necessidade de continuar trabalhando para se sustentar, dada a alta taxa de informalidade; e à “naturalização” do risco de vida, efeito a da habituação a circular pela comunidade em dias de tiroteios e operações policiais (ABRASCO, 2020). Nesse grupo, os psicólogos podem se ligar aos mesmos fatores que afetam a população em geral, mas o receio de passar fome se a pandemia levar a redução da renda e perda do emprego é marca distintiva, deixando à mostra a interconexão entre a dimensão individual e social do sofrimento (Lima; Buss; Paes-Souza, 2020, p. 4).

Rodrigo Toniol (2020) em uma entrevista concedida à Plura<sup>27</sup>, aponta que o desenrolar da pandemia não dependeria somente da ação do SARS-CoV-2, seria construída a partir de “pareceres da OMS, pronunciamento da comunidade científica, atitudes de governos nacionais, voos transatlânticos, etc.”, situando assim a pandemia da COVID-19 como, o que de fato veio a acontecer, um fato social (Costa; Silveira; Silveira, 2020).

Seguindo esta perspectiva de que a pandemia da COVID-19 ultrapassa o limiar de uma doença que atingiu o panorama global, emerge o conceito de que ela seja não uma pandemia, mas uma sindemia<sup>28</sup>. O entendimento do real impacto, tanto individual quanto social de uma pandemia, não pode ser entendido se essa for analisada isoladamente do contexto político e biopsicossocial ao qual está inserida (Sena; Py, 2022).

A consequência mais importante de ver a COVID-19 como uma sindemia é sublinhar suas origens sociais. A vulnerabilidade dos cidadãos mais velhos; comunidades étnicas negras, asiática e minoritárias, e trabalhadores-chave,

<sup>27</sup> Plura: Revista de Estudos de Religião.

<sup>28</sup> Sindemia: Conceito criado por Merrill Singer na década de 1990 para explicar uma situação em que “duas ou mais doenças interagem de tal forma que causam danos maiores do que a mera soma dessas duas doenças [...] O impacto dessa interação também é facilitado pelas condições sociais e ambientais que, de alguma forma, aproximam essas doenças”. Informações em: <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1264>

geralmente mal pagos e com menor proteção de bem-estar, aponta para uma verdade até agora mal reconhecida, ou seja, que não importa o quão eficaz um tratamento ou uma vacina possam ser, a busca de uma solução puramente biomédica para a COVID-19 falhará. A menos que os governos concebam políticas e programas para inverter profundas disparidades, as nossas sociedades nunca estarão verdadeiramente seguras [...] (Horton, 2020 *apud* Sena; Py, 2022, p. 12).

A pandemia não afetou apenas a economia ou os modelos de trabalho, mas também, as subjetividades de cada indivíduo, sua relação consigo e com o outro, suas percepções de si, do outro, do mundo e das formas de se viver. O Brasil foi um dos primeiros países a elevar drasticamente os números de contaminação, o que inicialmente foi atribuído a uma má gestão governamental e, logo depois, deu margem para explorar a hipótese de que, na verdade, era essa a possível estratégia do governo Bolsonaro para atingir a chamada “imunidade de rebanho”<sup>29</sup>. Apresentou-se, ao longo desses três primeiros anos, em episódios demarcados por períodos com maior ou menor contaminação e letalidade, chamados de ondas, e para cada uma delas uma nova variante do SARS-CO-2 era a protagonista, o que a todo momento se apresentava como um novo desafio.

Seu agravamento seguia em paralelo com um total desgoverno político, em que todas as medidas de segurança eram banalizadas. Houve uma variação no comando do Ministério da Saúde na busca de um Ministro que seguisse a linha negacionista do Presidente; a divulgação de *fake news* com intuito de confundir a população; a dificuldade de acesso aos hospitais e tratamentos não medicamentosos, mesmo com a construção de hospitais de campanha e abertura de leitos em UTI<sup>30</sup>; a falta de leito e insumos. Assim, chegamos a mais de 1.000 óbitos diários e somente em janeiro de 2021 teve início a campanha de vacinação contra a COVID-19 no Brasil. Inicialmente foram 6,2 milhões de doses, número insuficiente para toda população, levando a necessidade de um calendário em que a vacinação para grupos de risco se tornou prioridade (Freitas *et al.*, 2023).

Em maio de 2023, devido a diminuição de casos, internações e mortes por COVID-19 e aumento da imunização, a OMS declarou o fim da pandemia, da forma como se apresentava

---

<sup>29</sup> Imunidade coletiva ou de rebanho: Proteção que surge na população se um grande número de pessoas desenvolver anticorpos (defesas) contra uma doença. No caso da COVID-19, pelo menos 80% da população precisa ser vacinada para que a imunidade coletiva ou de rebanho seja atingida. Quando isso acontece, a circulação do causador da doença é reduzida a ponto de proteger mesmo quem não está vacinado. Informações em: <https://portal.fiocruz.br/glossario-covid-19>

<sup>30</sup> Unidade de Terapia Intensiva: serviço hospitalar destinado a pacientes críticos, graves ou de alto risco clínico ou cirúrgico que necessitam de cuidados intensivos e ininterruptos, além de assistência médica, fisioterapêutica e de enfermagem, com monitorização contínua durante as 24 (vinte e quatro) horas do dia (Ministério da Saúde, 2023).

até o momento. O vírus ainda continuava a circular, mas de forma mais branda e menos letal (OPAS, 2023)<sup>31</sup>.

O fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional não significa que a COVID-19 tenha deixado de ser uma ameaça à saúde. A propagação mundial da doença continua caracterizada como uma pandemia, tendo tirado uma vida a cada três minutos apenas na semana passada. “O que essa notícia significa é que está na hora de os países fazerem a transição do modo de emergência para o de manejo da COVID-19 juntamente com outras doenças infecciosas (Ghebreyesus, 2023, n.p.)<sup>32</sup>.

## 2.2 A PANDEMIA DA COVID-19 E A RELIGIÃO

Na antiguidade acreditava-se que tudo era regido por forças divinas, civilizações inteiras, cada qual com seu respectivo Deus ou deuses, atribuíam suas mazelas ou benesses a uma força maior, que os punia ou os agraciava, de acordo com seu merecimento. Os microrganismos patogênicos eram desconhecidos nessa época.

Com o avanço médico e científico não era mais possível delegar aos deuses e deusas toda a responsabilidade pelo que ocorria na vida humana, então um raciocínio crítico começou a se desenvolver, e descobertas revolucionárias, como o fato de a terra ser redonda, ocorreram naquele período (Ujvari, 2022). Desde então, os avanços não pararam mais e seguem em desenvolvimento constante, sendo cada vez mais aprimorados com base tanto nas descobertas pioneiras quanto nas atuais. Segundo Ujvari (2022, p. 12-13), “O percurso para alcançar o entendimento que hoje se tem das infecções foi longo e árduo e envolveu o avanço do pensamento científico. Um dos primeiros passos foi dado na Grécia Antiga, com o nascimento da Filosofia”.

E em todos esses momentos de instabilidade, a religião, que de modo geral está presente na construção e controle social, teve a oportunidade de reforçar seu papel. Isso porque em épocas epidêmicas, através da crise instaurada no âmbito biopsicossocial, a proximidade com a fragilidade humana e a finitude da existência, fazem com que os sujeitos encontrem nas religiões o alicerce para enfrentar as adversidades, imposta pelo adoecimento. Assim, torna a relação, e até mesmo a interferência, da religião com a saúde, presente desde o início dos tempos.

Os corpos que estão puros e limpos de superficialidades, que não praticam a destemperança, e que tem tido e guardado moderados regimentos em sua vida, em

---

<sup>31</sup> OPAS: Organização Pan-Americana da Saúde. Informações em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>

<sup>32</sup> Tedros Adhanom Ghebreyesus - Diretor Geral da Organização Mundial da Saúde. Informações em: <https://www.who.int/about/governance/election/nominations-2022>

relação à bebida, nas relações com as mulheres, no sono e nos exercícios, estes em tempo de pestilências (epidemias) estão seguros e bem preservados .....Ao contrário, os muito orgulhosos, viciados, dados a bebida e às mulheres. ... os que fazem muita crueldade, estes tais serão atingidos por tal enfermidade e delas morrerão (Daça *apud* Sanches *et al.*, 2020, p. 146).

A religião desempenha um papel significativo na estruturação das sociedades, funcionando como um mecanismo de controle social que influencia comportamentos e estabelece normas. Existe uma estreita relação entre saúde e religião, já que nos momentos de adoecimento, seja seu ou de entes queridos, o indivíduo tende a buscar no transcendente, ajuda para superar as dificuldades vividas.

Crenças religiosas influenciam o modo como pessoas lidam com situações de estresse, sofrimento e problemas vitais. A religiosidade pode proporcionar à pessoa maior aceitação, firmeza e adaptação a situações difíceis de vida, gerando paz, autoconfiança e perdão, e uma imagem positiva de si mesmo. Por outro lado, dependendo do tipo e uso das crenças religiosas, podem gerar culpa, dúvida, ansiedade e depressão por aumento da autocrítica (Stroppa; Moreira-Almeida, 2008, p. 5).

Frente à crise sanitária da pandemia da COVID-19, as instituições religiosas vivenciaram muitos desafios, dentre eles, a orientação de não promoverem aglomerações, o que é frequente nesses espaços, onde os religiosos se reúnem para professarem sua fé, seja ela de qualquer vertente religiosa. Deveriam naquele momento de grandes incertezas, frente ao desafio imposto pelo adoecimento causado pela pandemia da COVID-19, manter ativa a fé e ao mesmo tempo salvaguardar seus adeptos.

Presenciou-se de tudo um pouco, no meio evangélico por exemplo, houve desde uma adesão e orientação para que os fiéis respeitassem as orientações sanitárias, utilizando passagens bíblicas como justificativa para tal, como, por exemplo, em Êxodo 12, 21-36 quando os hebreus foram orientados por Deus a permanecerem em casa para não serem atingidos pelo “anjo da morte”; até o total descaso e incentivo para que os fiéis continuassem se reunindo, reforçando, assim, o negacionismo científico (Guerreiro; Almeida, 2021). “Pode a praga se estender neste país, eu declaro aqui, que eu sou voz profética: em nome de Jesus a igreja e crentes não vão ser transmissores de coronavírus! E nós estamos orando e clamando para esse troço ser travado. E, se Deus tem algum propósito, que proteja seu povo” (Malafaia, 2020 *apud* Guerreiro; Almeida, 2021, p. 50).

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), ramificação neopentecostal, assim como a maioria dos evangélicos, apresentou grande resistência ao fechamento dos templos, disseminação de *fake news* e apoio ao negacionismo científico, através dos meios de

comunicação, principalmente do jornal Folha Universal<sup>33</sup> e da TV Record, propriedades do bispo Edir Macedo. As informações divulgadas nessas redes incentivaram, dentre outras coisas, a ida dos fiéis aos templos, no período em que esses deveriam estar fechados, segundo as orientações sanitárias de combate à pandemia.

Em meio a esta utilização midiática, a Igreja promove o Jejum de Daniel, cujo objetivo é incentivar os fiéis a permanecerem 21 dias sem consumir informações das mídias seculares, redes sociais, entre outros. Ao contrário dos jejuns comuns, a proposta é que os fiéis se mantivessem afastados de “informações desnecessárias”. O jornal fez essa sugestão em março de 2020, na edição 1495, em dezembro de 2020, bem como em março de 2021 (Leite; Oliveira; Almendagna, 2023, p.15).

A Igreja Católica, por sua vez, através da aparição do Papa Francisco em uma praça, no Vaticano, completamente vazia, para abençoar de forma online, os fiéis, com a bênção *Urbi et Orbi*<sup>34</sup>, se posicionou, assim, em concordância com as orientações sanitárias de não promover aglomeração, indo contra a corrente evangélica que se posicionava, em grande maioria, consoante com o negacionismo presidencial.

Recomendamos atenção e consideração irrestrita às orientações dos especialistas de saúde e autoridades competentes. As indicações sobre o modo como celebrar a fé cabem aos bispos em cada diocese. Todas as normas visam à proteção das pessoas, buscando evitar a contaminação e preservar a vida (CNBB, 2020, n.p.).<sup>35</sup>

As religiões de matriz africana, que desde sempre sofreram uma tentativa de apagamento histórico, munidos de sua sabedoria ancestral que é passada através das gerações, apresentaram, de modo geral, uma postura de zelo para com os devotos frente a pandemia da COVID-19. Para essa corrente religiosa, a pandemia representava uma oportunidade de cuidado com o planeta e a natureza na intenção de melhoria individual e coletiva. Através do sofrimento o ser humano teria-se a oportunidade de ressignificar sentimentos e comportamentos, valorizando mais a vida. Importante ressaltar que as orientações aos adeptos dessas religiões eram de que deveriam se basear na ciência, para além da sua fé, não

<sup>33</sup> A Folha Universal pertence à IURD, uma importante instituição do campo religioso brasileiro, capilarizada em todo o território, que igualmente se destaca pelo engajamento político. É o jornal impresso de maior circulação no Brasil, atingindo os membros da igreja, mas não só a eles, ressalta a própria instituição (Leite; Oliveira; Almendagna, 2023).

<sup>34</sup> *Urbi et Orbi* significa “à cidade [de Roma] e ao mundo”. Esse é o nome dado à bênção pronunciada pelo Papa na sacada da Basílica de São Pedro em três ocasiões. Todos os anos, o rito é celebrado no dia do Natal e no dia da Páscoa, as maiores festas cristãs. Além dessas datas, a bênção é concedida no dia da eleição de um novo Papa logo após o resultado do Conclave. Em março de 2020, o Papa Francisco deu uma bênção *Urbi et Orbi* extraordinária, com a Praça de São Pedro vazia. Essa decisão foi tomada devido a atual pandemia de coronavírus para permitir que as pessoas que acompanhassem pelos meios de comunicação pudessem receber a indulgência. Informações em: <https://arquidiocesejuizdefora.org.br/o-que-e-a-bencao-urbi-et-orbi/>

<sup>35</sup> CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Informações em: [www.cnbb.org.br](http://www.cnbb.org.br)

atribuindo aos seus orixás e outras entidades a responsabilidade de sua salvação. Cada um respeitando as orientações sanitárias, era responsável por si e sua comunidade. Como nos apresenta Lages e Scotton (2021), através da fala de Cláudio d'Óxalá:

Temos que nos lembrar de que de tempos em tempos, epidemias aparecem, guerras aparecem, onde o povo pára o stress do dia a dia, pensam, dão valor a tudo que tinham e esse é o momento de parar. Lembramos de todas as pessoas que estão sofrendo neste momento, de tudo isso que vai causar, de tudo que tínhamos e não dávamos valor, mais tempo para nossa família e refletir sobre o que realmente é importante (n.p.)

Já o Islã, que anualmente celebra o Ramadan<sup>36</sup>, período onde a comunidade após jejuar do nascer ao pôr do sol, reúne-se nas mesquitas ou em seus lares para comungar de um farto banquete e muita oração, em 2020 teve sua dinâmica alterada pela pandemia da COVID-19. Assim como todas as outras religiões, para assegurar a integridade de seus adeptos e promover o isolamento social, deveria suspender qualquer reunião de fiéis, já que essas reuniões de pessoas em ambientes fechados ia contra, não somente, às recomendações sanitárias que visavam mitigar a disseminação do SARS- COV-2, mas também iam contra os ensinamentos do profeta Muhammad<sup>37</sup>, seu representante divino (Barbosa, 2021).

Há um hadith do Profeta que diz: “Se ouvir [sobre um] surto de uma epidemia em uma terra, não entre nela; mas se a epidemia surgir em um lugar enquanto estiver nela, não deixe esse lugar.” Essa fala tem sido usada pelos sheiks e divulgadores do islã como forma de respeitar e as prescrições da OMS (Organização Mundial de Saúde), que significam ficar em casa. Outro hadith que complementa o anterior: Aqueles com doenças contagiosas devem ser mantidos afastados daqueles que são saudáveis (Barbosa, 2021, n.p.)<sup>38</sup>.

E assim, percebeu-se que durante o início da pandemia da COVID-19, foi instituída uma drástica alteração nas dinâmicas das religiões e de suas instituições, quanto a forma de acessar o transcendente. Devido às orientações para o isolamento social, que levou ao fechamento das Igrejas, suspensão dos cultos e das peregrinações, bem como das demais manifestações que gerassem qualquer aglomeração, intensificou-se um movimento que até então era crescente somente na vertente cristã, as celebrações online, permitindo que cada um,

---

<sup>36</sup> Ramadan: nono mês do calendário islâmico, onde a maioria dos muçulmanos pratica o jejum ritual, quarto dos cinco pilares do islã. É um tempo de renovação da fé, leitura mais assídua do Alcorão, frequência da oração na mesquita, correção e autodomínio. Informações em: wikipedia.org

<sup>37</sup> Profeta Mohamad: Figura central do Islã, considerado pelos muçulmanos como o último mensageiro de Deus. Informações em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maom%C3%A9>

<sup>38</sup> Hadith - Ahadith são as coleções de tradições sobre a vida do profeta Mohammed registradas por seus companheiros e compiladas após a sua morte ao longo dos anos (Barbosa, 2021).

que desejasse e tivesse condições, pudesse fortalecer sua fé e manter uma conexão divina, na segurança dos seus lares.

[...] novidade de se rezar fora do templo, da mesquita ou sinagoga; de se celebrar uma páscoa sem missa; realizar um exorcismo em casa; ter ritos funerários diminuídos; não se comemorar o fim do Ramadã; não realizar as costumeiras peregrinações e rituais de purificações em rios; cancelar cerimônias de casamentos e outras situações religiosas inusitadas e inesperadas, mesmo após a diminuição da disseminação do vírus e com os protocolos de retorno gradual às celebrações ou aos ritos presenciais que acontecem timidamente, impactaram as religiões (Porreca, 2020 *apud* Nascimento, 2022, p. 11).

As religiões, então, iniciaram um processo de quebra de paradigmas, em busca de manter sua presença firme e contundente, mesmo que de forma remota. A partir daí, o espaço virtual ganhou mais notoriedade, possibilitando que a mensagem alcançasse os fiéis onde quer que esses estivessem, possibilitando às religiões, tanto para as que já usavam essa ferramenta quanto para as que eram iniciantes nesse processo, uma conexão segura do ponto de vista sanitário. Mas, ao mesmo tempo que foi a solução mais rápida e segura encontrada pelas religiões, também se apresentou como uma dificuldade a ser enfrentada por algumas vertentes. Levar os cultos e celebrações presenciais para os meios de comunicação online, foi mais dificultoso para umas religiões do que para outras, pois cada religião tem uma forma singular de se conectar com o transcendente.

Cada religião tem uma forma singular de existir e se inserir na sociedade, umas se manifestam de forma mais unitária, onde cada um, munido de estratégias ritualísticas, momentos de orações, ou qualquer que seja a forma, atingem a conexão com a divindade na qual acredita. Outras, como é o caso, por exemplo, das religiões de matriz africana, necessitam da coletividade, presencialidade, assim seus rituais e celebrações coletivas são os momentos onde atingem conexão com o sagrado (Campos; Silva Neto, 2021).

Para além das dificuldades enfrentadas pelas religiões, de ruptura de seus paradigmas, realização de cultos e celebrações online, um outro ponto, desta vez positivo, é o de que os espaços virtuais transpõem as barreiras, tanto de tempo quanto de espaço, podendo atingir um maior número de adeptos. “De diversas plataformas e redes sociais, as pessoas podem encontrar novas experiências não apenas nas igrejas de pedra, nos sacerdotes de carne e osso, e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade existente e disponível nos bits e pixels na internet” (Sbaedelotto, 2014 *apud* Carini, 2021, p. 93 - tradução nossa)<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> “Desde diversas plataformas y redes sociales, las personas pueden hallar nuevas experiencias no solo “en las iglesias de piedra, en los sacerdotes de carne y hueso, y en los rituales palpables, sino también en la religiosidad existente y disponible en los bits e pixels en internet” (Sbaedelotto, 2014 *apud* Carini, 2021, p. 93)

Esse novo espaço, para alguns, de divulgação e celebração foi sendo desbravado pelas religiões. Algumas vertentes já o utilizavam, como o budismo, por exemplo, que segundo Carini (2021), foi um dos pioneiros no uso das mídias para a promoção de seus ensinamentos, vivendo sua religião para além do físico, acessando conhecimentos que antes, sem essa ferramenta, eram inalcançáveis para muitos. “Participantes budistas vivem sua religião não apenas frequentando templos de pedra e madeira, praticando rituais presenciais, ou seguindo referências de carne e osso, mas também comprometendo-se com comunidades on line e aprendizagem com professores de todo o mundo” (Carini, 2021, p. 94, tradução nossa)<sup>40</sup>

A Igreja Católica, que também já vinha fazendo uso das tecnologias para divulgar suas celebrações e ensinamentos, a partir das novas orientações sanitárias de distanciamento social intensificou o uso dessa ferramenta, levando para o ciberespaço, não somente as celebrações mas também uma prática recorrente no catolicismo, as romarias<sup>41</sup>. Os romeiros, nome dado aos que participam das romarias, fazem sua peregrinação com destino a um santuário<sup>42</sup>, onde se reúnem, muitas vezes aos milhares, para professarem sua devoção. Com a pandemia da COVID-19 e sua necessidade de distanciamento social, na tentativa de mitigar a disseminação do SARS-COV-2, não seria possível, por algum tempo, esse encontro dos romeiros, como aponta Santos (2020) em sua pesquisa realizada a partir da necessidade da alteração da dinâmica das romarias com destino aos santuários. Assim, o ciberespaço que já vinha sendo utilizado pela Igreja Católica, para celebrações, teve seus acessos, por parte dos fiéis, elevado consideravelmente.

Neste sentido, o contexto de pandemia e de restrição da circulação por espaços públicos apenas redimensionou as atividades e aumentou o número de visualizações. Além disso, o Santuário de Nossa Senhora das Dores, passou a reprisar transmissões antigas, como a Coroa de Nossa Senhora das Dores, no intuito de complementar a agenda de celebrações sem a presença do público (Santos, 2020, p. 1327).

Outro grupo que também já fazia uso das mídias para o que eles consideram seu aprimoramento moral e espiritual, são os espíritas. Neto (2022) realizou uma pesquisa comparativa entre espiritismo, catolicismo e os evangélicos, onde identificou que os espíritas mesmo antes da pandemia da COVID-19 já praticavam atividades de cunho individual, como

---

<sup>40</sup> “Los participantes budistas viven su religión no solo asistiendo a templos de piedra y madera, participando de rituales presenciales, o siguiendo a referentes de carne y hueso, sino también comprometiéndose con comunidades on line y de maestros de todo el mundo” (Carini, 2021, p. 94)

<sup>41</sup> Romaria: peregrinação religiosa católica romana anual, com destino a um santuário. Informações em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Romaria>

<sup>42</sup> Santuário: aplicado ao conceito religioso, é um local sagrado, de destinos dos romeiros que vêm de diversas regiões. Pode possuir objetos simbólicos, como imagens ou relíquias, usados no culto. Informações em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Santu%C3%A1rio>

assistir palestras online, ler livros doutrinários, assistir filmes religiosos, praticar o culto do evangelho no lar, e até mesmo ações sociais por meio de doação sem ter contato com o beneficiário. Tudo isso para além de irem às casas espíritas, assistirem palestras presenciais, participarem de grupos de estudos e trabalhos voluntários, etc. Por advento da pandemia e a necessidade de se manter isolado, esse grupo também ampliou o uso da ferramenta já antes utilizada (Neto, 2022).

Diferentemente do espiritismo, budismo e catolicismo, que já tinham certa familiaridade com o meio digital para a divulgação de suas doutrinas, para as religiões de matriz africana, que tem um cunho comunitário nas suas celebrações, o fechamento dos terreiros teve maior impacto. Como aponta Prandi (2024, p. 25), é “difícil imaginar o candomblé sem dança, sem a presença ritual dos orixás manifestados no transe, o que implica gente reunida, tocando, cantando e dançando”.

Segundo Prandi (2024), os terreiros são considerados locais onde, para além das celebrações, existe uma prestação de serviço assistencial de aconselhamento, através do jogo de búzios, por exemplo, e o que provém desses atendimentos é o que dará sustento ao terreiro, no que tange sua manutenção estrutural e oferenda aos deuses por eles cultuados. A umbanda, assim como o candomblé, também é uma religião que até a pandemia não vislumbrava a necessidade de buscar o meio digital para a realização de suas atividades, como ocorria nas religiões cristãs, por exemplo, já que o caráter coletivo e presencial sempre foram pontos marcantes das celebrações umbandistas, inclusive sendo considerado por alguns como uma representação da resistência (Santana, 2021).

[...] nas religiões de matriz africana, o tipo de experiência fora do espaço sagrado (O terreiro) parecia até então irrealizável, visto a existência de particularidades que exigiam a prática em locais físicos, protegidos espiritualmente ou seja, nos terreiros, os quais também são espaço território-corpo de resistência identitária: “[n] a Umbanda, os processos simbólicos de iniciação também estão ligados a uma definição de identidade. A frequência a um terreiro se refere ao estabelecimento de quem se é” (Martino, 2016, p. 140 *apud* Santana, 2021, p. 110).

Com isso, tanto o candomblé, a umbanda, e todo o povo de terreiro, bem como as outras religiões, tiveram que adaptar suas realidades ao novo contexto pandêmico, de afastamento social, resignificando sua forma de transmitir a mensagem de forma a manter seus adeptos acolhidos, assistidos e seguros. Perceber o papel social da religião e como esse é, e foi redesenhado durante a pandemia, nos leva a entender a importância dessa resignificação que o uso da internet para celebrações, cultos, rituais, etc., teve para manter a conexão com o transcendente, representando um elo fundamental entre a religião e o crente.

É inegável que as religiões foram impactadas pela pandemia da COVID-19, bem como todos os outros ramos da sociedade, o que as levou a uma necessidade de transformação, de ressignificação, e a outro ponto inegável, que as tecnologias desempenharam um papel essencial nesse processo. De cultos a romarias, as inovações tecnológicas demonstram como as práticas tradicionais podem ser adaptadas, e tais mudanças refletem diretamente na disseminação e até mesmo na percepção de cada religião, assim, tornando esses elementos fundamentais à contemporaneidade (Giumbelli, 2020).

Se o recurso a tecnologias de contato parte da ideia de reproduzir práticas estabelecidas em uma religião, é possível também que se criem novas realidades. O que vale para as religiões afro-brasileiras serve igualmente para acompanharmos, com a devida consideração das especificidades, o que vem ocorrendo em outros universos: transmissão de cultos a partir de templos sem fiéis, recolhimento de dízimo pela internet (incentivando o desenvolvimento de aplicativos), procissões realizadas com automóveis, correntes de oração ou propostas de orações coletivas virtuais, etc. (Giumbelli, 2020, p. 3).

A internet se tornou um lugar de segurança física, onde cada religião, a sua maneira, continuou a difundir sua doutrina, mantendo o laço com seus adeptos, e a fé renovada, para que não se perdesse a conexão e mantivesse a esperança de dias melhores e da salvação. Mas, não passou despercebido que alguns líderes religiosos, ainda assim, mesmo com essa ferramenta poderosa em mãos, que se bem utilizada pode proporcionar maravilhas, optaram por incentivar aglomerações e desrespeitar as orientações de cuidados, tanto individual quanto coletivo, colocando a religião, novamente, na posição de embate com a ciência (Stephanini; Brotto, 2021).

### 2.3 SAÚDE, RELIGIÃO E POLÍTICA: O NEGACIONISMO CIENTÍFICO

Eventos desorganizadores das estruturas, social e individual, desnudam as faces hierárquicas, autoritárias e até desumanas de uma sociedade. Em contextos pandêmicos, percebemos o abalo biopsicossocial imposto pela crise que não pode ser considerada somente sanitária. Os atores envolvidos nas dinâmicas hierárquicas de poder, como por exemplo, líderes políticos e religiosos, médicos, cientistas, e outros, se deparam com desafios grandiosos na tentativa de manter a ordem, conter o agente causador da doença, tratar os sintomas e buscar solução tanto para as questões de saúde quanto às questões sociais. “Ainda que possam ser conjunturalmente fragilizadas, as relações entre medicina e poder são reafirmadas nesses processos, muitas vezes criando novas hierarquias e subordinações” (Hochman; Birn, 2021, p. 581).

Em paralelo a todo o enredo sanitário vivenciado em uma pandemia, presenciamos de forma expressiva e contundente o chamado negacionismo científico, que infelizmente foi assunto recorrente, e se perpetuou mesmo após todo o período da pandemia da COVID-19. O termo que conceitualmente remete a negação da existência do holocausto, foi empregado de forma apropriada, já que estávamos vivendo um genocídio<sup>43</sup>. Negacionismo ocorre, em geral, quando o sujeito se depara com determinado fato, e prefere não o aceitar como verdade devido ao desconforto por ele causado (Jorge; Mello; Nunes, 2020).

Quando a realidade é invadida pelo desconhecido ela se torna irreal e o medo pode nos fazer pura e simplesmente negá-la. A negação é a máscara retirada do rosto e posta, como um poderoso véu, no mundo; uma forma de escapar de uma verdade desconfortável, dolorosa ou mesmo insuportável (p. 588).

O negacionismo científico não é um fato novo, muito menos isolado na história, mas que, devido ao desenvolvimento tecnológico vivido atualmente, tem maior facilidade de propagação. Desde interferência da igreja, na era medieval, sobre o que os cientistas podiam ou não publicar, até quando mais recentemente grupos econômicos, através de incentivo financeiro, tentavam controlar resultados de pesquisas sobre a relação entre o ato de fumar e o surgimento de câncer, na mesma perspectiva, outros grupos financiam estudos para inviabilizar o combate ao aquecimento global, negando sua existência (Marques; Raimundo, 2021).

[...] estratégias semelhantes foram criadas por grupos e líderes empresariais, industriais e políticos para promover ideias errôneas acerca do aquecimento global, vacinas como propagadoras de doenças e, recentemente, vemos movimentos se fortalecendo sobre o discurso de que a Terra é plana, doutrinação marxista, instauração do comunismo, distribuição do kit gay nas escolas, entre outros (Ladeira, 2020 *apud* Marques; Raimundo, 2021, p. 69).

O movimento negacionista tende a se organizar buscando a estratégia de descredibilizar a ciência, quando essa apresenta os resultados de seus exímios esforços contrários aos interesses de alguns, como empresários, religiosos, fundamentalistas, governantes, etc. Para além de simplesmente questionar a ciência, tais movimentos aproveitam a popularidade da desinformação disseminada para conquistarem visibilidade, dinheiro e apoio. O sensacionalismo acaba ampliando o impacto das inverdades divulgadas, causando medo e insegurança (Marques, Raimundo, 2021).

---

<sup>43</sup> Genocídio: “De acordo com o jurista Raphael Lemkin, é a prática de eliminação de uma raça ou grupo étnico, plano de desintegração política e social de determinada grupos em uma sociedade” (Vergne *et al.*, 2015, p. 517)

As fake news têm o valor de verdade em determinados meios, pois há uma identificação entre estes sujeitos responsáveis pela produção das fake news, que circunscreve um conjunto de ideias para sustentar a sua cosmovisão. A sustentação dessa cosmovisão implica recursos da retórica, principalmente a subversão da estrutura das afirmativas jornalísticas e científicas e, ainda, a simplificação do conhecimento historicamente desenvolvido (p. 70).

A forma negacionista presente neste período pandêmico foi o chamado negacionismo instituído, que vai além da negação dos fatos. Esse negacionismo, se apresenta quando ocorrem manipulações, a fim de esconder ou mascarar a verdade, levando os sujeitos a acreditarem em *fake news*, falsos especialistas, lógicas falaciosas, expectativas impossíveis, supressão de evidências e teorias da conspiração (Cook, 2017 *apud* Guerreiro; Almeida, 2021).

Presenciamos uma ampla adesão e divulgação do negacionismo científico instituído, impulsionada inicialmente pelo presidente Bolsonaro. Desde o início da pandemia, quando essa ainda não estava causando muito impacto, mas já gerava apreensão, Bolsonaro tentou disseminar, com as falas mais torpes proferidas na época, todo tipo de informação falsa, levando seus apoiadores a acreditarem que a pandemia quando muito seria somente uma “gripezinha”. Tentou descredibilizar a todo custo a comunidade científica e as autoridades sanitárias, escondeu seus exames na tentativa de mascarar os resultados, se automedicou e posteriormente entrou em polêmica quanto a questão da vacina (Silva; Sena da Silveira, 2020).

[...] Bolsonaro afirmou: “Tem a questão do coronavírus que, no meu entender, está superdimensionado, o poder destruidor desse vírus” [...]e ao fim de abril, quando já haviam milhares de mortos, disse uma das frases mais impactantes: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê: Eu sou Messias, mas não faço milagre” (p. 5).

As tentativas de imposição desse negacionismo, por parte do governo, foram inúmeras e das mais variadas formas. Desde uso das redes sociais e canais de TV para propagação das informações, até o uso de órgãos públicos para coagir a divulgação de medicamentos sem eficácia comprovada para tratamento precoce contra a COVID-19 (Silva; Sena da Silveira, 2020).

[...] em 29 de junho de 2020, ministério da saúde, ocupado por um interino, um general do exército<sup>25</sup>, há dois meses, na contramão das recomendações da OMS(Organização Mundial da Saúde e da Opas (Organização Pan Americana de

Saúde) pediu em ofício à Fiocruz, uma das mais respeitadas instituições científicas, do país, que divulgue cloroquina como tratamento precoce de Covid-19 (p. 8).<sup>44</sup>

A mídia de forma geral, digital, impressa ou televisiva, teve um papel fundamental na propagação e perpetuação do negacionismo científico durante a pandemia da COVID-19. Mundim *et al.* (2022) apontam em sua pesquisa que a forma de escolha e consumo de informações, por parte das pessoas, tem influência direta em seus hábitos e a exposição seletiva funciona como um ciclo que alimenta a polarização. Ao escolher um conteúdo alinhado com concepções preexistentes, o sujeito tem dificuldade de aceitar novas informações e fixa cada vez mais suas ideologias. No Brasil, o reflexo dessa polarização se manifesta política e religiosamente, e teve impacto direto no processo de divulgação das informações na pandemia da COVID-19. Cada indivíduo, pautado nas suas convicções, poderia optar por qual canal acessar as informações, fato que tornou fértil o terreno para as *fake news* (Mundim *et al.*, 2022): “Apoiadores de Bolsonaro sabiam menos sobre o coronavírus e eram mais propensos a acreditar em teorias da conspiração sobre o vírus propaladas pelo presidente, como a que a pandemia era parte de uma conspiração chinesa para expandir o seu poder no mundo” (p. 619).

Os estudos de Mundim *et al.* (2022) sobre essa exposição seletiva, não descartam as disparidades sociais existentes no Brasil, e que também interferem tanto na escolha quanto no acesso às informações que serão consumidas. Portanto essa seletividade não é absoluta, mas sim uma tendência, e fatores como preferência política e religiosa tem grande influência na escolha individual pela busca por informações. Durante a pandemia, houve certa tendência de que os católicos e/ou apoiadores do Partido dos Trabalhadores (PT), optassem por consumir os conteúdos disponibilizados pela Rede Globo de Televisão, já os evangélicos e/ou indivíduos partidários de direita, por consumir conteúdos disponibilizados pela Rede Record, o que reforça a identidade política, religiosa e negacionista existente na pandemia (Mundim *et al.*, 2022).

O negacionismo instituído, no período da pandemia da COVID-19, transitou livremente em diversas áreas da sociedade, mas quando trazemos essa realidade para o âmbito religioso, podemos destacar que a vertente evangélica, representada por algumas de suas lideranças, foi protagonista na contestação e manipulação dos fatos, e também na disseminação constante de *fake news* (Guerreiro; Almeida, 2021).

---

<sup>44</sup> General Eduardo Pazuello: Interino no Ministério da Saúde de maio de 2020 a 16 setembro de 2020 quando tomou posse no cargo. Informações em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/09/general-pazuello-toma-posse-como-ministro-da-saude>

De acordo com a pesquisa de Guerreiro e Almeida (2021), o negacionismo religioso ganhou mais força por ser replicado por lideranças econômicas e políticas. Quando o então presidente da república Jair Messias Bolsonaro fazia suas aparições performáticas, questionando a existência da pandemia, seu grau de contaminação e letalidade, questionando a ciência em relação a existência de medicamentos e menosprezando o sofrimento das pessoas acometidas pelo vírus, ele se apresentava respaldado pela fala de alguns líderes religiosos, alinhando assim seus discursos, e contribuindo para a promoção de ideias distorcidas. Isso levou à adesão de tratamentos sem eficácia, desconfiança quanto à eficácia e segurança das vacinas e a teorias da conspiração. O presidente, com essa postura, buscava minimizar a gravidade da pandemia, colocando as pessoas em maior risco, postura essa que reflete uma estratégia conjunta entre política, religião e setor econômico, já que muitas vezes a fala de que a economia não poderia parar foi utilizada (Guerreiro; Almeida, 2021).

Durante a pandemia, notamos que certas declarações de Bolsonaro eram previamente citadas nas lives de pastores evangélicos ou vice-versa, indicando uma clara sincronia. Isso foi evidenciado em muitas falas e atitudes: a recusa de fechar os templos religiosos; uso de medicamentos sem comprovação[...] como a hidroxiclороquina; [...] a defesa de falsas terapias (como o feijão unguido anunciado pelo apóstolo Valdemiro Santiago) [...] (p. 54).

A corrente evangélica, que a tempos já fazia uso das mídias digitais para divulgar seus conteúdos, através de canais na TV ou Youtube, por exemplo, frente ao fechamento dos templos, usou esses mesmos canais para ecoar a fala do presidente de que a “economia não poderia parar”, indo contra as recomendações sanitárias e apoiando o negacionismo científico colocando em disputa a vida e a economia. Seus argumentos se pautavam na defesa de que se as pessoas iriam sair para trabalhar também poderiam ir aos templos, e além disso alegavam serem os templos como “hospitais da alma”, então consideravam que o sacrifício de uns era em prol do benefício de muitos (Guerreiro; Almeida, 2021). “Vai morrer gente pelo coronavírus? Vai. Mas se houver caos social, vai morrer muito mais. As igrejas são essenciais para atender pessoas em desespero, angustiadas, depressivas, que não serão atendidas nos hospitais” (Mello, 2020 *apud* Guerreiro; Almeida, 2021, p. 56).

A IURD, fazendo uso do jornal Folha Universal, usou de suas edições, a de número 1469 de junho de 2020, por exemplo, para incentivar o uso de hidroxiclороquina, medicação sem comprovação científica quanto sua eficácia no combate à COVID-19, alegando que a comunidade científica estava promovendo uma perseguição política ao então presidente Bolsonaro, já que esse era defensor do uso da medicação. Em outra edição, a de número 1471

também de junho de 2020, critica a necessidade do isolamento social, ressaltando a crise econômica. E assim, o jornal Folha Universal, seguiu suas edições indo contra as orientações, recomendando a hidroxicloroquina e relacionando a cura de muitos pacientes ao uso desse medicamento, questionando e não recomendando o isolamento, em favor da economia, sem se preocupar em buscar especialistas como fonte de suas pesquisas (Leite; Oliveira; Almendagna, 2023).

“Bispo Edir Macedo vence a covid-19 e recebe alta médica em São Paulo”(Ed. 1471, p.10) anuncia a recuperação do bispo da Universal, que havia contraído Covid-19. De acordo com o bispo e a Folha Universal, a hidroxicloroquina foi uma das responsáveis pela cura de Macedo. O bispo afirmou “tomei todos os medicamentos indicados pelos médicos, entre eles a hidroxicloroquina, e estou bem” (Ed. 1471, p. 10). esta matéria possui importante força simbólica, pois ela atribui à hidroxicloroquina o papel de cura ao principal nome da Igreja Universal. Se este medicamento foi responsável por salvar o bispo, e não a misericórdia divina, porque os fiéis duvidaram de sua eficácia? (p. 9).

O negacionismo do então presidente, refletiu diretamente nas medidas de prevenção implementadas para contenção do vírus, que visavam mitigar os possíveis efeitos de uma doença ainda desconhecida, quando esse ainda circulava em menor escala nos meses de março e abril de 2020, mas que já vinha impactando assustadoramente outros países. Apesar de o setor evangélico ser o de mais destaque no que tange ao negacionismo científico, não passou despercebido que outros representantes religiosos católicos e espíritas, por exemplo, também seguiram esse caminho, pautados em seu conservadorismo, compatível com a extrema direita. Tal atitude negacionista, levou o Brasil a atingir níveis de contaminação e mortes devastadores, vivenciados por todos nós.

Diante de tanta inverdade disseminada, um novo desafio surgia para as autoridades sanitárias, o de fazer com que a população entendesse a necessidade da imunização coletiva. O que até então era orgulho para o Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro, mediante suas campanhas de vacinação com taxa de adesão elevada, inclusive erradicação de algumas doenças como, por exemplo, a varíola e a poliomielite, se tornou, na pandemia da COVID-19, um pesadelo. A disseminação de *fake news* impulsionou o negacionismo de tal forma, que a população teve receio na adesão ao esquema vacinal, criticando, questionando e até colocando a sua vida e a de terceiros em mais risco, ao não se vacinar.

Preocupações com a segurança, medo dos efeitos colaterais imediatos, a médio e a longo prazo, teorias da conspiração sobre as quais as vacinas são experimentos testados na população mundial, suposições de que médicos são pagos para inocular preparações biológicas capazes de reduzir a população terrestre, teses acerca de

peças que optaram por tomar a vacina contra a COVID-19 e estão condenadas à morte nos próximos anos pelas substâncias injetadas (Silva *et al.*, 2023, p. 746).

De modo geral, o mundo acompanhou apreensivo e até com certo ceticismo a descoberta e desenvolvimento de uma medicação que controlasse a COVID-19, uma vez que a vacina foi feita em tempo recorde, devido à situação extrema em que nos encontrávamos. Ser feita em tão pouco tempo não significou que o desenvolvimento da mesma não respeitasse todos os processos de produção de uma vacina segura, o que se vivenciou, foi um aproveitamento de toda inovação tecnológica e científica da época e um esforço exímio, por parte de toda comunidade científica.

Entretanto, o Instituto Butantan (S. D.) chama a atenção para o equívoco de achar que o trabalho para produzir a vacina começou no início da pandemia, levando em consideração o tempo em que a tecnologia para combater o vírus foi desenvolvida, são pelo menos 20 anos. Desde 2003, quando o primeiro surto global envolvendo um coronavírus aconteceu (existe mais de um tipo), a tecnologia para combater a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) já estava em curso (Dias; Nobre, 2024, p. 454).

Assim como a COVID-19 não foi a primeira pandemia da história, o movimento antivacina também não é iniciante no cenário, nem mundial nem nacional, atravessando gerações em um movimento marcado pelo acirramento de tensões entre ciência, sociedade e política, e dessa vez tendo o adendo da religião. As raízes históricas dos movimentos antivacina remontam às epidemias da varíola no século XIX, quando em Londres, surgiram as primeiras resistências organizadas. Nacionalmente, em 1904 ocorreu no Rio de Janeiro a Revolta da Vacina, motim organizado pela população por ocasião da vacinação da varíola. Posteriormente, em 1990, o movimento ganhou força a partir de um estudo onde se associava a aplicação da vacina tríplice viral ao autismo, o que foi rechaçado (Dias; Nobre, 2024).

Durante a pandemia, no cenário brasileiro, a corrente antivacina, foi impulsionada, incentivada e ganhou força na pessoa do então Presidente da República Jair Bolsonaro, que aliado e alinhado com os discursos de lideranças evangélicas, fez com que esse grupo negasse a importância e a necessidade de uma vacinação coletiva para controle do coronavírus.

À vista disso, o pastor Silas Malafaia (2021 a) questionava em vídeo, no seu canal do YouTube, se o povo iria “virar Cabaia(sic)” da vacina, acusando a esquerda de politizar a situação pandêmica devido à obrigatoriedade da vacina e estimulando a hesitação vacinal nas pessoas. No mesmo raciocínio e contexto, a fala de Bolsonaro (2020), em sua página do oficial do Facebook, também dizia que “O povo brasileiro NÃO SERÁ COBAIA DE NINGUÉM (sic)”. Então, é possível observar um alinhamento entre as narrativas (Dias; Nobre, 2024, p. 457).

Religião, economia e política se entrelaçam na tentativa de controle dos corpos, usando de discursos distorcidos pautados em valores com moral conservadora. Tentam assim definir a forma como se deve viver, agir, o que consumir ou não, quais relacionamentos se deve ter, e interferem diretamente em questões de gênero, raça, etnia, credo, etc. Esse controle velado, ou não, na pandemia abriu precedente para que a vacina fosse colocada em um lugar de vilã, ao invés de aliada. O conservadorismo começou a disseminar questionamentos sobre a eficácia e segurança da vacina, o que levou, inicialmente, não só a uma baixa adesão à mesma, mas também a um retrocesso nas conquistas epidemiológicas existentes até o momento (Boscstti; Amorim, 2021).

Passado o momento de pânico pela chegada de uma doença desconhecida e com potencial devastador, o Brasil começou a enfrentar um inimigo já conhecido, a banalização da barbárie, onde o termo necropolítica<sup>45</sup> começou a ser comumente empregado.

Enfim, declarações como “um dia todo mundo vai morrer”, e “o estado é tão perigoso quanto o vírus” são indícios de que vivemos sob um Estado necropolítico no Brasil. O mais assustador não é o reconhecimento de que vivemos num estado necropolítico. Mas que, mesmo diante de todo testemunho de nosso passado colonial, somente agora, sob a ameaça de um vírus, tenha trazido a fórceps um nome para nossas injustiças (Pieper; Miguel; Mendes, 2020, p. 534).

Refletindo sobre o conceito de necropolítica, apresentado no texto *A Necropolítica e sua lógica sacrificial em tempos de pandemia* (Pieper; Miguel; Mendes, 2020), somos levados a buscar entendimento acerca de como o poder é exercido em relação a decidir quem pode viver e quem deve morrer. O que vai além do ato de tirar vidas em si, e sim de proporcionar condições não condizentes com a manutenção da vida, exposição a vulnerabilidades e riscos extremos.

A pandemia veio reforçar essa construção necropolítica do Estado, quando seleciona, indiretamente, quem se expõe e quem pode se resguardar, devido a disparidade social existente. Implicitamente é como o poder decide quem têm valor e quem não têm. Quando levado para o âmbito religioso, a necropolítica pode ser percebida a partir da lógica do sacrifício, presente em vários contextos.

Não há incompetência e fracasso por parte do governo nas medidas sanitárias e não sanitárias e nas vacinas, em verdade o bolsovírus como entidade composta pela extrema direita populista, por religiosos reacionários e pelo anarcocapitalismo nunca

---

<sup>45</sup> Necropolítica: Prática de política voltada para a morte por meio da instrumentalização de seres humanos (Pieper; Miguel; Mendes, 2020).

as desejou. A biopolítica justa e socialmente igualitária nunca foi ideia do governo bolsovirótico (Sena; Py, 2022, p. 24).

Na Pandemia, a necropolítica existente e sua relação com a religião, se manifestou cotidianamente nas falas presidenciais e de diversos pastores da corrente evangélica, já que seus discursos negacionistas se mantiveram alinhados, dificultando sobremaneira o enfrentamento da COVID-19. “A lógica sacrificial da narrativa bíblica é semelhante a de Bolsonaro: deve-se sacrificar parte da população para que o barco volte a navegar como deveria. Se na Bíblia apazígua -se a ira de Deus, no Brasil em pandemia apazígua-se a economia” (Pieper; Miguel; Mendes, 2020, p. 550).<sup>46</sup>

Percebe-se que os desafios surgidos com a pandemia da COVID-19 foram inúmeros, e tiveram consequências devastadoras em muitos sentidos e com as religiões não foi diferente. Para cada uma delas existiu um desafio distinto, atrelado a um elemento comum, o de enfrentar uma doença desconhecida com elevado e avassalador potencial de contaminação e letalidade. Cada uma a sua maneira, conseguiu ressignificar sua forma litúrgica e de propagação da fé, para que seus fiéis se sentissem acolhidos e ao mesmo tempo seguros. Claro que houve, e sempre haverá, a corrente negacionista, que vai de encontro a tudo e a todos, prejudicando a condução de acolhimento e assistência, tanto médica quanto religiosa, e expondo seus adeptos a riscos desnecessários e perigosos.

Refletir sobre o papel da religião durante a pandemia, traz à tona pontos de vista divididos, onde uns grupos religiosos optaram por aderir ao que se era orientado pelas autoridades sanitárias quanto às medidas de isolamento e outros, em nome da liberdade religiosa, teimaram em manter os templos abertos e continuar realizando suas atividades, muitas vezes atrelando essas práticas à promessa de cura ou proteção contra o coronavírus. As autoridades e a opinião pública também estavam divididas a esse respeito, as primeiras ora apontavam a religião como serviço essencial, ora como fator de risco por promover aglomeração, e a segunda, ao mesmo tempo que apoiava o papel da religião em oferecer apoio emocional, reforçava a necessidade de que isso se desse de forma remota. A pandemia levantou questões como a fé, a liberdade individual e a responsabilidade coletiva (Giumbelli, 2020, p.1).

E assim, diante de tantos percalços sanitários, políticos, econômicos e psicossociais, à medida que a vacinação avançou, as mortes foram diminuindo e a pandemia foi caminhando

---

<sup>46</sup> A passagem bíblica em questão é a narrativa mítica em que Jonas, profeta enviado por Deus para a cidade de Nínive para clamar a milícia, na tentativa de fugir de seu destino, enfrenta uma tempestade, e é lançado ao mar e engolido por um grande peixe. Após arrepende-se, Jonas é vomitado e cumpre seu destino de profeta em Nínive (Pieper; Miguel; Mendes, 2020).

para o que se especulava ser seu final, em abril de 2022, quando foi decretado o fim da ESPIN, o mundo pôde respirar um pouco mais aliviado, apesar de o vírus ainda continuar circulando e acometendo a população, mas de forma mais branda (Freitas *et al.*, 2023).

A pandemia reafirmou a existência das relações de poder entre religião, política e sociedade, como se entrelaçam e os efeitos disso na vida, e até mesmo na imposição da morte, dos sujeitos. Ela não afetou apenas a economia ou os modelos de trabalho, mas também as subjetividades de cada indivíduo, sua relação consigo e com o outro, suas percepções de si, do mundo e das formas de se viver a vida. Um olhar cauteloso e cuidadoso sobre os fatos sociais que são divisores de água na forma como se vive, nos leva a buscar a compreensão sobre como vivemos e os impactos disso, individual e coletivamente.

A permanência de doenças virais ou sua difícil erradicação entre nós se dá porque são um emaranhado de fios inseparáveis: política pública, informação, medidas sanitárias e não sanitárias, organização socioeconômica, desinformação, resistências religiosas e não religiosas, às medidas gerais e específicas de combate, enfim, uma densa malha (Sena; Py, 2022, p.11).

Não se pode ignorar o motivo pelo qual uma pessoa decide se tornar negacionista, se por desconhecimento dos fatos ou se por manipulação política, religiosa, ou qualquer que seja. Fato é que essa escolha, quando da negação de vacinar-se, por exemplo, tem impactos não somente na sua vida, mas também na vida do outro, já que vivemos em sociedade. É preciso que ao se revisitar a história, busquemos alternativas para não cometermos os mesmos erros do passado e possamos construir um futuro auspicioso.

### 3. RESILIÊNCIA

#### 3.1 HISTÓRIA E ANÁLISE DO CONCEITO

O interesse pelo estudo da resiliência surge na década de 1980, quando diversos pesquisadores começaram a analisar a dinâmica de superação das adversidades, sendo que sujeitos expostos às mesmas situações, apresentavam resultados diferentes. Aqueles/as que enfrentavam as adversidades e conseguiam sair fortalecidos/as e/ou saudáveis, quando se tratava de adoecimentos, eram considerados/as invulneráveis.

O desenvolvimento humano é integrado por diversas nuances que vão imbricar na construção do sujeito, e vai muito além de somente perceber o impacto dos eventos danosos, pelos quais este/a passou, vai de encontro com seus potenciais e vicissitudes. Assim, o conceito de resiliência assume a postura de buscar, a partir da análise das etapas da vida e das situações as quais o sujeito foi exposto, entender como ele enfrenta e supera as adversidades.

Postula a resiliência como conceito no lugar da “invulnerabilidade” se deve ao fato de a resiliência implicar que o indivíduo é afetado pelo estresse ou pela adversidade e é capaz de superá-los e sair fortalecido; além disso, a resiliência implica um processo que pode ser desenvolvido e promovido, enquanto a invulnerabilidade é um traço intrínseco do indivíduo (Rutter, 1991 *apud* Infante, 2005, p. 24).

A etimologia da palavra resiliência tem origem no latim *resilio*, que significa “saltar para trás”, “voltar”, o que também remete a Física, quando se fala da capacidade de retornar ao estado original. Até o final da década de 1990, no Brasil, a palavra resiliência não era muito difundida e era de conhecimento escasso fora do meio acadêmico, sendo vinculada somente ao uso técnico da Física. Foi a partir de sua adoção pela psicologia e da popularização do termo, em conteúdos principalmente de autoajuda, que passou a ser amplamente difundida entre o público em geral. Diferentemente do português, a língua inglesa já incorporava “resilience” e “resiliency” ao seu vocabulário havia décadas, podendo ser encontrada em dicionários bilíngues, empregando-os em sentidos ligados à recuperação, elasticidade e adaptação. Isso mostra que a resiliência se consolidou tardiamente na língua portuguesa, ao passo que no inglês já estava estabelecida e com significados amplos e próximos da experiência humana (Brandão, 2011).

Inicialmente a resiliência foi estudada a partir de diversas perspectivas que culminaram em três abordagens: a anglo-saxônica (pragmática e focada no indivíduo), a europeia (ética e psicanalítica), e a latino-americana (social e comunitária). Enquanto os anglo-saxões associam resiliência à resistência ao estresse, pesquisadores latinos também a

veem como o processo de recuperação emocional, destacando a origem do termo nas ciências exatas. No Brasil, a associação do conceito de resiliência utilizado pelas ciências exatas com a psicologia ganhou força a partir das pesquisas de Maria Ângela Mattar Yunes, e desde então, autores brasileiros começaram a citá-la, justificando a associação do conceito à psicologia (Brandão, 2011).

Parece que o fato da palavra “resiliência” não fazer parte do vocabulário brasileiro coloquial ou do vocabulário de falantes de outras línguas latinas gerou uma necessidade de entendimento e explicação então de onde ela teria vindo. Tendo sido encontrado o conceito da física e o termo não sendo conhecido fora deste âmbito de conhecimento, pareceu plausível supor que uma idéia de resiliência para a psicologia teria vindo da ciência exata. E, no Brasil, como tal origem foi divulgada por uma pesquisadora respeitada, ela passou a ser considerada um fato (Brandão, 2011, p. 266).

Na Física, resiliência se refere à capacidade de um material de retornar à sua forma original após uma deformação. Brandão (2011) nos apresenta que nas ciências exatas, estudiosos da área, usam a medida de resiliência como parâmetro de mensuração da elasticidade de um material, por conseguinte sua capacidade de deformação sem ruptura, voltando posteriormente ao estado original. Já na psicologia esse conceito vai além da capacidade adaptativa, adentra na esfera psicológica do sujeito, que ao enfrentar e superar adversidades, adquire uma adaptação positiva e sai da situação ainda mais fortalecido, portanto, envolve dimensões emocionais e comportamentais (Brandão, 2011).

Também Poletto e Koller (2006) percebem que para a psicologia, a resiliência, é o processo em que o sujeito, ao enfrentar uma adversidade, seja ela relacionada à saúde ou a outro aspecto qualquer da vida, consegue superar e voltar a ser a pessoa que era, ou até mesmo mais fortalecido que o momento pré exposição à adversidade. Para eles, a capacidade de enfrentar, superar ou se adaptar a determinada adversidade é uma característica intrínseca ao sujeito, podendo se apresentar de formas variadas em cada um, a depender de fatores como o tipo de adversidade, a rede de apoio do sujeito, sua pessoa de referência quando a adversidade se passa na infância, suas crenças prévias, dentre tantos outros. A invulnerabilidade, intrínseca ou adquirida do sujeito será a base para a construção da sua resiliência.

Zimmerman e Arunkumar (1994) afirmam que a resiliência e a invulnerabilidade não são termos que se equivalem, ou seja, a resiliência seria uma habilidade de superar adversidades. Não significa, no entanto, que o indivíduo saia completamente ileso de determinada situação adversa, como na invulnerabilidade (Poletto; Koller, 2006, p. 23).

O termo invulnerabilidade remete ao entendimento de que independente do que aconteça, o sujeito não será afetado, ele se apresenta inatingível, invulnerável. Diversos estudos realizados com crianças, apontam para o fato delas se adaptarem positivamente a situações por serem invulneráveis. No entanto, estudos posteriores, observaram que na verdade essas crianças, não eram invulneráveis, e sim capazes de enfrentar e superar as adversidades, através dos fatores de proteção.

Postular a resiliência como conceito no lugar da “invulnerabilidade” se deve ao fato de a resiliência implicar que o indivíduo é afetado pelo estresse ou pela adversidade e é capaz de superá-lo e sair fortalecido; além disso, a resiliência implica um processo que pode ser desenvolvido e promovido, enquanto a invulnerabilidade é um traço intrínseco do indivíduo (Rutter, 1991 *apud* Infante, 2005, p. 24).

Para aprofundar o entendimento de como a resiliência é construída, precisa-se compreender outros conceitos como, por exemplo, adversidade, os fatores de risco e de proteção, adaptação positiva, além do conceito de invulnerabilidade mencionado acima. Conceitos esses presentes, a todo momento, nos estudos sobre resiliência.

O termo adversidade surge como um sinônimo para risco, nesse sentido se abre um leque de possibilidades para designar o que ele representa e como pode ser mensurado ou até mesmo percebida pelos sujeitos (Infante, 2005). Observa-se assim que a adversidade pode estar inserida em diversos contextos, como adoecimento próprio ou de entes queridos, catástrofes climáticas, viver em situação de pobreza extrema ou em áreas de guerras, dentre outros inúmeros fatores.

Quando um sujeito consegue desenvolver a adaptação positiva, mesmo estando exposto a uma situação adversa, pode-se dizer que este possui um indicador para resiliência. Para que se possa compreender a adaptação positiva é necessário observar o que se considera como um desenvolvimento normal, dentro de cada contexto histórico, social e cultural ao qual o sujeito está inserido e dele é resultado. Assim, quando o sujeito, em cada etapa do seu desenvolvimento, se apresenta da forma como esperado ou mesmo que somente não apresente algum desajuste, diante de qualquer adversidade experienciada, pode-se dizer que ocorreu uma adaptação positiva.

Tanto a adversidade quanto a adaptação positiva e a resiliência podem ser mensuradas. Para medir a adversidade, pode-se partir de diferentes frentes, uma delas é por meio da análise de múltiplos fatores. Esse instrumento se baseia na escala de eventos negativos da vida, como por exemplo ausência de saúde, catástrofes climáticas, dentre outros. Outro instrumento para

medir a adversidade se baseia em considerar situações específicas, entendidas social e culturalmente como estressantes e que vão predispor o sujeito a ser mais vulnerável a outros riscos. Também existe a abordagem da constelação de múltiplos fatores de risco, onde se analisa de forma conjunta o sujeito e o meio ao qual está inserido, bem como o reflexo dessa interação como seu desenvolvimento. Tais abordagens para medição da adversidade encontram dificuldades no que tange a necessidade de validação desses instrumentos, no perceber a gravidade dos eventos adversos e garantir que os elementos analisados reflitam a realidade e os valores individuais e coletivos (Infante, 2005).

Para medir a adaptação positiva utiliza-se meios similares, como a adaptação frente a fatores múltiplos, onde considera-se as etapas do desenvolvimento humano, reunindo informações com pessoas do convívio do sujeito analisado e a aplicação de testes específicos. Outro meio de medição é avaliar a ausência de desajuste, principalmente em contextos clínicos, onde se utilizam questionários próprios da área da saúde e descarta-se a falta de sintomatologia específica de alguns transtornos. Já a constelação de adaptação leva em consideração e analisa diversas condutas vinculadas ao desenvolvimento, utilizando provas, escala e informações colhidas de pessoas do convívio social como familiares e professores, por exemplo. Por fim, a resiliência também pode ser mensurada de duas maneiras principais: uma onde o foco são os fatores de risco e de proteção para que se possa reconhecer padrões de adaptação positiva, e a outra é voltada para o foco no sujeito, sua trajetória de vida e assim entender diferenças nos resultados de adaptação.

Isto posto, voltemos a outros conceitos relevantes: os fatores de risco e fatores de proteção. Segundo Poletto e Koller (2006), tanto os fatores de risco quanto os de proteção tem impacto direto na construção da resiliência, onde os primeiros se configuram por situações negativas do cotidiano, que interferem diretamente na vida do sujeito, tornando-o predisposto ao desenvolvimento de condições desfavoráveis física, psicológica e socialmente. Já o segundo, se refere a condições, situações ou rede de apoio, que podem interferir positivamente nas respostas dos sujeitos, mediante sua exposição aos riscos. As autoras apontam também que se deve levar em conta que “uma abordagem de processos, nos quais diferentes fatores interagem entre si e modificam o percurso do indivíduo, tanto para produzir uma experiência estressora como uma protetora em seus efeitos” (p. 21).

Rutter (1987) afirma que resiliência é o processo final de mecanismos de proteção que não eliminam os riscos, mas encorajam o indivíduo a se engajar na situação de risco efetivamente. Cowan, Cowan e Schulz (1996) relacionam resiliência ao risco da seguinte maneira: “resiliência refere-se aos processos que operam na presença de

risco para produzir consequências boas ou melhores do que aquelas obtidas na ausência do risco” (Poletto; Koller, 2006, p. 31).

Ainda sobre os fatores de proteção, é importante também levar em conta que, conforme Chequini (2007), esses não são o mesmo que fatores de resiliência. A autora observa que os fatores de proteção têm o intuito de blindar o sujeito na tentativa de que este não seja exposto à adversidade. Sendo assim, não seria necessário o desenvolvimento da resiliência, já que ela é entendida como a capacidade de enfrentamento e superação da adversidade, fazendo com que o sujeito saia fortalecido da situação.

Walsh (2005) explica que resiliência não ocorre apesar da adversidade, mas em função dela. Cyrulnik (2007, p. 28) enfatiza que para se falar em resiliência há necessidade “de ter sido vulnerado, ferido, traumatizado”, o que exclui, assim, a ideia de invulnerabilidade do constructo (Chequini, 2007, p. 103).

Os estudos sobre a resiliência se encontram divididos em duas gerações: a primeira em 1970 e a segunda após 1990. Na primeira, nomes como Luthar (1993) e Kaplan (1999) focaram seus estudos em analisar crianças em situação de vulnerabilidade semelhantes e separá-las em grupos, o grupo daqueles desenvolveram adaptação positiva e o grupo dos que não desenvolveram. A análise dessas crianças estava pautada na observação e identificação de fatores de risco e de resiliência. Esses fatores, por sua vez, eram percebidos através da perspectiva da análise das esferas pessoais a que o sujeito está exposto ou inserido, como qualidades individuais, sociais e ambientais. Já a segunda geração, iniciada a partir da década de 1990 e que dá continuidade aos estudos da primeira, tem seu foco na adaptação positiva que o sujeito desenvolve após ser exposto à adversidade. Rutter (1991), propõe que a resiliência se apresenta “como uma resposta global em que estão em jogo os mecanismos de proteção, entendendo por estes não a valência contrária aos fatores de risco, mas aquela dinâmica que permite ao indivíduo sair fortalecido da adversidade, em cada situação específica, respeitando as características pessoais” (*apud* Infante, 2005, p. 25).

O conceito de resiliência evoluiu na psicanálise partindo dos estudos com ênfase na elaboração do trauma e do luto, a capacidade de o ego manter sua coesão frente às suas frustrações e também a capacidade de simbolizar as experiências. Desta forma, essas habilidades psíquicas de superar e elaborar as dificuldades, os traumas e perdas, pode ser entendida como princípio para que o sujeito se adapte, supere e saia fortalecido ao enfrentar as adversidades, sendo considerado um sujeito resiliente. As autoras Sordi, Manfro e Hauck (2011) apontam:

Assim, pode-se dizer que o processo psíquico que se estabelece ao se vivenciar uma perda está ancorado não somente no significado real do objeto perdido, mas no que a perda simboliza e na capacidade de entrar em contato com esses significados. Aqui podemos pensar que a resiliência se constitui na capacidade de elaborar a perda, sendo o luto um “marcador” de resiliência ao contrário da melancolia. O indivíduo seguir um outro caminho ao ser confrontado com uma perda depende, já na época, pensado na equação etiológica de Freud, de fatores inatos, ambientais e da interação entre eles. Podemos pensar no “resultado” da equação etiológica de Freud como a resiliência ou ausência dela (p.118).

Assim ao analisarmos o conceito de resiliência a partir do exemplo de superação do luto, mas também facilmente aplicando a qualquer outro tipo de adversidade enfrentada, podemos percebê-la como um processo inerente ao ser humano, cujo sua plena manifestação dependerá de diversos fatores, quais sejam, fatores de risco e proteção, meio ao qual o sujeito está inserido, seu contexto sócio-histórico e cultural e a presença de uma significativa rede de apoio. Tanto na primeira quanto na segunda geração de estudos mencionados anteriormente, os conceitos e os exemplos apresentados convergem para a ideia de que resiliência se trata da capacidade do sujeito de enfrentar, superar e adaptar-se às adversidades. Ainda que nem sempre seja possível retornar ao estado anterior, o sujeito resiliente é capaz de ressignificar suas experiências, reconstruir seu equilíbrio interno e seguir em frente com novos sentidos para a própria vida.

Mesmo entendendo que a resiliência é inerente ao ser humano, é importante salientar que ela não é um traço fixo, podendo ser desenvolvida ao longo da vida do sujeito. As vivências que dão sentido à vida são representadas pela construção da resiliência, que é a responsável por possibilitar o enfrentamento das adversidades com coragem e esperança. Para tanto o apoio social exerce um papel importante nesse processo, mas a percepção do propósito da vida pode, por vezes, ser o pilar na construção da resiliência através de um caminho contínuo, pautado na capacidade humana de adaptação e crescimento mesmo frente ao sofrimento. A busca por sentido para a existência impacta diretamente na qualidade de vida e superação de dificuldades, permitindo ao sujeito, apesar dos desafios, se tornar resiliente (Silveira, 2008).

Conforme Frankl (2006), o sujeito que desenvolve a resiliência acredita que são necessários incorporar alguns sentimentos norteadores ao seu desenvolvimento pessoal, como dedicação a uma causa maior, não se desesperar, valorizar o sentimento religioso e com isso desenvolver uma proteção emocional contra dores e emoções negativas, manter disciplina, humor, independência e responsabilidade. Para além disso, é importante considerar talentos,

ter diversos interesses, ser flexível, focar nos objetivos e adotar uma filosofia de vida que traga esperança. “Não se pode conceber algo que condicione o ser humano a ponto de deixá-lo sem a menor liberdade. [...] O ser humano, em última análise, se determina a si mesmo. Aquilo que ele se torna - dentro dos limites dos seus dons e do meio ambiente - é ele que faz de si mesmo” (Frankl, 2006, p. 113).

Diante do processo de construção e fortalecimento da resiliência frente às adversidades, o sujeito pode conquistar para si um desenvolvimento psicológico que levará a alguns benefícios, representados na forma, por exemplo, de empatia, compaixão, altruísmo, dentre outros. Mais do que enfrentar, superar e ressignificar os desafios enfrentados, a resiliência envolve o fortalecimento de valores, que proporcionam a criação de vínculos interpessoais e senso de comunidade. Ao adquirir esse desenvolvimento, e por conseguinte se tornar mais consciente, o sujeito, amadurece e pode ressignificar suas experiências de vida, usando para tal, a integração de razão, emoção e valores que vão ser fundamentais para a resiliência. Lançando mão de artifícios como humor e criatividade, por exemplo, restaura-se o equilíbrio emocional, o que favorece o enfrentamento das adversidades (Chequini, 2007).

Jung (1998, § 771), por sua vez, vê a adversidade uma forma de amadurecimento. Entende que “o significado e o propósito de um problema não parece repousar em suas soluções, mas sim no nosso incessante trabalho sobre ele”. [...] Jung (2003, p. 33) mostra que “o privilégio de se ter uma consciência superior é resposta suficiente ao sofrimento, que sem isso tornar-se-ia sem sentido e insuportável”. Conclui-se que o sofrimento deve ser “mitigado e receber sentido” (Chequini, 2007, p. 104).

Destarte, a resiliência ao longo de sua trajetória conceitual e histórica, passou a ser entendida como um processo dinâmico e relacional, que se constrói nas relações entre o sujeito, a sociedade e o meio ao qual está inserido. Não podendo ser considerada imutável, encontra-se em constante transformação e é passível de sofrer influências, tanto internas quanto externas. Entre os inúmeros fatores que contribuem para a construção e fortalecimento da resiliência, a religião e a espiritualidade tem papel de destaque, sendo mediadores importantes, contribuindo efetivamente na busca por sentido da existência e no enfrentamento e superação das adversidades.

### 3.2 RELIGIÃO, ESPIRITUALIDADE E RESILIÊNCIA

Desempenhando vários papéis em diferentes sociedades, o repertório religioso é capaz de fornecer aos adeptos o sentido que alimenta as subjetividades, além de códigos morais e

éticos que norteiam as condutas e práticas. Pode ser compreendida como a forma de relação que os sujeitos utilizam, através da institucionalização e ritualística, para estabelecerem contato com o transcendente, podendo ser praticada individual ou coletivamente (Zangari, 2022).

Com a secularização, rompe-se os vínculos tradicionais de transmissão da religião e, as experiências religiosas, que antes eram estruturadas pela tradição e pela pertença comunitária, se encontram hoje fragmentadas. O que não significa que a religião foi extinta, mas sim que se encontra em constante e profunda transformação. Nesse novo contexto, secular, onde a religião se apresenta como um sistema de memória coletiva fragilizado, os sujeitos se tornam responsáveis por selecionar, reinterpretar e reconfigurar a cosmo simbologia conforme suas próprias necessidades existenciais. Isso se torna evidente com o crescimento das práticas sincréticas, espiritualidades alternativas e percursos espirituais personalizados. Portanto, a modernidade não destrói a religião, mas a desconstrói, reorganizando-a em formas mais fluidas e individualizadas (Hervieu-Léger, 2024).

Para AmatuZZi (2000), o desenvolvimento religioso envolve as dimensões do desenvolvimento psicológico nas experiências marcantes e no contato com tradições religiosas. Essas dimensões refletem o processo pelo qual uma pessoa busca e constrói um sentido profundo para sua existência, em que a religião pode exercer uma influência significativa na visão de mundo e na vida cotidiana de cada sujeito. Sua vivência e senso religiosos estão presentes na busca por elucidar questões existenciais e de propósito de vida.

O autor destaca momentos marcantes no desenvolvimento: a descoberta do mundo; a descoberta do outro; a descoberta de uma verdade mais profunda e a descoberta da vida não limitada à individualidade. No decorrer de seus estudos, foi identificando outras fases do desenvolvimento até começar a descrever essas etapas com o ponto de partida nos desafios próprios ao desenvolvimento, e como o não enfrentamento desses desafios teria efeitos na vida do indivíduo. Chegou, assim, ao entendimento de seis fases: bebê, no primeiro ano; criança pequena, até 6 anos; do menino ou menina; da adolescência, até a vida adulta; segunda adolescência, na idade adulta; e a maturidade até a velhice. Ao mesmo tempo deu início ao estudo da experiência religiosa, pois identificou uma relação estreita dessa com fatores motivadores ou até mesmo determinantes no desenvolvimento, tanto facilitando quanto obstruindo-o. Na busca da compreensão dos estágios da fé, AmatuZZi (2000) busca inspiração em Fowler, que diz ser “a fé um aspecto genérico da luta humana para achar e manter o sentido” e “que ela pode ou não se exprimir pela religião”.

Talvez devêssemos dizer, então, que como movimento humano interior que fundamenta o viver, é só implicitamente que ela contém a referência a algo absolutamente firme (não mais do que como uma direção pressentida, formulada a posteriori). Será a experiência religiosa, enquanto experiência da manifestação desse algo, que explicitará a fé como religiosa (Amatuzzi, 2000, p.144).

A Religião, assim, é compreendida diante das subjetividades vivenciadas e tem relação com a realidade última. Nesse sentido o grau de enraizamento da religião, se apresenta diferente para cada sujeito, a depender da fase de desenvolvimento que esse se encontra. Cada uma dessas etapas do desenvolvimento apresenta desafios, necessidades, experiências básicas, consequências à religião e seu grau de enraizamento.

A Religião, seja institucionalizada ou não, e a espiritualidade podem atuar como importantes recursos no enfrentamento das adversidades, especialmente quando utilizadas pelo sujeito na busca por sentido para a vida, tornando-se, nessa direção, elementos importantes para a construção e fortalecimento da resiliência. A relação entre religião/espiritualidade e resiliência é complexa e marcada por dualidades, onde crenças, valores e práticas podem assumir tanto dimensões positivas quanto negativas, estimulando o desenvolvimento humano ou limitando-o, implicando diretamente na capacidade de enfrentamento e superação das adversidades. Em tempos de instabilidade global, atravessados por crises sanitárias, climáticas, políticas e sociais, a religião/espiritualidade segue ocupando um papel de destaque na vida dos sujeitos.

Negativamente, ao reforçar as restrições impostas pela cultura, quando gera no sujeito um sentimento de culpa, quando restringe seu senso de pertencimento, arraigada de fundamentalismos, a religião, talvez, venha a ser considerada como prejudicial, pois pode gerar impactos distorcidos de visão de mundo, e na forma como o sujeito vivencia, enfrenta e supera as adversidades, reforçando o sofrimento experienciado pelo sujeito.

[...] Posteriormente, com a evolução cultural, Freud (1927/1978) aponta um conjunto considerável de restrições ao indivíduo, que lhe imputam culpabilidade e conduzem à perda da felicidade. É nesta situação que a religião, baseada em promessas futuras, salva o homem do seu mal-estar, de uma possível neurose individual (pela dificuldade de aceitação da realidade), embora com custo elevado de restrições éticas (Mónico, 2021, p. 956).

Mas, partindo da perspectiva onde religião e espiritualidade são elementos que podem ser considerados fontes de sentido, esperança e fortalecimento interior, no diálogo entre a fé e a razão, a resiliência surge não apenas como uma forma de adaptação, mas também como resultado de enfrentamento, superação e ressignificação das adversidades enfrentadas, integrando as dimensões subjetivas, espirituais e sociais. A religião, ao contribuir como

elemento organizador das sociedades, apresenta algumas funções, como por exemplo ajudar o sujeito e encontrar sentido para sua vida, oferecer soluções espirituais e práticas para as questões do dia a dia, participar na construção de identidades, favorecendo o senso de pertencimento. “Os humanos possuem um desejo de auto compreensão, tanto do mundo que os rodeia como de avaliar e justificar as suas ações” (Mónico, 2021, p. 955).

O ser humano em sua incessante busca por descobrir o sentido de sua existência, bem como sua sede por pertencimento, tende a se apegar às subjetividades apresentadas pela religião e pela espiritualidade. Desta forma, para além de um conjunto de crenças e rituais, a religião/espiritualidade se apresenta fortemente ligada às questões psicológicas, morais, éticas e socioculturais do sujeito, implicando de forma contundente no enfrentamento e ressignificação das adversidades vivenciadas, contribuindo para que ao extrair significado dessas situações e sob a ótica da religião e da espiritualidade o sujeito se predispõe a ser resiliente (Capelo; Pocinho; Rodrigues, 2015).

Ao fazer uma relação com o conceito de fatores de proteção, apresentado anteriormente, podemos perceber a religião e a espiritualidade como tal. Nesse sentido, o sujeito ao cercar-se de mecanismos religiosos e espirituais, pode enfrentar e superar as adversidades, tendo amenizado os impactos devastadores de tais situações de vulnerabilidade. A fé, quando vivida de forma profunda, fortalece a resiliência e pode promover o desenvolvimento psicológico, o bem-estar, a força necessária para o enfrentamento, a superação e a ressignificação das situações de estresse, provocadas pelas adversidades.

A espiritualidade é uma parte extraordinária das vidas comuns das pessoas, e representa um recurso adicional que lhes permite adaptarem-se às adversidades inevitáveis da vida (Pargament, 2007), funcionando assim como um fator protetor que aumenta a capacidade de manter o funcionamento adaptativo, funcionando como um amenizador do stress e da vulnerabilidade (Schetter; Dolbier, 2011 *apud* Tomás, 2018, p.30).

A conexão religiosa e espiritual, em muitos casos, pode ser considerada a base para a resiliência. Alguns estudos trazidos por Sbizera e Dendasck (2018, p. 5), apontam que seja analisando a “vivência do luto”, seja analisando a respostas às adversidades por sob a perspectiva de “mulheres casadas de baixo nível educacional e renda”, ou analisando o fato de “idosos serem mais religiosos do que os jovens”, quando o sujeito enfrenta qualquer adversidade usando como suporte a fé, a religiosidade, a religião, a espiritualidade, ou qualquer que seja a forma de conexão com o transcendente, a resiliência é o resultado.

Se vistas como fonte de força interior, religião e espiritualidade, oferecem suporte e ajudam a manter ou recuperar o equilíbrio diante dos desafios. Nesse contexto, a vivência religiosa e espiritual fornece ao sujeito a capacidade de usar suas ferramentas internas, aprimorá-las e desenvolvê-las, se tornando assim um sujeito resiliente. Na perspectiva dos estudos mencionados acima, nota-se que independente do contexto, a religião e a espiritualidade favorecem a manutenção e/ou a recuperação da saúde, bem como a construção e fortalecimento da resiliência. “As pessoas, ao conseguirem aprender com as suas experiências pessoais e, com isso, encontrarem novos sentidos, como a busca pela transcendência ou o contato com a espiritualidade, tornam-se mais capazes de encarar os problemas e de vencê-los” (Sbizera; Dendasck, 2018, p. 6).

Na perspectiva de alguns autores, aponta-se que a religiosidade é utilizada para superação de dificuldades em vários âmbitos da vida desde os primórdios da humanidade, podendo ser percebida, então, como uma estratégia utilizada no enfrentamento das adversidades.

A utilização da religiosidade para o enfrentamento das adversidades da vida configura -se como um recurso pessoal com grande prevalência em todo o mundo. Crenças, ensinamentos e práticas religiosas podem ser compreendidas como fontes de controle e adaptação às experiências difíceis; incentiva, o indivíduo religioso a empregar atitudes benéficas a si mesmo e ao próximo, com possibilidade de reduzir comportamentos de saúde negativos como consumo de excessivo de álcool, uso de drogas, tabagismos e promiscuidade sexual (Koenig, 2012 *apud* Corrêa, 2017, p. 2).

Assim, onde religião e espiritualidade são percebidas como estratégia de enfrentamento, construção e desenvolvimento da resiliência, ambas podem contribuir para o estreitamento de laços, acesso a rede de apoio mais ampla e estável, reforçar a construção identitária e valores éticos e morais, favorecer o desenvolvimento intrínseco do sujeito, bem como atuar no auxílio da compreensão do sofrimento, no enfrentamento de doenças e na ressignificação das crises.

Numa perspectiva adaptativa, as atribuições religiosas estão associadas a eventos estressantes, e as primeiras visam promover o crescimento pessoal, através de atitudes resilientes (MANNING, 2014; PARK, 2005). Em suma, as crenças espirituais e religiosas poderão ser consideradas fatores de proteção em momentos de stress. Ou seja, ao longo de todo ciclo vital, é atribuída ao indivíduo a responsabilidade de criar formas para fortalecer e desenvolver a capacidade de ser resiliente, através, também de atividades religiosas/espirituais (Margaça; Rodrigues, 2019, n. p.).

Assim, entendendo a religião/espiritualidade como estratégia adaptativa, pode-se usar o Coping Religioso/Espiritual (CRE) como exemplo. Zangari e Machado (2022) apontam que o coping<sup>47</sup> pode ser percebido como um conjunto de estratégias utilizadas pelo sujeito para lidar com as adversidades como adoecimento, mortes, catástrofes ambientais e climáticas. Quando religião, espiritualidade ou fé são mobilizadas nesse processo, fala-se em coping religioso/espiritual, que pode ter efeitos positivos ou negativos. Pargament (1997) destaca que cada indivíduo utiliza esse tipo de coping de maneira própria, influenciado por aspectos cognitivos, comportamentais, interpessoais e espirituais, o que repercute diretamente na saúde física e mental (Corrêa; Holanda; Olandoski, 2017).

Nesse sentido, o Coping Religioso/Espiritual, pode ser percebido como uma estratégia para lidar com situações adversas, onde as crenças religiosas e as práticas espirituais podem assumir diferentes perspectivas, indo desde a responsabilização pessoal, a delegação a Deus, até uma intercolaboração entre sujeito e divino. De modo geral esse tipo de estratégia envolve a busca de significado, conforto espiritual e bem estar (Morgaça; Rodrigues, 2019). Assim, pode-se dizer que a ressignificação do sofrimento enfrentado é alcançada a partir do desenvolvimento de estratégias de coping eficientes, neste caso coping religioso/espiritual, tornando o sujeito resiliente.

Importante ressaltar que existe uma diferença entre coping e resiliência, onde o primeiro pode ser entendido como uma mobilização consciente de recursos para solucionar problemas, enquanto o segundo como mobilização intuitiva-inteligente desses e de outros recursos subjetivos para superar obstáculos. Assim, o exemplo de coping religioso/espiritual como estratégia de enfrentamento, reforça o descrito anteriormente, apontando que a resiliência é resultado de um conjunto de fatores, alguns intrínsecos ou até mesmo inerentes ao sujeito, e outros, como a religião/espiritualidade, extrínsecos, os quais são utilizados como estratégias (Vasconcelos, 2011).

Essa relação positiva entre religião, espiritualidade e saúde, pode ser considerada como uma ferramenta de grande valia no atendimento aos doentes. No entanto, devemos observar a espiritualidade para além de ser somente um recurso de coping no enfrentamento das adversidades. Ela abarca também questões existenciais, propósito de vida, busca por sentido, e está diretamente ligada a percepção que o indivíduo tem de si mesmo e do mundo

---

<sup>47</sup> Coping: Definido como um conjunto de esforços, cognitivos e comportamentais, utilizados pelos indivíduos com o objetivo de lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situações de estresse e são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo seus recursos pessoais (Lazarus; Folkman, 1984 *apud* Antoniazzi; Dell'aglio; Bandeira, 1998). Informações em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000200006>

que o cerca, bem como a forma como ele se relaciona com seu entorno, natureza e sagrado (Esperandio; Souza, 2023).

Ainda nesse sentido de fatores extrínsecos, a articulação entre religião e espiritualidade, enquanto mecanismo de suporte e auxílio na construção e fortalecimento da resiliência, ultrapassa o âmbito de crenças individuais, alcançando também as práticas do cotidiano, as redes de apoio social e os sentidos atribuídos às experiências de sofrimento. Exemplo disso é o que ocorreu na pandemia da COVID-19, onde as dinâmicas sociais e pessoais foram atingidas e estiveram desestruturadas por algum tempo, seja pelas incertezas frente ao desconhecido, pelo isolamento, pelo próprio adoecimento e proximidade com a morte, ou mesmo na impossibilidade de vivenciar o luto.

Quando compreendida como dimensões existenciais da vida humana, religião e espiritualidade podem tornar as adversidades menos ameaçadoras e possibilitar que o sujeito tenha mais clareza, aceitação e esperança. Em momentos de isolamento social, como ocorreu na pandemia da COVID-19, essa dimensão se manifesta quando, por exemplo, as comunidades religiosas e espirituais implementam uma forma de suporte, por meio digital, atuando como um fator de proteção, possibilitando ao sujeito a manutenção de práticas que o ajudariam a manter a saúde mental, uma vez que atividades como oração, meditação, rituais religiosos, exercem influência positiva na regulação emocional e manejo do estresse. Nessa perspectiva, a resiliência se apresenta não somente como resistência ao sofrimento, podendo reforçar seus aspectos psicológicos de um processo contínuo de ressignificação e reconstrução da vida.

A religião não é um conjunto estático de crenças e práticas; é um processo dinâmico, direcionado inicialmente para a descoberta, as pessoas são motivadas a nutrir e manter seu relacionamento através das práticas religiosas. Esse processo pode ser tanto baseado na socialização, quanto nas necessidades e motivos internos. [...] Existem momentos na vida em que as pessoas se deparam com grandes eventos que abalam ou destroem seus modos de vida, e, conseqüentemente, ficam desorientadas e lutam para recuperar o equilíbrio emocional ou psicológico. Nesse sentido, elas podem procurar dentro da religião auxílio para ajudá-las a manter o significado, podendo recorrer a uma variedade de práticas religiosas para enfrentamento de situações estressantes. Um exemplo disso são indivíduos que utilizam símbolos como livros religiosos, ritos, objetos, orações, meditação, e a realização de boas ações (Monteiro *et al*, 2020, p. 131).

Por mais que a citação acima se refira a religião de forma geral, pode-se estender tais apontamentos à espiritualidade, uma vez que, conforme os conceitos apresentados anteriormente, ambas podem ser compreendidas como dimensões interligadas da experiência humana. Ainda que se expressem por meio de formas distintas, como rituais e manifestações

próprios, religião e espiritualidade convergem na busca por conexão com o transcendente, funcionando como mediadoras na construção de sentidos, no enfrentamento do sofrimento e na ressignificação das adversidades.

### 3.3 SAÚDE E RESILIÊNCIA

A saúde não pode ser percebida como um estado imutável, mas sim passível de gerar novas formas de equilíbrio diante das mais diversas situações. Essa percepção se aproxima de Foucault (*apud* Machado, 2009), que aponta as ideias de normal e patológico como invenções históricas, baseadas em dinâmicas de poder para controle social, moldando corpos e comportamentos, indo além da descrição de diferenças, mas sim da imposição de condutas e adequação de desvios como doença ou loucura. Para Canguilhem (2006), o que consideramos normalidade não é um ponto fixo, e sim algo em constante movimento, que se apresenta diferentemente em cada sujeito, a depender da sua vivência e meio no qual está inserido. As mudanças da vida, se não acompanhadas pelo sujeito, podem levar à transição do normal ao patológico e vice-versa.

A religião é vista como uma conexão que proporciona um diálogo entre diversas formas espirituais. Na área da saúde, o conceito de espiritualidade não religiosa, dessacralizada, vem ganhando destaque, pois ao se deparar com problemas de saúde, de gravidades diversas, o sujeito sente a necessidade de buscar algum auxílio para além dos cuidados médicos tradicionais, e dessa forma enfrentar tais dificuldades de maneira mais serena. Tendo em vista o conceito ampliado de saúde, para além dos moldes biomédicos, onde o indivíduo deve alcançar um bem-estar biopsicossocial, percebe-se uma mudança na percepção geral do adoecimento, onde a doença deixa de ser o foco e a saúde passa a ser a protagonista. Mediante os processos de adoecimento e instabilidade emocional vivenciados pelos sujeitos em tempos de crise, como por exemplo na pandemia da COVID-19, a religiosidade, manifestada através da adesão a uma religião ou espiritualidades não religiosas, aparece como lugar onde o sujeito encontra na resiliência a força necessária para superar tais adversidades. Tão singular quanto as subjetividades individuais, as trajetórias de vida e seus marcos, são as adversidades da vida e as formas através das quais os sujeitos lidam com elas.

Cada indivíduo enfrenta adversidades de formas diferentes, e não é raro desenvolver resiliência. Mariosa e Lages (2022) pontuam que a resiliência é a capacidade de reverter adversidades em positividade para o próprio bem-estar psíquico e emocional. Essa

característica pode ser desenvolvida e aprimorada ao longo do tempo, ajudando o sujeito a lidar com as dificuldades de forma mais eficaz e superá-las mais rapidamente.

Diferentes pessoas podem vivenciar o mesmo evento estressor de formas diferentes, por isso a resiliência será um fenômeno que vai variar individualmente, apesar de não estabelecer um traço individual. Contudo, a resiliência não pode ser considerada como uma característica fixa da pessoa, como traço de personalidade. Ela tenderá a se alterar de acordo com a mudança das circunstâncias envolvidas na história de vida de cada sujeito, considerando os diferentes contextos em que ele vive (Mariosa, Lages, 2022, p. 35).

A saúde, indo muito além do entendimento como prevenção e o tratamento de doenças, precisa ser levada em conta em sua complexidade: o cuidado integral, ético e individualizado, buscando sempre a valorização do ser humano, respeitando suas crenças e modo de vida, proporcionando acolhimento e cuidado. Nessa perspectiva de que a saúde engloba um cuidado integral do sujeito, inclui-se o âmbito religioso e espiritual. Os conceitos de religião, religiosidade, espiritualidade e o sagrado, apresentados por Zangari (2022), quando relacionados com a saúde, nos proporcionam maior clareza acerca do que os sujeitos buscam encontrar quando recorrem ao transcendente. A religião aqui está ligada a um modo de vida, de conduta, de moral, a uma prática institucionalizada e coletiva; a religiosidade abarca a dimensão individual do sujeito e a forma como este vive e entende sua religião; a espiritualidade é aquilo que dá sentido à vida, conecta o indivíduo a algo maior, podendo ser religiosa, quando ligada a religião, ou não religiosa, quando for ligada a atividades que promovam sentido; já o sagrado é o que se encontra no centro da espiritualidade, podendo ser religioso ou não.

Ao se ancorar nas crenças religiosas ou espirituais, o sujeito, consegue auxílio para lidar com seus anseios, bem como alimenta sua esperança em algo transcendente para enfrentar as adversidades. Quando ligadas a saúde, religião e espiritualidade podem ser o apoio necessário que impulsionará o sujeito, para que ele supere e ressignifique o adoecimento próprio ou de seus entes queridos. Desta forma, é importante observar que um atendimento integral do sujeito, onde os aspectos subjetivos de sua existência, como suas crenças religiosas e espirituais, sejam considerados e respeitados, tem impacto no desfecho da situação enfrentada, mesmo que a finitude da existência seja a realidade. Amparado e respeitado em sua integralidade, esse sujeito terá mais chances de se tornar resiliente.

Entre as estratégias de elaboração do luto encontramos a R/E, que pode ser uma resposta ao sofrimento, tanto oferecendo explicações sobre esse fenômeno, como abrindo a oportunidade de que tal vivência, sendo explicada dentro de uma

inteligibilidade mais porosa ao sujeito, possa promover conforto e acolhimento diante da impossibilidade de revisão desse quadro. Embora o conceito de R/E não envolva, necessariamente, uma resposta, mostra-se um mecanismo importante para oportunizar ao sujeito uma explicação, uma possibilidade compreensiva. Desse modo, a R/E pode amparar o sofrimento justamente por partir de explicações que sejam mais palatáveis ao mundo experiencial das pessoas (Scorsolini-Comin *et al*, 2020, p. 10).

Ainda sobre a perspectiva de um cuidado integral, a promoção da saúde é construída de forma ampliada levando-se em consideração alguns princípios norteadores como qualidade de vida, solidariedade, equidade, integralidade, dentre tantos outros que buscam perceber o sujeito para além das condições físicas e individuais. Ao promover um atendimento completo e humanizado do sujeito, desviando o foco do adoecimento em si, a promoção à saúde ultrapassa a fronteira do campo individual e familiar, podendo ser percebida também como resultado das interações sociais. Dessa forma, a valorização do ser humano como sujeito composto por elementos físicos, mas também por todo um arcabouço subjetivo e também social, faz com que ele ao enfrentar adversidades se sinta mais preparado, fortalecido e confiante, o que propicia o desenvolvimento da resiliência (Silva *et al*, 2005).

Perceber essa dinâmica de proporcionar ao sujeito um cuidado integral, voltado para todos os processos de sua existência, ampliando a compreensão dos processos de adoecimento, é reconhecer que a força para enfrentar as adversidades é construída nas interações do sujeito consigo mesmo, com os outros e com o meio ao qual está inserido. Assim, não se pode mais afirmar que o sujeito que vive em contextos de risco está condenado a desenvolver problemas, mas sim que existem possibilidades de enfrentamento, fortalecimento e ressignificação, que vão providenciar as condições para que este sujeito se torne resiliente. E isso, conforme aponta Silva *et al* (2005), pode ser entendido como a capacidade humana para produzir saúde e enfrentar adversidades a partir de uma rede de apoio sólida.

Resiliência é um conceito que prioriza o potencial dos seres humanos para produzir saúde, em vez de se ocupar apenas dos transtornos e disfunções[...]. Representa, pois, uma possibilidade de ampliar a compreensão do processo saúde-doença, passando para uma abordagem que inclui a família e a comunidade, articulando as relações entre os contextos sociais, culturais, políticos, econômicos, já que é considerada como fenômeno que se constrói não somente a partir das características pessoais do sujeito, mas, também, do ambiente e da relação que neles e entre eles se desenrolam (Silva *et al*, 2005, p. 99).

Conforme levantado anteriormente o desenvolvimento da resiliência é composto por um cenário multifatorial que envolve o sujeito em toda sua integralidade, a sociedade, o ambiente familiar, a existência de uma rede de apoio e também o contexto histórico e cultural

ao qual este sujeito está inserido. Quando por ocasião de ausência de saúde, nos casos mais graves onde há necessidade de hospitalização, por exemplo, esse processo se apresenta fortemente como um fator de risco, já que rompe com toda a estrutura de vida, seja pelo adoecimento em si, seja pelo isolamento, ou por qualquer ruptura na constância da vida desse sujeito, que se encontra extremamente vulnerável e predisposto a piorar consideravelmente seu estado, físico e mental.

Os fatores de proteção envolvidos no processo de ajuda ao sujeito para que este enfrente, supere e ressignifique o sofrimento experienciado pelo adoecimento, nesse momento são a base fundadora de um arcabouço imaginário que sustentará esse sujeito, uma vez que ele tenha plena convicção de que, por exemplo, tem uma rede de apoio fortalecida, uma crença no transcendente que o sustenta e ajuda na busca por pertencimento e significado para a vida, entre outros fatores. Esses, são neste momento, o pilar da resiliência frente ao adoecimento.

Bianchini e Dell'Aglio (2006, p. 432), ao colocar que “observa-se maior ênfase nos fatores de proteção que modificam, melhoram ou alteram respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação, tendo em vista a saúde como processo e não um estado absoluto”, nos remetem a perceber que o adoecimento e a hospitalização são fatores de risco, enquanto que o “imaginário” do sujeito, aqui no sentido de sua construção biopsicossocial, seja um fator protetor.

Além das características pessoais dos pacientes, que muitas vezes podem determinar processos de resiliência frente à hospitalização, também se mostram importantes algumas estratégias utilizadas dentro do hospital para facilitar o desenvolvimento de tais processos. O estabelecimento de boas relações médico-paciente, a humanização no atendimento, o fornecimento de informações claras e compreensíveis aos pacientes, dentro de um programa multiprofissional, são algumas delas (Bianchini; Dell' Aglio, 2006, p. 431).

Ainda nessa perspectiva de condições de saúde mais graves, onde é necessário a hospitalização, a resiliência também se apresenta de modo significativo nos momentos em que se aproxima a finitude da existência, quando a fragilidade humana se torna evidente e a ciência médica não possui recursos capazes de restabelecer a saúde, momentos em que não é mais possível reverter o adoecimento. Por ocasião da proximidade com a morte, o sujeito, seus familiares e até mesmo a equipe de saúde que presta assistência a ele, ficam expostos a circunstâncias desafiadoras. Nesse momento de fragilidade extrema, os cuidados paliativos são a estratégia de cuidado empregada. Surgido na década de 1960, os cuidados paliativos são um conjunto de abordagens da equipe de assistência multiprofissional com a finalidade de mitigar o sofrimento e proporcionar conforto, dignidade e amparo emocional contribuindo

para que o processo de finitude seja humanizado e o com o menor sofrimento possível (Dias *et al*, 2024; Salvador; Esperandio, 2023).

Cabe aqui ressaltar o importante papel da equipe multiprofissional de assistência. Nos momentos de hospitalização, ou na aplicação de cuidados paliativos (até mesmo sem internação), essa equipe assume um papel de destaque, e se torna a rede de apoio e, por conseguinte, fator protetor, ao estabelecer um vínculo com o paciente. Para que a assistência seja prestada com a máxima eficiência é necessário que ela seja preparada, podendo assim cuidar do sujeito em toda sua integralidade, incluindo as esferas religiosa e espiritual que abarcam a subjetividade da existência. “A relação entre profissional de saúde e paciente pressupõe a necessidade de confiança dele no profissional que o atende, sendo que a formação deste vínculo de confiança não é só importante como necessária para que o “cuidado” seja possível” (Bianchini; Dell’ Aglio, 2006, p. 434).

Na busca pelo alívio do sofrimento e promoção do bem-estar integral do doente, que não tem mais possibilidade de cura, os cuidados paliativos abrangem dimensões físicas e emocionais. Nesse contexto, os profissionais de saúde, devido sua proximidade duradoura com o doente, também enfrentam sentimentos como ansiedade, culpa, frustração, e ainda exaustão, tanto física quanto mental, o que demonstra a necessidade de que esses profissionais se preparem adequadamente para prestar cuidados paliativos de forma que o paciente receba toda a assistência necessária e que ele não se prejudique no processo (Dias *et al*, 2024).

Gobatto e Araújo (2013) e Mónico (2021), evidenciam em seus trabalhos que a formação acadêmica dos profissionais de saúde deixa a desejar no que se refere aos conteúdos voltados à espiritualidade e religiosidade, comprometendo assim seu desempenho profissional e, conseqüentemente, o tratamento dos pacientes. Além disso, o cotidiano hospitalar aplica uma carga emocional pesada, que se relaciona não apenas à convivência com o sofrimento e a morte, mas também à necessidade de o profissional desenvolver estratégias que o auxiliem no seu próprio cuidado.

Esse déficit na formação dos profissionais de saúde pode gerar dificuldades em identificar de forma clara as necessidades espirituais dos pacientes e, algumas vezes, em respeitar tais necessidades. Tanto a falta de conhecimento, quanto talvez a não religiosidade ou tentativa de proselitismo religioso, por parte do profissional de saúde e até de familiares ou cuidadores, podem ser responsáveis pelo surgimento de tais dificuldades. Essa questão pode

ser muito bem observada em casos onde o paciente já se encontra em estágio avançado da doença e os médicos orientam que este seja encaminhado para Cuidados Paliativos (CP)<sup>48</sup>.

A racionalização e interlocução de profissionais da equipe multidisciplinar como fator de estranhamento para com a sacralização e a E/R da pessoa enferma envolve: a falta de consenso dentro da equipe quanto à percepção e atribuição do entendimento espiritual na equipe multidisciplinar de CP bem como a indiferença e a terceirização do atendimento espiritual pelas/os profissionais de Saúde. Ao atribuir este cuidado às próprias pessoas enfermas e/ou seus familiares pode estar ocorrendo mais um desdobramento do déficit de formação. Através da habilitação para a multiculturalidade advinda da capacitação em competência cultural, a equipe multidisciplinar pode atuar sob um novo olhar para a pessoa enferma, familiares e à própria equipe (Salvador; Esperandio, 2023, p. 57).

Percebe-se, portanto, que há uma necessidade da equipe multiprofissional se preparar adequadamente para prestar esse tipo de cuidado, contribuindo para o desenvolvimento da resiliência.

As evidências destacam que, o suporte mútuo entre colegas, o desenvolvimento de habilidades de comunicação e a práticas de estratégias de auto reflexão e autocuidado são componentes necessários para auxiliar os profissionais a equilibrar o envolvimento emocional, sem sobrecarregar-se. A espiritualidade e o suporte institucional, através de programas de treinamento e horários de trabalho flexíveis, também desempenham um papel relevante para minimizar o impacto do estresse e exaustão (Leite; Oliveira; Soares, 2025).

Diante de todo o exposto percebe-se tanto a religião quanto a espiritualidade como elementos importantes no enfrentamento e ressignificação das adversidades, podendo ser consideradas fatores de proteção, proporcionando aos sujeitos condições favoráveis para que o mesmo experiencie tais momentos de forma mais consciente e com o menor sofrimento possível. A partir de tantas informações, observa-se a relevância dessa associação entre religião, espiritualidade, saúde e resiliência, bem como a atuação dos profissionais de saúde em relação aos seus pacientes, para que esses sejam assistidos de forma integrativa, levando em conta todos os aspectos da vida humana, não podendo deixar de incluir a dimensão religiosa/espiritual, haja vista os impactos positivos advindos dela na saúde do sujeito.

---

<sup>48</sup> Cuidados Paliativos (CP): A OMS aponta CP como conjunto de abordagens no cuidado a pacientes terminais e seus familiares, buscando o alívio do sofrimento e proporcionando um cuidado digno nos momentos finais da vida. Engloba assistência física, psicossocial e espiritual. Informações em: [https://r.search.yahoo.com/\\_ylt=AwrNZavLX3poEwIAOXXz6Qt.; ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzIEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1754059980/RO=10/RU=https%3a%2f%2fwww.publichealth.com.ng%2fwho-definition-of-palliative-care%2f/RK=2/RS=rKyT7EnQKrIaUxJW1HIm0j\\_iXk-](https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrNZavLX3poEwIAOXXz6Qt.; ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzIEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1754059980/RO=10/RU=https%3a%2f%2fwww.publichealth.com.ng%2fwho-definition-of-palliative-care%2f/RK=2/RS=rKyT7EnQKrIaUxJW1HIm0j_iXk-)

#### 4. RELIGIÃO, SAÚDE E RESILIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DOS TAES DA UFJF

Neste capítulo serão abordados os métodos de análise dos resultados da pesquisa de campo realizada com o intuito de perceber os impactos da pandemia da COVID-19 nos Técnicos-Administrativo em Educação (TAEs) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a partir da perspectiva de como, e se, a religião esteve interrelação com a saúde e a construção da resiliência. Será descrito o método utilizado, a forma de coleta e análise de dados, os resultados e a discussão sobre os mesmos.

##### 4.1 METODOLOGIA DA ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa apresenta abordagem quantitativa e qualitativa. Segundo Costa *et al* (2018), a pesquisa quantitativa reflete uma abordagem mais estatística dos dados. Os resultados desse tipo de análise geram evidências numéricas, que são obtidas geralmente através de formulários ou questionários e, em alguns casos, com análise de uma amostra maior, necessita de *software* para organização dos dados.

Diferente da pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa, conforme Minayo (2002) e Bardin (2011), busca compreender aspectos da realidade que não podem ser quantificados, voltando-se para significados, crenças, valores, atitudes e motivações presentes nos fenômenos sociais. Essa abordagem explora a profundidade das relações e processos. Nesse tipo de pesquisa os dados são obtidos por meio de comunicação direta com os participantes e analisados interpretativamente, de modo a captar os sentidos e significados presentes em seus discursos.

Geralmente, compreende-se metodologia qualitativa como sendo apropriada para análises exploratórias e iniciais de dados, pois sua natureza, essencialmente descritiva, permite estudar fenômenos sociais de forma aprofundada e sensível à especificidade do caso. A avaliação qualitativa interpretativa dos fenômenos (psico) sociais a partir do ponto de vista do sentido/significado das pessoas estudadas utilizando o ambiente natural como local de recolha de dados (e não um ambiente artificial) e servindo para gerar teorias, mais do que tratá-las. Neste tipo de investigação o investigador é o instrumento principal, e o seu maior interesse é no processo e não simplesmente nos resultados. Os seus dados servem para a construção de hipóteses e análise dos mesmos é feita de forma indutiva, e o que realmente importa é o modo como diferentes pessoas percebem a mesma experiência (Garrett, 2010, p. 23 *apud* Neto, 2020, n. p.).

Apesar da pesquisa ter esse caráter misto, o foco maior será na abordagem qualitativa, uma vez que busca a observação de questões biopsicossociais, de sentido e significados. A

hipótese levantada que deu origem à pesquisa é de que os aspectos religiosos e espirituais dos servidores juntamente com o apoio fornecido pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) durante a pandemia da COVID-19, desempenharam um papel significativo na forma como esses sujeitos vivenciaram, enfrentaram e ressignificaram o sofrimento imposto pela crise, sanitária e de sentido, minimizando os efeitos negativos e até mesmo contribuindo para a ressignificação, portanto a resiliência. A parte quantitativa da pesquisa será para traçar um perfil sociodemográfico da amostra. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da UFJF, sendo aprovada conforme Parecer nº 7.848.486 em 19/09/2025.

#### 4.2 OBJETO E SUJEITOS DE ANÁLISE

Antes de apresentar os resultados obtidos e a discussão, é importante situar o leitor quanto ao contexto em que a pesquisa foi desenvolvida, descrever o campo de estudo e os interlocutores envolvidos. O campo de investigação é a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com foco no setor da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEPE). Os interlocutores deste trabalho são os Técnicos-Administrativos em Educação (TAEs) que atuam nesse setor, cujas experiências e perspectivas constituem elementos fundamentais para a compreensão dos fenômenos aqui discutidos.

A Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) é uma instituição pública e gratuita que se destaca como referência científica, cultural e econômica. Sendo reconhecida, estando entre as cem melhores universidades da América Latina. Foi criada em dezembro de 1960 e hoje oferece mais de 90 cursos de graduação em uma ampla estrutura de pós-graduação, incluindo especialização, mestrado, doutorado, residência médica, gestão e docência. Também administra o Colégio de Aplicação João XXIII e o Hospital Universitário. Com Campi nas cidades de Juiz de Fora e Governador Valadares, atende cerca de vinte e seis mil estudantes, e possui um corpo de servidores efetivos com mil e seiscentos docentes e mil e quinhentos TAEs, sem mencionar aqui os terceirizados que dão todo o suporte para o funcionamento adequado da instituição. Sua infraestrutura inclui dezoito bibliotecas, mais de trezentos e setenta laboratórios e assistência estudantil. Para além da importantíssima contribuição na formação acadêmica, a UFJF mantém o Museu de Arte Murilo Mendes, o Cine-Theatro Central e o Memorial Itamar Franco, bem como espaços dedicados à educação científica e ambiental como o Jardim Botânico e o Centro de Ciências (UFJF, 2025a).

A PROGEPE é o órgão da UFJF responsável pela gestão de pessoas e pelos processos referentes à administração de pessoal, atuando em programas que incluem a qualificação de

seus servidores, o atendimento à saúde do/a trabalhador/a e à melhoria da qualidade de vida no trabalho. A PROGEPE é composta pela Pró-reitoria Adjunta de Gestão de Pessoas, pela Coordenação de Administração (CAP), Coordenação de Alocação e Movimentação de Pessoas (CAMP), Coordenação de Saúde, Segurança e Bem-Estar (COSSBE) e pelo Setor de Assistência à Saúde Suplementar, o que torna o setor composto por servidores com perfis diversos (UFJF, 2025b).

Os Técnicos Administrativos em Educação (TAEs) fazem parte do Plano de Carreira dos Cargos (PCCTAE) regido pela lei nº 11.091/2005, que organiza os cargos nas instituições federais de ensino. Suas carreiras são regidas pelo regime jurídico da Lei 8.112/1990, e é dividida em cinco níveis, A; B; C; D e E, onde os cargos de nível E exigem formação superior e por vezes especializações, enquanto o nível D, exige nível médio, e assim consecutivamente. Hoje a UFJF conta com o apoio de mil quinhentos e cinquenta e um TAEs (UFJF, 2025c).

#### 4.3 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Para o levantamento de dados, o instrumento de coleta utilizado foi o *Google Forms* contendo perguntas tanto quantitativas quanto qualitativas. Foram enviados 90 questionários, aos Técnicos Administrativos em Educação (TAEs) lotados na PROGEPE, desses obteve-se trinta e quatro respostas, possibilitando a avaliação de 37,8% do valor total. Para garantia do anonimato dos participantes e a imparcialidade da pesquisadora, após o recebimento das respostas do Formulário Google, foi realizado o download dos dados com a exclusão das páginas que continham o TCLE e o e-mail dos participantes. Desta forma estruturou-se um conjunto de documentos contendo somente as respostas, tanto quantitativas quanto qualitativas, e para cada documento gerado foi atribuído um número de identificação, de um a trinta e quatro, o que possibilitou a análise de conteúdo às cegas.

Após a coleta do material, inicia-se então o processo de análise dos documentos. A análise documental é o processo no qual um documento primário é modificado dando origem a um documento secundário. O documento secundário, que é uma representação do documento primário, será o documento no qual onde a análise dos dados será realizada. Deve-se considerar que a análise documental difere da análise bibliográfica, onde a primeira aplica-se à análise de documentos que ainda não foram analisados e são provenientes de diversas fontes, como por exemplo vídeos, músicas e no caso desta pesquisa, um questionário Google. Já a segunda, abarca a gama de textos com caráter científico, de autoria diversa e observação

de fontes secundárias. “Em resumo, a pesquisa bibliográfica é focada num estudo que utiliza diretamente de fontes científicas e não recorre a fenômenos da realidade empírica, tal como é a análise documental” (Scotton, 2019, p. 18). Desta forma, nesta pesquisa considera-se como documento primário as respostas obtidas por ocasião da aplicação Google Forms, e como documento secundário, considera-se o documento obtido após organização e anonimização das respostas, documento esse que será nosso objeto de análise.

O método utilizado para análise documental é análise de conteúdo. Tal tipo de análise consiste em um conjunto de técnicas de interpretação dos mais diversos tipos de discursos, considerando tanto o que é dito quanto a maneira como é apresentado indo além do conteúdo explícito, procurando revelar significados e realidades que não são percebidas de imediato. Observa-se, portanto, como aponta Bardin (2011), que a análise de conteúdo “não se trata de um instrumento apenas, mas de um leque de apetrechos; ou com mais rigor, será o único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, ou seja, as comunicações” (n. p.). Tal técnica de análise é utilizada desde o século XVIII, inicialmente para análise de cânticos religiosos na Suíça, e a partir de então veio sendo expandida e aprimorada, chegando aos Estados Unidos e sendo utilizada para análise de textos jornalísticos. O interesse científico, de aplicação do método, ocorreu nas décadas de 1940 e 1950. Em 1960, seu uso se diversificou, abrangendo diversas áreas, o que lhe deu mais destaque e relevância (Santos Neto, 2024).

Bardin (2011), aponta que a análise de conteúdo pode ser composta por diferentes fases, quais sejam: Pré-análise; Exploração do material; Tratamento dos resultados, e por fim, a inferência e a interpretação. Na Pré-análise, etapa de escolha, separação, organização e leitura flutuante dos documentos é importante seguir algumas regras: regra da exaustividade - examinar minuciosamente o material para que não haja omissões; regra da homogeneidade - os documentos devem se referir ao mesmo tema; e regra da pertinência - deve haver relação com os objetivos da pesquisa.

Em seguida deve-se propor os objetivos e elaborar os indicadores (Urquiza; Marques, 2021). Após o material ser separado e pré-analisado, inicia-se a fase de exploração, onde devemos definir as categorias, identificar as unidades de registro e as unidades de contexto. “Na exploração do material ocorre à descrição analítica, a qual diz respeito ao corpus (qualquer material textual coletado) submetido ao estudo aprofundado, orientado pela hipótese e referencial teórico” (Mozzato, 2011, p.753 *apud* Urquiza; Marques, 2021, n. p.). E então, inicia-se a fase final onde os dados são tratados e interpretados.

Inicialmente, foi feita a leitura flutuante de todas as respostas para identificação de sentidos predominantes, em seguida, os dados foram organizados em categorias temáticas relacionadas aos objetivos do estudo, como espiritualidade, religiosidade, saúde mental e resiliência. A categorização foi construída de forma indutiva, ou seja, emergindo diretamente do conteúdo das falas dos participantes. Os dados quantitativos coletados no formulário (ex.: identificação de gênero, idade) foram utilizados como apoio descritivo para perfil sociodemográfico.

Para tratamento dos dados, foram utilizadas as técnicas de codificação, as quais são: recorte; enumeração; classificação e agregação. A codificação busca representações do conteúdo, dando ao pesquisador informações sobre o texto, portanto é a etapa onde, através do recorte, se constrói as unidades de registro e de contexto. “A Unidade de registro: É unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando à categorização e a contagem frequencial. O critério de recorte é sempre de ordem semântica (das significações)” (Urquiza; Marques, 2021, n. p.). As unidades de registro mais comuns são a palavra; o tema; o objeto ou referente; o personagem; o acontecimento, e por fim o documento. No caso desta pesquisa, percebe-se que a unidade de registro mais pertinente é a temática, haja vista que ela visa perceber os núcleos de sentido, possibilitando acessar motivações, atitudes, crenças e valores, dentre outros. Já a unidade de contexto, por sua vez, serve como ponto de partida para a compreensão da unidade de registro, proporcionando uma interpretação mais acurada do seu significado (Urquiza; Marques, 2021). Após efetuado o recorte, inicia-se a etapa de codificação, na qual o/a pesquisador/a contabiliza os elementos presentes ou ausentes no documento analisado. Para tanto, deve-se levar em conta a presença ou ausência de um elemento; a frequência com que ele aparece; a sua intensidade; a direção, caráter quantitativo ou qualitativo; sua ordem de ocorrência e a co-ocorrência (Urquiza; Marques, 2021).

Para conclusão da organização do material, inicia-se a inferência. Tal etapa, propicia ao/a pesquisador/a a ferramenta de, a partir de proposições pré entendidas e aceitas, novas proposições sejam admitidas. Aqui temos o emissor (aquele que envia a mensagem), o receptor (quem recebe a mensagem), a mensagem propriamente dita (tanto o significado quanto o modo de expressão desse significado), o código (identificadores de realidades subjacentes) e a significação.

Percebe-se, portanto, que a análise de conteúdo pode ultrapassar as interpretações superficiais da leitura, aprofundando, assim, a busca por elementos que vão enriquecer e dar

visibilidade ao que o interlocutor não aponta explicitamente. Concluída toda essa parte de organização do material que será analisado, o/a pesquisador/a inicia a análise do conteúdo.

#### 4.3.1 O formulário Google

Neste questionário, foram abordados pontos que abarcam o escopo de questões levantadas à partir da hipótese da pesquisa, e o objetivo é compreender como, e se, os aspectos religiosos e espirituais dos servidores juntamente com o apoio fornecido pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) durante a pandemia da COVID-19, desempenharam um papel significativo na forma como esses sujeitos vivenciaram, enfrentaram e ressignificaram o sofrimento imposto pela crise, sanitária e de sentido, minimizando os efeitos negativos na saúde e atuando na construção e desenvolvimento da resiliência.

As questões que abordaram os pontos que poderiam ser analisados quantitativamente foram em relação à idade, gênero, raça e escolaridade, além de também podermos incluir como dado quantitativo as pertencas religiosas e espirituais, ou a ausência delas. Já para a análise qualitativa, foram aplicadas oito questões estruturadas, com foco em observar as percepções do grupo em relação à religião e à espiritualidade, sua relação com a saúde e participação na superação e ressignificação das adversidades, no caso a pandemia da COVID-19, conseqüentemente a construção e o desenvolvimento da resiliência, e como perceberam as ações institucionais da UFJF para mitigar os efeitos nocivos da pandemia. Os dados foram analisados manualmente, já que se tratava de uma amostra modesta.

Como resultado apurado das questões quantitativas, pode-se observar que a idade média dos participantes que responderam é de 49,5 anos, tendo o/a participante mais novo/a 33 anos e o/a mais velho/a 66 anos. Em relação ao gênero, 64,7% se declararam feminino cisgênero e 35,3% masculino cisgênero. Em relação à raça e nível de escolaridade, os resultados apontaram que 76,5% se declararam brancos, 17,6% pardos e 5,9% pretos, no que diz respeito ao nível de escolaridade temos participantes com ensino superior completo até pós-doutorado, sendo 5,9% com ensino superior completo, 41,2% com especialização completa, 41,2% com mestrado completo, 2,9% com doutorado incompleto, 5,9% com doutorado completo e 2,9% com pós-doutorado.

No que se refere à pertença religiosa e espiritual, os dados levantados foram dezesseis (16) católicos, que usaram as denominações “católico”, “catolicismo” ou “católico apostólico romano” para descrever sua religião, ainda houve um (1) que se declarou “católico e espírita”,

outro que se declarou “vedanta, budista e adepto ao cristianismo”, e um (1) católico, espírita e praticante de yoga; outros dois (2) que se declararam somente cristãos sem nenhuma conexão religiosa. Ainda dentro o grupo de católicos alguns apontaram não serem praticantes ativos. Também tivemos um (1) luterano; dois (2) evangélicos; dois (2) espíritas; dois (2) apontaram somente que tem espiritualidade, mas sem relatar como essa se manifesta; um (1) sincrético; e cinco (5) declararam não ter nenhuma religião ou espiritualidade, sendo que dois (2) deles afirmaram terem nascido em famílias católicas praticantes, mas que no momento não se identificam mais com sua religião familiar.

O resultado aqui encontrado, no que se refere a pertença religiosa e espiritual, aponta para uma maioria católica, mas não podemos deixar de observar que outras religiões e formas de espiritualidades se fazem presentes. O que reflete, mesmo que discretamente, a nova dinâmica religiosa, presente no contexto brasileiro.

Cabe aqui trazer a análise do cenário religioso brasileiro, realizada por Rodrigo Toniol (2025) com base no censo de 2022, onde observa a diminuição no percentual de católicos e crescimento dos evangélicos e, mesmo que menos acelerado, identifica também aumento no número de pessoas que se declaram sem religião, o que reflete em mudanças nas dinâmicas religiosas e na valorização da individualidade. Tais observações sugerem que o campo religioso brasileiro vai além da disputa entre católicos e evangélicos, apontando para novas formas de espiritualidades e também oposição ao totalitarismo religioso (Toniol, 2025).

Dando sequência à pesquisa, a seguir estão as questões que nortearam a análise qualitativa, e estruturaram o *Google Forms* utilizado como instrumento de coleta de dados:

1. Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? Caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso?

2. Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica?

3. Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais?

4. A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da COVID-19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período?

5. Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período?

6. Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da COVID-19, e a religião?

7. Na pandemia, você perdeu pessoas para a COVID-19? Que reflexões fez quanto a essas perdas?

8. Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje?

#### 4.3.2 Categorias de Análise

Para análise de dados às questões foram agrupadas em blocos:

Bloco 1 - Religião e espiritualidade: significados, identidades e práticas (questões 1, 2 e 3)

Bloco 2 - Ações institucionais e Ciência Médica (questões 5 e 6);

Bloco 3 - Religiosidade/espiritualidade, estratégias de enfrentamento à pandemia e resiliência (questões 4, 7 e 8). Passamos a seguir, a detalhar cada um deles.

#### **Bloco 1 - Religião e espiritualidade: significados, identidades e práticas (questões 1, 2 e 3)**

A partir das questões apresentadas neste bloco temático, busca-se conhecer o interlocutor, perceber como ele constrói e sustenta sua vivência religiosa e espiritual, ou até mesmo a ausência delas, como percebem a religião e a espiritualidade, se fazem distinção entre elas, suas crenças e pertencas, e como elas se manifestam em suas vidas. Para tanto, usamos como unidade de registro, elementos que apontam crenças, valores e práticas religiosas/espirituais, e como unidade de contexto as experiências religiosas/espirituais tanto individuais quanto coletivas.

Mediante essas unidades, de registro e contexto, construímos as seguintes categorias de análise para o Bloco 1:

**Tabela 1:** Categorias de Análise – Bloco 1

<b>Categoria de análise</b>	<b>Unidade de registro</b>	<b>Unidade de Contexto</b>
Religião como instituição, identidade e prática	“Dogmas”, “rituais”, “igreja”, “influência familiar”, “coletivo”, “valores morais”	Religião como sistema organizado com normas tradições e práticas coletivas
Espiritualidade como experiência individual e subjetiva	“Conexão pessoal”, “subjetivo”, “transcendentes”, “sentido”, “força superior”	Espiritualidade como processo íntimo, fluido e não institucional
Inter-relação entre religião e espiritualidade	“Distinção”, “relacionada”, “concomitantemente”, “ambas”	Percepção da relação entre religião e espiritualidade
Valores e relações interpessoais e sociais	“Agnóstico”, “sem conexão religiosa”, “empatia”, “solidariedade”, “ética”	Vida pautada por princípios éticos e valores morais

FONTE: Elaborada pela autora

Essa categoria se subdividiu entre participantes que não fazem distinção entre religião e saúde, participantes que fazem distinção mas acreditam que elas estão interligadas, e participantes que fazem distinção entre elas, atribuindo características institucionais e coletivas para religião e características transcendentais e de sentido para espiritualidade. O que pode ser demonstrado através da fala do participante 2: “Ao meu ver, a religião está relacionada a uma instituição, com dogmas e rituais preestabelecidos e compartilhados por um coletivo de pessoas. Já a espiritualidade é uma prática individual que busca vínculo com o transcendente e pode ser intermediado por uma religião, mas não necessariamente”.

Do grupo de participantes que não fazem distinção entre religião e espiritualidade, há aqueles que colocam as duas como sendo uma coisa só ou que elas possuem uma interligação profunda, não podendo ser separadas, “Não faço distinção. Minha espiritualidade está diretamente ligada aos preceitos da minha religião” (participante 20); “Não. Acho que estão interligados de alguma forma” (participante 13); simplesmente “não” (participante 24); ou ainda, “Acredito em uma força superior, mas não sigo nenhuma religião” (participante 3).

O restante dos/as participantes, trinta (88,23%), apontam que há uma distinção entre religião e espiritualidade. Tal percepção é descrita de formas variadas, como por exemplo:

Penso que a espiritualidade está mais ligada a manifestações da mente, como a prática de meditação e de Yoga, por exemplo, e não necessariamente ao que as

religiões preceituam, tais como a obediência aos mandamentos e às demais regras da Igreja Católica, a ideia de um Ser Todo-Poderoso que criou tudo o que existe e, assim por diante, à danação eterna, no pós-morte, para quem não foi uma boa pessoa em vida. Em outros termos, a religiosidade costuma estar associada a sistemas organizados de crença — com doutrinas, dogmas, práticas e rituais institucionalizados. Envolve, portanto, a adesão a um corpo coletivo de fé, como a Igreja Católica, o Budismo, o Islamismo, entre outros. A espiritualidade, por outro lado, relaciona-se mais à dimensão interior da experiência humana — à busca por significado, por conexão com algo maior (que pode ser o universo, a natureza, o próprio eu profundo, ou o fluxo da vida), e por estados ampliados de consciência (participante 27).

Ou, “Sim, considero que para viver a espiritualidade você não precisa necessariamente estar dentro de um sistema religioso, com rituais e práticas distintas para cada uma delas. Viver a espiritualidade é mais amplo e pode ser vivida dentro de uma religião ou não estando vinculado a ela” (participante 29); “Entendo religião como uma prática e espiritualidade como uma crença em algo maior” (participante 11); ou ainda

Sim. Para mim, a principal diferença é que a religião é um sistema organizado de crenças e práticas, geralmente com regras e ritos, enquanto a espiritualidade é uma vivência pessoal, individual e mais subjetiva. A religião é uma estrutura externa compartilhada por um grupo, enquanto a espiritualidade se concentra na experiência interna e na conexão individual com algo maior, como a natureza, um ser superior ou a própria existência (participante 34).

Após identificar se o/a participante possui vínculo religioso ou não, e qual seria esse vínculo no caso deste existir, inicia-se a terceira categoria de análise, onde busca-se observar como a religião e a espiritualidade, ou ausência delas, interferem no cotidiano do participante, sua visão de mundo, seu senso de pertencimento e sua construção ética e moral.

Nesse sentido, as respostas apontam que há um predomínio. Vinte e oito (28) participantes, possuem algum tipo de conexão religiosa e/ou espiritual.

Cresci em uma família católica, portanto, os valores e crenças que me guiam acabam sendo muito influenciados por essa religião. Porém, me interessei por aprender sobre as mais diversas crenças e religiões. Creio que sou uma mistura disso, valores aprendidos em família e vivências próprias enquanto sujeito (participante 17).

Ou

Ele aparece todos os dias quando acordo e dou graças a Deus pela vida e oportunidades que nela me surgiram e fazem o que sou hoje. Ela está na comunhão com o próximo, minha família, amigos e outras pessoas. Ela está presente em como lido com as pessoas, na busca pela harmonia, paciência e tolerância com as diferenças entre pensamentos, posições políticas e ideias de mundo. Ela está presente no meu desejo de que o outro possa ter oportunidades de melhorar de vida,

de que a sociedade seja mais justa e procure diminuir as desigualdades sociais (participante 29).

Ou ainda, “Tenho o hábito de rezar diariamente, tenho objetos religiosos importantes por perto (terço sempre na bolsa) e agradeço sempre pois acredito que Deus cuida de mim, bem de perto” (participante 18).

Também tiveram aqueles que apontaram ter um vínculo, mas que não se apresenta de forma contundente, “Não tenho vínculo religioso forte. Gosto de ir a lugares onde me passa tranquilidade e certeza na fé” (participante 9); “Embora eu me identifique como católico, não estou praticante nos últimos tempos. Ainda assim, os valores que aprendi com a religião, como respeito, empatia, amor ao próximo, solidariedade etc. acabam orientando minha forma de ver o mundo e me relacionar com as pessoas” (participante 28); ou aqueles que acreditam não ter um vínculo, mas mencionam sua fé, “Não tenho uma crença religiosa mas minha vida é guiada por Deus. Pauto minha vida pelos ensinamentos de Jesus” (participante 16).

Seis (6) participantes relataram não possuírem vínculo, nem religioso e nem espiritual, apontando quais seus princípios norteadores. “Não tenho crença religiosa. Os valores são: solidariedade, igualdade, coletividade, justiça social, respeito à diversidade [...]” (participante 10); “Não tenho vínculo religioso. Pauto minha vida na preocupação com o outro, com a crença de que devemos fazer de nossa vida a melhor possível que temos um pacto de existência com a natureza e tudo o que nos norteia” (participante 11); “Sem vínculo religioso. Vida se pauta em procurar respeitar e ajudar o próximo, cultivar amizades, a convivência familiar e a socialização da melhor forma possível” (participante 25), ou ainda “Não tenho vínculo. Frequento esporadicamente a igreja evangélica (batista) por acompanhar a família. Mas não tenho as mesmas crenças dogmáticas. Escuto o sermão e entendo que tem relevância para a sustentação de uma vida ética e solidária” (participante 6).

O vínculo religioso/espiritual da maioria dos participantes, se manifesta em diversas proporções e por meio de múltiplas vivências. Seja por tradição familiar, pela fé e gratidão, por crenças pessoais, por princípios éticos e morais. Esses últimos se aplicam tanto para participantes com vínculo quanto para os que apontaram não ter nenhuma ligação religiosa e/ou espiritual.

## **Bloco 2 - Ações institucionais e Ciência Médica (questões 5 e 6)**

Este bloco de questões busca compreender a percepção dos/as participantes em relação à ciência médica e às ações institucionais implementadas pela UFJF durante a pandemia da COVID-19 para salvaguardar seus servidores e a conexão desses com a religião/espiritualidade. Como unidade de registro, usamos expressões que direcionaram para a percepção dos/as participantes quanto aos protocolos implementados, ações de biossegurança, vacinas, a ciência médica em geral, relação entre religião/espiritualidade e saúde, e expressões de fé durante a pandemia. Já a unidade de contexto deste bloco abrange o cenário pandêmico como um todo, analisado sob a perspectiva da atuação institucional, ciência, subjetividades e enfrentamento.

**Tabela 2:** Categorias de análise – Bloco 2

<b>Categoria de análise</b>	<b>Unidade de registro</b>	<b>Unidade de contexto</b>
Atuação Institucional e Científica	“fundamentais”, “protocolos científicos”, “participei da elaboração”, “drive-thru”, “salvar vidas”, “vacinações”, “essencial”	Percepção das ações institucionais e da ciência médica no enfrentamento da pandemia da COVI-19
Vivências emocionais e psicológicas, impactos na vida cotidiana	“período difícil”, “estressante”, “angústia”, “isolamento”, “distanciamento”, “desafiador”, “dramático”, “medo”, “pânico”, “pesado espiritualmente”, “incerteza”; “cansaço”	Percepção dos impactos da pandemia, que revelaram sofrimento emocional, tensões, mudanças nas relações e dinâmica pessoal
Religião e espiritualidade como instrumento de enfrentamento	“fé”, “oração”, “fortalecimento espiritual”, “esperança”, “resiliência espiritual”	Identificar os elementos religiosos e espirituais, que atuaram como apoio emocional e estratégia de enfrentamento.
Tensões, Contradições e Relações Ciência-Religião	“apoio psicológico insuficiente”, “retorno precoce”, “greve sanitária”, “trabalhar doente”, “complementam-se”, “dádiva divina”, “apoio emocional”, “arbitrária”, “viés”	Identificar as tensões apontadas pelos TAEs, tanto quanto a instituição, quanto a ciência médica.

FONTE: Elaborada pela autora

No que se refere à atuação institucional da UFJF, o grupo avaliou positivamente os esforços empregados, considerando tais protocolos e demais ações de prevenção e mitigação

de riscos, pertinentes e de acordo com as exigências dos órgãos governamentais. “Foram indispensáveis naquele momento” (participante 13); “Os protocolos foram válidos e contribuíram no combate à pandemia” (participante 18); “Acho que foram prudentes e importantes para a segurança e saúde de toda a comunidade da UFJF” (participante 22); e ainda,

Considero que a UFJF buscou fazer o possível para minimizar o contágio das pessoas, primeiro implementando o home office, segundo alternância de dias para que um número menor de pessoas circulassem no campus, além das medidas de uso de máscara, higiene e desinfecção das mãos e outras ações (participante 29).

Ainda em relação às ações positivas do empenho da UFJF no período da pandemia, a participação da instituição na aplicação de vacinas e a implementação do teletrabalho, tiveram relevância: “Acredito que as medidas de biossegurança adotadas pela UFJF foram fundamentais naquele momento. Trabalhei no drive-thru da Covid e vi de perto a importância dessas ações, eram as medidas possíveis e necessárias para proteger a comunidade e manter as atividades com segurança” (participante 28);

A UFJF realizou um trabalho intenso para desenvolvimento de protocolos, vacinações ao público, procedimentos de trabalho on line para lidar com a incerteza e insegurança próprias do período pandêmico. Foi um período difícil, mas até pelo fato de ter participado diretamente no desenvolvimento de muitas ações de nossa instituição, como por exemplo, o protocolo de biossegurança, percebo que aprendi muito neste processo (participante 31).

Cabe salientar que mesmo avaliando positivamente, houve críticas pontuais tanto quanto à aplicação quanto ao tempo de implementação das ações, relatando, por exemplo, que o fim das restrições e retorno ao trabalho presencial foi precoce ou até mesmo considerando insuficiente o apoio psicológico da instituição: “o apoio psicológico mais contundente” (participante 2); “Eu aderi a todos os possíveis. Os protocolos foram necessários e confesso que poderiam ter durado mais tempo. Após o retorno parcial das equipes de trabalho eu fui contaminada 5 vezes. [...]” (participante 23).

Outro ponto que foi mencionado, foi a greve sanitária<sup>49</sup> deflagrada a partir de 15 de julho de 2021, por ocasião do retorno ao trabalho presencial.

---

<sup>49</sup> Greve Sanitária - Paralisação aprovada pelos Técnicos Administrativos em educação da UFJF, que visava defender a vida e garantir condições sanitárias adequadas de trabalho, com a suspensão das atividades presenciais não essenciais até que todos os servidores estivessem plenamente imunizados contra a Covid-19. As principais reivindicações incluíam a suspensão do semestre suplementar e do Ensino Híbrido, a testagem regular para Covid-19, o fornecimento de EPIs e o respeito à janela de imunização. Teve início em julho de 2021 e término em outubro de 2021. <https://sintufefuf.org.br/?s=greve+sanit%C3%A1ria>

A UFJF teve um papel relevante no combate à covid-19, produzindo insumos e sempre atualizando a comunidade interna e externa com as notícias e legislações aplicáveis ao tema. Todavia, teve unidades acadêmicas que determinaram retorno em meio à pandemia, mesmo com um número de mortes crescentes e a falta de vacinas! Os servidores TAES da UFJf, de forma inédita, protestaram contra esse fato, deflagrando a 1ª Greve Sanitária da instituição, como forma de protesto e repúdio, pois, sendo uma instituição de ensino e de pesquisa, não deveria ter feito essa solicitação ao seu quadro de servidores, que no período requisitado, nem tinham seu quadro de vacinas completo (participante 34).

O período de isolamento, foi marcado por um turbilhão de emoções, trazendo à tona sentimentos como “incerteza”; “angústia”; “medo”; “tensão” e “cansaço”; “Foi um período desafiador, não só física, mas também psicologicamente” (participante 17); “Foi um período de stress, onde a espiritualidade e fé ajudaram a seguir em frente” (participante 3). Mas também estavam presentes sentimentos renovadores e esperançosos como “fé” e “segurança”, bem como a presença da resiliência.

A UFJF fez o que precisava ser feito no que tange aos protocolos de segurança. Quanto ao período da pandemia, creio que foram momentos de muita angústia, em que muitas pessoas perderam suas vidas. Algumas delas possuíam uma condição de saúde mais frágil, mas nem todas as vítimas da Covid-19 se enquadravam nessa situação, considerando que a mídia relatou a morte de pessoas jovens e aparentemente saudáveis. Tudo isso gerou muitas incertezas, histeria e medo generalizado, levando muitas pessoas — principalmente as mais suscetíveis à sugestão — a sofrerem bastante, de formas variadas (participante 27).

Percebe-se aqui uma avaliação predominantemente positiva, mas sem omitir críticas pontuais quanto à atuação da UFJF no período da pandemia, reconhecendo seus esforços na proteção dos servidores. Já a percepção dos participantes sobre o período da pandemia, é marcada por medo, insegurança, e desgaste físico e psicológico.

Ainda sobre as questões levantadas neste bloco, a ciência médica e aplicação de vacinas tiveram relevância no controle da pandemia na percepção da maioria dos/as participantes. Enquanto dois (2) deles se posicionaram contrários: “irresponsável, aplicar vacina sem teste préterito a grande massa da população” (participante 24) e “Arbitrária em vários sentidos, cheia de viés” (participante 19); sete (7) deles se ativeram em apontar que não perceberem relação entre religião/espiritualidade e ciência: “Não tem relação” (participante 1); “Não se deve misturar fé e ciência” (participante 12); “Não há relação. À religião não deve interferir na ciência, e vice-versa” (participante 6); “São distintas e não vinculadas” (participante 15), “Acho que são coisas distintas” (participante 13); “Acho que não deveria ser considerada nenhuma relação entre ambos, a menos que seja para a religião estimular que a

ciência seja aceita quando é o momento de priorizá-la” (participante 22), ou ainda, apontando de forma mais explicativa “As duas primeiras estão relacionadas a estudos, experimentos, descobertas e propósitos específicos, ao passo que a última se vincula à fé. Dito de outra forma, não percebo muita relação entre a ciência voltada à cura de uma doença específica e a religião” (participante 27).

Os/as outros/as participantes, apontaram os benefícios da ciência no combate à pandemia. Os relatos aqui, apontaram desde a mais absoluta certeza da importância da ciência e vacinação, “Vacina salva vidas” (participante 3); “A favor das vacinas e ao incentivo a ciência sempre” (participante 17); ou ainda

“Vacina??? Onde está aplicando que eu vou!!! Acredito 1000% na ciência. E duvido dos médicos que falam coisas contra o que os pesquisadores respeitáveis dizem. Me tornei hipocondríaca, pois verifico tudo que médico me fala, nas páginas das sociedades brasileiras das especialidades e dos órgãos oficiais de saúde no mundo e no Brasil” (participante 23).

Até podem estar presentes sentimento de incerteza e insegurança, mas há o entendimento de que os protocolos científicos foram importantes no combate e enfrentamento da pandemia: “na minha família tomamos 3 doses, porém com desconfiança. Não creio que já tivesse certeza de sua eficácia” (participante 9).

Outra observação a ser apontada aqui é no que se refere à percepção do grupo sobre a existência de uma relação entre ciência e religião. Como já apontado anteriormente, dois (2) deles somente mencionaram convicções de que a ciência e a vacinação não foram benéficas, sem mencionar se percebiam uma relação entre ciência e religião, e sete (7) deles não acreditam haver nenhuma relação entre elas. Já dentre os/as outros/as participantes, alguns entendem a ciência como uma dádiva divina “Na minha opinião, as vacinas são produto da inteligência dada ao ser humano por Deus” (participante 2); “Sempre entendi as vacinas como uma dádiva divina, independente da pandemia” (participante 33).

E ainda, entre os/as que percebem uma relação entre religião e ciência, tem-se as seguintes falas: “Acredito que a religião e a ciência andam de mãos dadas. A fé foi importante para manter o equilíbrio da alma, para suportar a dureza e a dor daquela realidade. A medicina trouxe o alento e a esperança de um futuro sem aquela doença” (participante 20); “Acho muito importante unir ciência e religião, uma é o complemento da outra” (participante 5); “avalio que a ciência trouxe a possibilidade de controle da doença e o retorno do convívio entre nós e a religião passa no sentido de proteção à vida, com respeito às diferenças” (participante 31).

Apesar dos desgastes físicos e emocionais, das tensões e incertezas quanto às condutas, a ciência, a vacinação e demais atividades desenvolvidas pela UFJF, e até de forma geral pela comunidade científica, para mitigar os efeitos nocivos da pandemia, observamos que de forma geral o grupo reconhece e dá crédito a UFJF pelo seu empenho e cuidado com seus servidores. No que tange a relação entre ciência e religião, há uma divisão, onde uns percebem nitidamente a existência dessa relação e outros a nega. No conjunto, as falas refletem uma experiência complexa, atravessada por cuidados institucionais, vivências pessoais e diferentes formas de compreender e enfrentar a pandemia.

### **Bloco 3 - Religiosidade/espiritualidade, estratégias de enfrentamento à pandemia e resiliência (questões 4, 7 e 8)**

Como objetivo da análise deste bloco de questões, busca-se compreender como a religiosidade/espiritualidade, práticas alternativas e redes sociais/emocionais contribuíram para o enfrentamento à pandemia; como as perdas foram vivenciadas; e como está hoje a relação com a religiosidade/espiritualidade do/a participante, após cinco (5) anos da pandemia da COVID-19. Como unidade de registro usou-se expressões que indicavam o uso da religião/espiritualidade como estratégia de enfrentamento, sentimentos e questões com luto e perdas, ressignificação e resiliência. Para unidade de contexto temos a vivência da pandemia, o isolamento social, a vulnerabilidade emocional, ressignificação e resiliência.

**Tabela 3:** Categorias de Análise – Bloco 3

<b>Categoria de análise</b>	<b>Unidade de registro</b>	<b>Ideia central</b>
Religião e Espiritualidade como fonte de sustentação e transformação	“importante”; “orações”; “equilíbrio e esperança”; “fundamental”; “ajudando”; “estreitamento de laços”; “proteção”; “alento”; “motivação”; “apoio”; “calma”; “força”	Perceber como, e se a religião/espiritualidade foram utilizadas durante a pandemia como fonte de sentido e transformação
Impacto da pandemia, perda, luto	‘reflexões sobre a fragilidade’ ; “impotência”; “cuidadosa” “questionar”; “sofrimento e impotência”; “vida é frágil e imprevisível”; “dolorido”;	Observar como o luto, o medo as incertezas foram sentidos

	“frágil”; “valor da vida”; “luto prejudicado”	
Estratégias não religiosas	“meditação”, “ioga”, “atividade física”; “mindfulness”; “solidariedade”; “valores de igualdade”; “preceitos e valores”; “contribuição social”	Identificar quais estratégias não religiosas/espirituais foram utilizadas como apoio
Ressignificação, resiliência e inquietações	“fortalecimento”; “mantenho minha fé”; “questionamento sobre a espiritualidade”; “revolta”; “exercitando minha espiritualidade” ; “fortalecer minha fé”; “sereno”; “mais presente”; “gratidão”; “valorizar”; “ativa na religião”; “íntima”; “culpar o governo”; “resiliência”	Perceber como os participantes se encontram pós pandemia

FONTE: Elaborada pela autora

Para aqueles/as que manifestaram não possuírem nenhum tipo de vínculo, o resultado desta parte da análise, que busca perceber se a religião e a espiritualidade foram fonte de sustentação e transformação, aponta para o fato de que nem a religião nem a espiritualidade tiveram qualquer papel no enfrentamento à pandemia na vida dessas pessoas. Eles/as apontaram como rede de suporte o apoio da família, a ciência e a busca por autoconhecimento, “Não tive a religião como apoio. Minha rede familiar e a certeza de que a ciência nos daria uma resposta foi o que me deu alento” (participante 11); “Pessoalmente, não. Na minha realidade, a ciência prevaleceu em relação ao enfrentamento” (participante 6); “Minha aproximação com Deus aconteceu mais recentemente. O processo de análise pessoal (psicanálise) foi suporte importante à época” (participante 18); ou também teve quem relatou não lançar mão de nenhum recurso, “Não utilizei nenhum recurso” (participante 32). Mas também teve quem se sentiu desamparado, tornando seu vínculo mais frágil, “A pandemia “balançou” muito fortemente minhas crenças. Me afastei muito mais nesse período” (participante 22) e também inquietações: “a “revolta” com a religião e o questionamento sobre a espiritualidade continuam” (participante 22).

Os/as demais participantes, aqueles/as que anteriormente apontaram possuírem vínculo religioso e/ou espiritual, trouxeram diversos relatos para descrever a forma como

lançaram mão desse recurso como fonte de suporte, no período da pandemia. Tivemos quem apontou que, mesmo com a espiritualidade presente em sua vida, enfrentou o desafio de abuso de álcool, “Não me utilizei de nenhum recurso religioso, mas sempre tentando me conectar com o Espiritual, infelizmente foi um período em que acabei abusando do álcool, e minhas interações com as pessoas via online me ajudaram muito” (participante 23); ou aqueles que, para além do espiritual, usaram outras técnicas como atividade física e ações solidárias, por exemplo.

Os recursos para ajudar naquele período foram exercícios físicos, acolhimento e mútuo apoio de familiares e amigos através de chamada de vídeo, mensagens e conversas constantes. Uma vez que a espiritualidade baseada em valores humanitários se baseia em valores coletivos, o enfrentamento à pandemia se expressou em ações solidárias (participante 10).

O isolamento, o medo, a insegurança, a ansiedade, foram sentimentos que apareceram com frequência nos relatos dos/as participantes. Nesse sentido, a religião e a espiritualidade, se fizeram presentes ao contribuir no suporte desses participantes, sendo fonte de ligação com o transcendente e fortalecendo a confiança. Também se observa que muitos participantes, para além da religião ou espiritualidade, inclusive os que apontaram não terem utilizado desse recurso, se apoiavam também, como já foi mencionado anteriormente, em práticas como atividade física, terapia e apoio familiar, como demonstrado abaixo:

Minha crença em Deus é o que me manteve confiante de que tudo ficaria bem. A pandemia mudou nossa forma de viver, nos isolou, nos colocou em um lugar em que todos tivemos que pensar no próximo, pois tínhamos que nos cuidar para proteger o outro também. O medo de algo desconhecido, o medo da morte dos familiares, a ansiedade de ficarmos enclausurados ouvindo tantas fatalidades só eram superados por acreditar e confiar em Deus. Além da crença, procurei me fortalecer fisicamente através de exercícios físicos e psicologicamente, através de terapia (participante 16).

Ou por exemplo, “No meu caso, sim. O isolamento, principalmente nos primeiros meses da pandemia, me levou a reflexões sobre o contexto como um todo. Houve períodos em que a necessidade de convívio social tornou o isolamento mais difícil, apesar de estar sempre com o núcleo familiar” (participante 33). E também tivemos quem apontou ter passado tranquilamente pelo período da pandemia devido a sua espiritualidade, “A pandemia me afetou apenas no que diz respeito ao trabalho remoto. Fiquei muito tranquilo, inclusive devido à espiritualidade, que me trouxe bastante resiliência” (participante 26), bem como aqueles que se demonstraram resilientes.

Sim. A religião/espiritualidade, foram essenciais durante a pandemia. A confiança em Deus, a esperança e a fortaleza que vem por meio da Palavra de Deus, me ajudou muito a lidar com os sentimentos de medo, insegurança e incertezas em todas as áreas. Apesar de todas as dificuldades, foi um tempo muito frutuoso para quem se permitiu uma auto avaliação da vida, dos valores, do caminho que está seguindo (participante 21).

De modo geral, nessa categoria de análise, os/as participantes apontaram, majoritariamente, o uso da religião e da espiritualidade como recursos de extrema importância no enfrentamento e ressignificação da adversidade enfrentada. Cabe destacar que por mais que essas tenham se apresentado de forma relevante, não foram o único meio utilizado pelos/as participantes.

Em relação ao impacto da pandemia na vida dos/as participantes, observa-se que a maioria, dezenove (55,9%), não perdeu nenhum familiar. Podemos dividir o grupo em dois, aqueles que não tiveram perdas e os que tiveram perdas significativas. Dentre os/as que não tiveram perdas pessoais, se apresentaram sensibilizados/as com as perdas ao seu redor, ou mesmo com as mortes pela COVID-19 de modo geral. “Felizmente não perdi pessoas muito próximas, mas pelo trabalho em hospital, acompanhei de perto a perda de muitas pessoas, o que me deixou sempre cuidadosa em relação ao vírus” (participante 18); “não, mas as perdas ocorridas pelo mundo me fizeram questionar muito minhas próprias crenças” (participante 22). Porém, mesmo sem vivenciarem perdas, houveram contaminações e a ocorrência de casos com gravidade significativa: “Não cheguei a perder, mas algumas ficaram mal. Penso que o desespero ajudou no processo de piorar a pandemia” (participante 9), e ainda os que não tiveram perdas pessoais mas vivenciaram a experiência através de amigos próximos: “Particularmente em minha família não, mas tenho alguns conhecidos que perderam esses queridos” (participante 29), ou “Felizmente não perdi pessoas próximas, mas ver tantas perdas ao meu redor fez refletir muito sobre o valor da vida e sobre como somos todos vulneráveis” (participante 28).

Já dentre os/as que manifestaram a perda de pessoas próximas, os relatos foram carregados de sentimentos, os quais apontaram para dor, reflexões existenciais, questionamentos sociais e políticos. A fragilidade da vida e a vulnerabilidade do ser humano foram expressas: “Sim, perdi um tio. Foi muito dolorido para toda a família, isso nos fez pensar bastante sobre a brevidade da vida e fortaleceu nossa fé de que isso não é o fim, é apenas uma passagem” (participante 21), ou “Sim. Várias pessoas do meu convívio. A vida realmente é passageira e não há garantia de que teremos uma vida longa. Bastou um vírus se espalhar no mundo para vermos o quanto vulnerável é o ser humano” (participante 14) e

“Sim, algumas. Tios, primo, sogro, amigos e muitos conhecidos. Reflexões sobre a fragilidade da vida e da impotência humana em ter o controle absoluto destas situações” (participante 25).

A pandemia deixou marcas profundas, e a impossibilidade de estar ao lado daqueles que adoeceram, a perda de forma abrupta e não poder passar pela experiência de sepultar o ente querido, interferiu, também, na forma de enfrentamento do luto.

Sim. Perdi minha sogra, que era como uma mãe para mim. Ela adoeceu em setembro do ano de 2020 e morreu em menos de 30 dias. A perda naquele período trouxe uma realidade que não estávamos habituados. Não podemos fazer uma visita, os últimos contatos foram através de uma vídeo chamada e um funeral com menos de duas horas, com caixão lacrado. O luto ficou prejudicado. Não houve uma despedida, não houve um último abraço, não foi possível tocar em quem você amava. Ficou muito mais claro para o mundo todo o quanto somos frágeis e incapazes diante daquela realidade que se apresenta (participante 20).

Questões como consciência social e críticas políticas foram apontadas pelos participantes, ao relatarem suas perdas: “Não tive perdas na minha família, mas perdi uma pessoa próxima. Nem sempre nós entendemos a vontade de Deus, mas foi inevitável não culpar o governo pela falta de suporte e pela demora das vacinas” (participante 16).

Sim, eu perdi: 03 tias-avós e 01 prima de 2º grau, filha de uma delas. Com intervalos muito pequenos (menos de 08 semanas entre as 04 mortes), além de 02 amigas. Que a ignorância e o fanatismo político de ultra direita fascista mata. Que essas vidas foram ceifadas pela negação da ciência, pela negação de vacinas e apoio ao ex-desgoverno passado que exterminou mais de 700.000 vidas (participante 34).

Ou,

Sim, infelizmente foram perdas que poderiam ter sido evitadas, pois as contaminações ocorreram por teimosia em confraternizações familiares por ocasião das festas de final de ano em 2020. Infelizmente eram pessoas muito religiosas - adventistas do sétimo dia - bolsonaristas e que caíram nas falácias espalhadas pelas fake news e pelo não-excelentíssimo ex-presidente da república (participante 23).

Também houve quem atribuiu a morte de uma pessoa próxima, à vacina da COVID,

Perdi meu cunhado (e amigo) de maneira indireta — ou seja, ele faleceu comprovado em decorrência de uma trombose na perna que, em razão de uma ocorrência à vacina contra a Covid, provocou embolia pulmonar e infarto fulminante, levando-o a um óbito cerca de doze horas após ter sido vacinado. Minha irmã, que tinha 35 anos à época, ficou viúva, com dois filhos. Quanto às reflexões, apenas pensei que a vida é, de fato, muito frágil (participante 27).

Mesmo diante desse contexto pandêmico de sofrimento, inseguranças, incertezas, dor e luto, observa-se que a possibilidade do grupo de fazer o isolamento através da suspensão das atividades presenciais, e posteriormente, com a implementação do teletrabalho e revezamento de escalas, foi um fator relevante para a prevenção do adoecimento, tanto físico quanto psicológico.

No que se refere a forma como os/as participantes estão hoje, cinco (5) anos após a pandemia, identifica-se que a maioria segue com suas práticas religiosas e espirituais, algumas até mais fortalecidas, e também pode-se perceber que as estratégias religiosas, e também as não religiosas, tiveram papel importante: “Procuro agradecer por ter passado o período e estar aqui com meus familiares (participante 5); “Após esse período que foi de grande provação para toda a humanidade, tive minha religiosidade fortalecida. Hoje vivo ainda mais intensamente os preceitos e valores de minha religião” (participante 20); “Hoje sigo com a mesma fé de antes, mas com mais gratidão. A pandemia me fez valorizar mais a vida e manter a espiritualidade como uma forma de equilíbrio e esperança no dia a dia” (participante 28), ou ainda:

O meu relacionamento com a religiosidade/espiritualidade foi muito importante nesse período. Hoje houve um aumento nesse relacionamento, ou seja, um fortalecimento da minha religiosidade/espiritualidade. Sob minha ótica, a prática religiosa/espiritualidade não deve ser vivida somente nas intempéries, mas no dia a dia para estarmos preparados espiritualmente quando passarmos por momentos difíceis (participante 14).

Muitos apontaram que sua religiosidade/espiritualidade se mantém da mesma forma que antes da pandemia, e apesar de o termo resiliência não ser citado repetidamente nas repostas, sentimentos como gratidão, aceitação, equilíbrio, esperança e diversos outros, apontam que os/as participantes ressignificaram o sofrimento, o medo, as incertezas, a raiva, o desapontamento, o luto, e todos os demais desafios impostos pela pandemia, estando hoje se encontrando, muitos deles com o apoio da religião e da espiritualidade, em condições de se dizer, resilientes.

#### 4.4 DISCUSSÃO

Os resultados encontrados nos levam a percepção de que a amostra é estruturalmente composta, majoritariamente, por mulheres, brancas e com nível de escolaridade elevado. A análise aponta que o grupo, de modo geral, percebe uma distinção

entre religião e espiritualidade, sendo a primeira relacionada com estruturas institucionais que possuem dogmas e rituais, praticados de forma coletiva, e a segunda inserida em uma dimensão individual e experiencial, pautada em conexões e significações existenciais.

O levantamento das pertenças religiosas e/ou espirituais do grupo, reflete o que vivenciamos nas sociedades contemporâneas, a pluralidade de crenças e vivências espirituais. O pluralismo religioso enquanto fenômeno contemporâneo que desafia o monopólio das religiões tradicionais abre um espaço para o diálogo inter-religioso, e não deve ser entendido apenas como circunstância histórica, mas como um caminho facilitador para a interpretação da complexidade da experiência religiosa, valorização da diversidade, alteridade e o diálogo. O princípio pluralista, conforme Ribeiro (2020), assume a função de instrumento analítico capaz de compreender a realidade sociocultural e religiosa, conferindo visibilidade às experiências que ocorrem nas fronteiras e nas interações culturais, constituindo-se como método inovador no estudo da religião (Santos Neto, 2024).

No contexto analisado, observa-se um padrão em relação a espiritualidade presente na inter-relação entre tradição religiosa e experiências de vida, expressas, de modo geral, por meio de práticas devocionais, preceitos éticos e morais. Também se observa que o ambiente familiar é um fator importante na transmissão e manutenção das crenças, porém é importante mencionar que alguns dos participantes, a minoria, relatam não ter vínculo, religioso e/ou espiritual, pautando suas vidas em preceitos éticos e morais, entendendo que a não adesão a tais subterfúgios não interfere no seu modo de viver e existir, tanto individual quanto coletivamente na sociedade.

Esse perfil diversificado pode ser compreendido através das ponderações de Hervieu-Léger (2024) quando aponta que com a secularização, a religião deixa de ser transmitida de forma tradicional e comunitária, passando por um processo de fragmentação e transformação, no qual os sujeitos assumem a responsabilidade de reinterpretar e reorganizar suas experiências religiosas/espirituais de maneira mais fluida, sincrética e personalizada, sem que com isso signifique seu desaparecimento.

A modernidade desconstruiu os sistemas tradicionais de crenças: porém, não eliminou a crença. Isso se expressa de forma individualizada, subjetiva, dispersa, e se resolve pela multiplicidade de combinações e arranjos de significados que os indivíduos elaboram de forma cada vez mais independente do controle das instituições de crença (e em particular das instituições religiosas) (Hervieu-Léger, 2024, p. 109).

A pertença religiosa e espiritual dos/as participantes se apresenta de forma concisa, dividindo-se entre participantes que possuem vínculo religioso e são ativos nesse contexto; participantes que possuem um vínculo religioso, mas não estão participando ativamente; participantes que possuem vínculo religioso e espiritual; e participantes que não possuem nem vínculo religioso nem espiritual. Para aqueles que manifestaram fazer parte de alguma religião ou espiritualidade, percebe-se que este vínculo se manifesta e interfere diretamente nas suas vidas, sua visão de mundo e seu modo de ser e agir, tanto individual quanto coletivamente, e construtos como “fé”; “oração”; “Deus”; ou até mesmo o uso de elementos simbólicos como “terço”, são a base da manifestação dessa crença e pertença.

Observa-se também que independente de possuir, ou não vínculo religioso e/ou espiritual, buscam pautar suas vidas em preceitos éticos e morais. Sustentam seu senso de pertencimento, sua visão de mundo e seus princípios norteadores, para além dos vínculos religiosos e /ou espirituais, vivenciando conceitos como “solidariedade”; “respeito”; “ética”; “empatia” e “bondade” no seu cotidiano. Importante ressaltar que, mesmo de forma discreta, surge uma versão menos benevolente e acolhedora da religião, quando um participante faz menção a um Deus punitivo, ao dizer que [...] “me faz amadurecer na fé, muitas vezes pelo amor, mas também pela dor” (participante x)

Durante a pandemia da COVID-19, percebe-se que a religião e a espiritualidade se fazem presentes como recurso de enfrentamento e ressignificação, contribuindo para o bem estar e resiliência dos participantes. O conjunto de elementos propostos pela religião/espiritualidade para sustentar sua fé, não está somente nas crenças e rituais, está também na dimensão psicológica, moral, ética, que se manifesta social, histórica e culturalmente, e a incessante busca por sentido, predispõe o sujeito a construção e desenvolvimento da resiliência (Capelo; Pocinho; Rodrigues, 2015). Contudo, não podemos generalizar, uma vez que tivemos participantes que apontaram não utilizar tais recursos, e participantes que tiveram sua fé abalada. Essa diversidade reflete a complexa interação entre crenças, emoções e racionalidade.

Independentemente de quaisquer que foram os meios que os/as participantes buscaram para conseguirem se manter sãos, física e mentalmente na pandemia, os sentimentos de incerteza, medo, insegurança, dor, solidão, insegurança, entre outros, configuram a fragilidade emocional, principalmente pelo período estar marcado pela proximidade com a finitude da vida, a fragilidade humana, e a impossibilidade de despedida e vivência de todo o processo de luto. A pandemia foi um marco simbólico, a experiência social e emocional imposta pelo contexto provocou revisões identitárias, reflexões profundas sobre a vida, e o fim dela, e

demais questões subjetivas em relação à existência humana emergiram e transbordaram a mente e os corações, a busca por sentido, reorganização de valores e percepção ampliada da importância de vínculos afetivos.

Rubem Alves (2014), traz uma reflexão sobre como o ser humano vive e experencia a religião, a importância dos símbolos e representações para sustentar a fé e a crença em algo transcendente, e na pandemia esses sistemas construídos previamente foram abalados, deixando os sujeitos vulneráveis.

Os homens não vivem só de pão. Vivem também de símbolos, porque sem eles não haveria ordem, nem sentido para a vida, nem vontade de viver. Se pudermos concordar com a afirmação de que aqueles habitam o mundo ordenado e carregado de sentido gozam de um senso de ordem interna, integração, unidade, direção e se sentem efetivamente mais fortes para viver (Durkheim), teremos então descoberto a efetividade e o poder dos símbolos e vislumbrado a maneira pela qual a imaginação tem contribuído para a sobrevivência dos homens (Alves, 2014, p. 34).

Em relação a atuação da UFJF no período da pandemia, quanto a implementação de medidas para mitigar os efeitos da COVID-19 e a implementação dos protocolos de biossegurança, na atuação nas campanhas de vacinação, de adesão ao isolamento, na importância do cuidado pessoal e coletivo, a avaliação geral foi positiva, mesmo com algumas críticas pontuais, como o retorno precoce ao trabalho presencial e ao apoio psicológico insuficiente. Também pode-se observar que, para alguns, a pandemia representou um período de transformação e aprendizado, instigando reflexões quanto ao convívio em sociedade e até mesmo em relação a si mesmos.

Percebe-se aqui que a atuação da UFJF durante a pandemia, através de ações institucionais e incentivo a adesão dos cuidados orientados pela ciência médica para mitigar os efeitos da COVID-19, pode ser considerado um fator de proteção que veio a contribuir para a resiliência dos TAEs. A resiliência pode ser compreendida como resultado da empregabilidade de diversos recursos, intrínsecos ou extrínsecos, que não são imutáveis, podendo se desenvolver ao longo da vida, para a ressignificação da adversidade enfrentada. Desta forma, após o evento estressor, os sujeitos se apresentam inalterados ou fortalecidos. Um desses recursos que podem interagir na forma com que os sujeitos enfrentam as adversidades são os fatores de proteção, que podem ser desde uma rede familiar sólida e estável, até a atuação institucional, como no caso da UFJF, dentre outros. Os fatores de proteção têm como objetivo evitar que o sujeito se exponha desnecessariamente a um evento estressor, ou mesmo que quando exposto, mitigar os efeitos danosos advindos dele.

[...] os fatores protetores como características ambientais e/ou individuais que amenizam ou reforçam aos indivíduos para que não estejam sobre os efeitos negativos do ambiente. A proteção não elimina os fenômenos psicológicos da situação vivenciada, o que ocorre é uma mudança na maneira como os indivíduos enfrentam as situações em suas vidas, principalmente quando submetidos a circunstâncias estressantes e desvantajosas (Poletto; Koller, 2006, p. 35).

Por mais que o termo resiliência, propriamente dito, não se repita com frequência nas respostas dos participantes, pode-se observar que este está implícito, o que não interfere na conclusão de que a resiliência pode ser percebida nos TAEs da UFJF, como resultado após a pandemia. Ao analisarmos alguns dos pilares da resiliência apresentados por Melillo; Estamatti e Cuestas (2005) como, por exemplo, humor, iniciativa, criatividade, moralidade, autoestima consciente, entre outros, pode-se perceber que uma pessoa que após enfrentar e ressignificar o sofrimento, se tornando resiliente, apresenta características marcantes, perceptíveis subjetivamente, não sendo necessário que ela se declare como tal.

A análise integrada dos três blocos revela um conjunto articulado de significados que expressam, de maneira profunda, como os/as participantes vivenciaram suas trajetórias pessoais, seus processos de cuidado, e suas dimensões espirituais e emocionais no contexto contemporâneo especialmente marcado pelas repercussões da pandemia. Por fim, observa-se que as trajetórias analisadas não podem ser compreendidas apenas por episódios isolados, mas como processos contínuos, onde história pessoal, contexto social e sentidos espirituais se entrelaçam. As narrativas mostram sujeitos em constante construção, reinterpretando experiências passadas, ressignificando desafios presentes e projetando futuros possíveis. Essa fluidez reafirma a complexidade das vivências humanas e a necessidade de abordagens compreensivas que considerem múltiplas dimensões da existência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da análise de conteúdo, de acordo com a proposta de Bardin (2011), as categorias finais revelaram que a vivência da pandemia da COVID-19 pelos TAEs foi estruturada pela atribuição de sentidos à religião e à espiritualidade, pela interface entre ações institucionais, ciência médica e saúde, e pelos processos de enfrentamento, ressignificação do sofrimento e construção da resiliência diante das adversidades impostas pelo contexto pandêmico. Os objetivos foram identificar a percepção do grupo em relação a religião e a espiritualidade, a diferenciação entre os conceitos; quais são suas crenças ou descrenças e como essas se fazem presentes em suas vidas; o que a pandemia representou, quais foram os principais impactos na vida dos sujeitos e como enfrentaram tal adversidades; sua percepção quanto a atuação da UFJF em relação aos protocolos e medidas de biossegurança, e também quanto a importância da ciência médica; e por fim, como esses sujeitos se encontram agora após a pandemia.

Como resultado, observou-se que os/as participantes fazem distinção entre religião e espiritualidade, delegando à primeira um caráter institucional e coletivo, regido por normas e dogmas e praticado através de rituais, já a segunda possui um caráter individual, subjetivo e fluido, ligado diretamente a busca de sentido para a existência. Embora percebidas como diferentes, existe também a percepção de que em diversos momentos elas estão entrelaçadas, atuando concomitantemente no cotidiano dos/as participantes, influenciando suas percepções de mundo e a forma como interage consigo e com o meio ao qual está inserido, sendo parte da construção de caráter, pautando valores ético e morais.

Embora se trate de uma amostra heterogênea, suas características sociodemográficas são marcantes, apontando uma predominância feminina, branca e com nível de escolaridade elevado. O pluralismo religioso e espiritual presente nos resultados, é compatível com as tendências contemporâneas, marcado pela coexistência das crenças tradicionais e pelas novas formas de experiências de conexão com o transcendente.

A pandemia da COVID-19 representou um marco na vida dos/as participantes, trazendo consigo sentimentos de medo, insegurança, incerteza e sofrimento, intensificados pela experiência das perdas e pelas limitações impostas aos rituais de despedida e luto. Diante desse cenário, a religião e a espiritualidade emergiram como importantes recursos de apoio emocional e simbólico, oferecendo sustentação e possibilitando a ressignificação do sofrimento, e conseqüentemente a construção e desenvolvimento da resiliência. Contudo, os resultados evidenciam que essas dimensões não atuaram de forma isolada. Estratégias não

religiosas e não espirituais, como o apoio familiar e social, a prática de atividades físicas, a confiança na ciência médica e o suporte institucional, também foram apontadas como fundamentais no enfrentamento das adversidades, evidenciando a complexidade da relação entre religião, espiritualidade, saúde e processos de enfrentamento, presentes nas trajetórias pessoais.

A UFJF teve papel relevante no período, e esse papel foi reconhecido pelos TAEs que apontaram os protocolos de biossegurança e as outras ações institucionais utilizadas para mitigar os impactos da pandemia, como teletrabalho e campanhas de vacinação, como eficientes e imprescindíveis. Entretanto, cabe mencionar que mesmo diante desse reconhecimento, houveram críticas pontuais quanto à atuação da UFJF, questões que segundo os TAEs poderiam ser melhor empregadas e administradas, como por exemplo o retorno ao trabalho presencial precoce, a obrigatoriedade da vacinação e o apoio psicológico insuficiente. A pandemia trouxe à tona questões íntimas e subjetivas que fizeram com que os/as participantes dessem início a um processo de autoconhecimento, ressignificação de valores e fortalecimento de vínculos interpessoais e até mesmo religioso e espiritual. A resiliência observada não se manifestou unicamente de forma individual, e sim como um fenômeno coletivo, que foi construído por múltiplos elementos, como as práticas religiosas e espirituais, o apoio institucional da UFJF, a ciência médica e práticas de autocuidado.

Embora o termo resiliência não seja mencionado de forma recorrente nas falas dos/as participantes, sua presença pode ser identificada de maneira implícita, o que não inviabiliza a compreensão de que a resiliência se manifesta entre os TAEs, agora após a pandemia. As narrativas revelam atitudes, percepções e comportamentos que indicam processos de adaptação, superação e ressignificação, ainda que estes processos não sejam nomeados.

Dessa forma, os resultados confirmam a hipótese de que os aspectos religiosos e espirituais, aliados ao apoio institucional da Universidade Federal de Juiz de Fora e à confiança na ciência médica, desempenharam papel significativo na maneira como os/as TAEs vivenciaram, enfrentaram e ressignificaram o sofrimento imposto pela pandemia da COVID-19.

Conclui-se que a compreensão dos impactos da pandemia da COVID-19 nos TAEs da UFJF exige o reconhecimento da inter-relação entre religião, espiritualidade, saúde e contexto sociocultural como dimensões que fundamentam a construção e fortalecimento da resiliência. Para além das perdas e dificuldades enfrentadas, a pandemia deu início a processos de transformações profundas, permitindo aos participantes ressignificarem sua existência. Em tempos de crise, a relação entre religião, espiritualidade, saúde e resiliência, se torna mais

evidente, se apresentando como um processo fluido, dinâmico e integrativo da experiência humana.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, C. M. S de; OLIVEIRA, C. P. F. de. Saúde e doença: significações e perspectivas em mudança. **Revista Millenium**, nº 25, 2002. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/10400.19/635> Acesso em: 25 de jul. de 2025.

ALVES, R. O que é Religião? São Paulo: Loyola, 2014. 15ª edição.

AMATUZZI, M. Desenvolvimento religioso: Uma teoria psicológica. **Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 17, n. 1, p. 15-30, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2000000100002>. Acesso em: 12 de nov. de 2024.

ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 3, n. 2, p. 273-294, jul. 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000200006>

ASAD, T. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de Campo**, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 19, p. 263–284, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v19i19p263-284>

BARATA, R. de C. B. Epidemias. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 3, n. 1, p. 9–15, jan. 1987. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X198700010000> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

BARBOSA, F. C. Covid-19, comunidades islâmicas, islamofobia. **Religião & Sociedade**, v.41, n.2, p. 115-134, maio 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n2cap05> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

BARDIN, L. A. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011

BASCOPE, K.; NASCIMENTO, O.; MILDENBERG, E.; ALMEIDA, S. A reforma protestante e seus desdobramentos. **Revista Terra & Cultura: Cadernos De Ensino E Pesquisa**, 38 (especial), 160-180, 2022. Disponível em:

<http://publicacoes.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/2499/2096>

BATTISTELLA, C. Saúde, Doença e Cuidado: complexidade teórica e necessidade histórica. In: FONSECA, A. F; CORBO, A. M. D'A. **O território e o processo saúde-doença**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007. Disponível em:

[https://r.search.yahoo.com/\\_ylt=AwrhcjgVcHZoFAIA6Fnz6Qt.;\\_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1753802005/RO=10/RU=https%3a%2f%2fwww.epsjv.fiocruz.br%2fpublicacao%2flivro%2fo-territorio-e-o-processo-saude-doenca/RK=2/RS=oBGmh9TaHZvIcA\\_O0Fn6iOk.tvs-](https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrhcjgVcHZoFAIA6Fnz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1753802005/RO=10/RU=https%3a%2f%2fwww.epsjv.fiocruz.br%2fpublicacao%2flivro%2fo-territorio-e-o-processo-saude-doenca/RK=2/RS=oBGmh9TaHZvIcA_O0Fn6iOk.tvs-)

BERGER, P. A Dessecularização do Mundo: uma visão global. Revista Religião e Sociedade, v. 21, nº01, 2001. Disponível em: <https://religioesociedade.org.br/revistas/v-21-no-01>

BRASIL, Ministério da Saúde. Relatório Final da 8ª Conferência Nacional de Saúde, 1986. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios/relatorio-final-da-8a-conferencia-nacional-de-saude/@@download/file>

BRANDÃO, J. M.; MAHFOUD, M.; NASCIMENTO, I. F. G. A Construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. **Paidéia**. Belo Horizonte, v. 21, n. 49, p. 263-271, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200014>. Acesso em: 12 de nov. de 2024

BOSCATTI, A. P. G.; AMORIM, A. C. H. Economia moral da saliva: Bolsonaro, Covid-19 e as políticas do contágio no Brasil. **Religião & Sociedade**, v. 41, n.2, p. 23-48, maio 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n2cap01> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

BIANCHINI, D. C. S.; DELL'AGLIO, D. D. . Processos de resiliência no contexto de hospitalização: um estudo de caso. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 16, n. 35, p. 427-436, set. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300013>

CALIL, G. G. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serviço Social & Sociedade**, n. 140, p. 30–47, jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.236> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

CALVANI, C. E. B. Espiritualidades não-religiosas: desafios conceituais. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 12, n. 35, p. 658-687, 27 set. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n35p658>

CALVETTI, P.Ü., MULLER, M.C. & NUNES, M.L.T. Qualidade de vida e bem-estar espiritual em pessoas vivendo com HIV/AIDS. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 523-530, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000300013>

CÂMARA MONTE, Tânia Maria de Carvalho. **A religiosidade e sua função social**. *Revista Inter-Legere*, n. 5, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4619>

CAMPOS, I. S.; SILVA NETO, F. L. P. da. A presença virtual do sagrado em tempos pandêmicos: a virtualidade e a rua na construção do espaço público de Pelotas/RS. **Religião & Sociedade**, v. 41, n. 2, p. 135–160, maio 2021 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n2cap06> Acesso em: 17 de jan. de 2025

CANGUILHEM, G. *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CAPELO, M. R. T. F.; POCINHO, M.; RODRIGUES, S.. O sentido da vida quotidiana: religião, resiliência e espiritualidade. **José Eduardo Franco e João Paulo Oliveira e Costa (Dir.). Diocese do Funchal. A Primeira diocese Global. História, Cultura e Espiritualidades, II, Funchal: Diocese do Funchal**, p. 883-896, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Maria-Regina-Capelo/publication/349945705\\_O\\_sentido\\_da\\_vida\\_quotidiana\\_religiao\\_resiliencia\\_e\\_espiritualidade/links/60488dc892851c077f2b8b9e/O-sentido-da-vida-quotidiana-religiao-resiliencia-e-espiritualidade.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Maria-Regina-Capelo/publication/349945705_O_sentido_da_vida_quotidiana_religiao_resiliencia_e_espiritualidade/links/60488dc892851c077f2b8b9e/O-sentido-da-vida-quotidiana-religiao-resiliencia-e-espiritualidade.pdf)

CARINI, C. E. La práctica online del budismo en tiempos de pandemia: rituales, comunidad y mediatización. **Religião & Sociedade**, v. 41, n. 2, p. 93–114, maio 2021.

CATRÉ, M. N. C.; FERREIRA, J. A.; PESSOA, T.; CATRÉ, A.; CATRÉ, M. C. Espiritualidade: contributos para um esclarecimento do conceito. **Análise Psicológica**, v. 34, n. 1, p. 31 - 46, 2016. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/issue/view/109>

CHEQUINI, M. C. M. A relevância da espiritualidade no processo de resiliência. **Psicologia Revista**, [S. l.], v. 16, n. 1/2, p. 93–117, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/18059>

COSTA, P.; LEITE, R. de C. B. O. Estratégias de enfrentamento utilizadas pelos pacientes oncológicos submetidos a cirurgias mutiladoras. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 55, nº 4, p. 355-364, 2009. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/1591>

COSTA, W. de S. R.; SILVEIRA, E. J. S. da; SILVEIRA, D. O. da. Estudos da religião em tempos de COVID-19: entrevista com Rodrigo Toniol. **PLURA, Revista de Estudos de Religião** / PLURA, Journal for the Study of Religion, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 15–29, 2021. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1811>  
Acesso em: 17 de jan. de 2025.

COSTA, F. et al. Uso de instrumentos de coleta de dados em pesquisa qualitativa: um estudo em produções científicas de turismo Turismo - Visão e Ação, vol. 20, núm. 1, 2018  
Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=261058528001>

CORRÊA, C. V.; HOLANDA, A. F.; OLANDOSKI, G. P.. **Coping religioso/espiritual em profissionais de atenção à saúde mental no litoral do Paraná**. Pluralidades em Saúde mental: 2017.

CZERESNIA, D. Constituição epidêmica: velho e novo nas teorias e práticas da epidemiologia. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 8, n. 2, p. 341–356, jul. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702001000300003>. Acesso em: 17 de jan. de 2025.

DA SILVA, E. F., DA SILVEIRA, E. J. S. Quando a religião (des)comunica a ciência: o catolicismo brasileiro e a pandemia de Covid-19. **Revista Dispositiva**, v. 9, n. 16, p. 188-206 - ago/dez (2020)

DIAS, K. A. da N.; NOBRE, F. R. F. O Negacionismo Antivacina e o Alinhamento nos discursos de Malafaia e Bolsonaro frente à pandemia de Covid-19 no Brasil. **Revista de Relações Internacionais da UFGD**, [S. l.], v. 12, n. 24, p. 442–471, 2024. Disponível em : <https://doi.org/10.30612/rmufgd.v12i24.17390> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

DIAS, M. et al; Cuidados paliativos e sua abordagem em pacientes com doença crônica: revisão de literatura. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 12, p. 328-337, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n12p328-337> Acesso em: 13 de dez. de 2025.

DUARTE, F.M. & WANDERLEY, K.S. Religião e espiritualidade de idosos internados em uma enfermaria geriátrica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, n. 27, v. 1, p. 49-53, 2011. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722011000100007>

ESPERANDIO, M. R. G.; SOUZA, C. F. B. de. A integração da Dimensão Espiritual no Cuidado em Saúde faz sentido? **Interações**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2. p. e182e01, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2023v18n2e182e01>

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: Vozes. 2006.

FREITAS, C. M. de; et al. Observatório Covid-19 Fiocruz - uma análise da evolução da pandemia de fevereiro de 2020 a abril de 2022. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 10, p. 2845–2855, out. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320232810.10412023>

GARRETT, Andreia. A Influência da Religião/Espiritualidade na Saúde: Apoio Social e Estratégias de Coping como Variáveis Mediadoras. 2009/2010. (Dissertação de Mestrado) - Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa. Lisboa 2010.

GIUMBELLI, E. Religião, Estado, modernidade: notas a propósito de fatos provisórios.

Estudos Avançados, São Paulo, v.18, n. 52, p. 47-59, 2004. Disponível em:

[file:///C:/Users/Fernanda/Downloads/GIUMBELLI Emerson Religiao Estado modern.pdf](file:///C:/Users/Fernanda/Downloads/GIUMBELLI%20Emerson%20Religiao%20Estado%20modern.pdf)

GIUMBELLI, E. A Presença do Religioso no Espaço Público: modalidades no Brasil.

**Revista Religião e Sociedade**, v. 28, n. 02, 2008. Disponível em:

<https://religioesociedade.org.br/revistas/v-28-no-02>

GIUMBELLI, E. Religiões em tempo de pandemia. **Cientistas Sociais e o Coronavírus**, 2020, n. 33, p. 3-7. Disponível em:

[https://www.academia.edu/43025388/Religi%C3%B5es\\_em\\_tempo\\_de\\_pandemia](https://www.academia.edu/43025388/Religi%C3%B5es_em_tempo_de_pandemia) Acesso em: 17 de jan. de 2025.

GOBATTO, C. A.; ARAUJO, T.C.C.F. Religiosidade e espiritualidade em oncologia:

concepções de profissionais da saúde. **Psicologia USP**, v. 24, n. 1, p. 11-34. Disponível em:

<https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642013000100002>

GUERREIRO, C.; ALMEIDA, R. de. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. **Religião & Sociedade**, v. 41, n. 2, p. 49–74, maio

2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n2cap02> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

GUYTON, A. C.; HALL, J. E. **Fisiologia humana e mecanismos das doenças**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2008, 6ªed.

HERVIEU-LÉGER, D. **A Religião pela Memória**. Ed. Recriar. São Paulo, SP, 2024, 266p.

HERVIEU-LÉGER, D. **O Peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 2ed, 2015, 238p.

HOCHMAN, G.; BIRN, A. E. Pandemias e epidemias em perspectiva histórica: uma introdução. **Topoi** (Rio de Janeiro), v. 22, n. 48, p. 577–587, set. 2021. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/2237-101X02204801> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

INFANTE, F. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In: MELILO, A.; et al. **Resiliência – descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 23-38.

IZIDORO, J. L. O Problema da identidade no Cristianismo Primitivo: interação, conflitos e desafios. **Oracula**, São Bernardo do Campo, v. 4, n. 7, 2008. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/285174354\\_O\\_Problema\\_da\\_Identidade\\_no\\_Cristianismo\\_Primitivo\\_Interacao\\_Conflitos\\_e\\_Desafios](https://www.researchgate.net/publication/285174354_O_Problema_da_Identidade_no_Cristianismo_Primitivo_Interacao_Conflitos_e_Desafios)

JATOBÁ, A.; CARVALHO, P. V. R. de. Resiliência em saúde pública: preceitos, conceitos, desafios e perspectivas. *Saúde em Debate* [online]. v. 46, n. spe8, pp. 130-139. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E810> Acessado 13 Dezembro 2025.

JORGE, M. A. C.; MELLO, D. M.; NUNES, M. R. Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimiento e luto: afetos do sujeito da pandemia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 23, n. 3, p. 583–596, jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p583>. Acesso em: 17 de jan. de 2025.

LAGES, S. R. C.; SCOTTON, R. T. Os Sentidos da pandemia do COVID-19 para as comunidades tradicionais de matriz africana. **Dossiê: Interpretação Pluralista da Religiões. Paralellus**, Recife, v. 12, n. 29, jan./abr. 2021, p.257-275 Disponível em: <http://10.25247/paralellus.2021.v12n29.p257-275> Acesso em: 17 de jan. de 2025

LEITE, A. L. P.; STERN, F. L.; GUERRIERO, S. Espiritualidades e saúde: polissemia, fragilidades e riscos do conceito. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 19, n. 60, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2021v19n60p1015>

LEITE, D. H. da S.; OLIVEIRA, F. R. C.; ALMENDAGNA, I. Religião e Pandemia: o uso da hidroxicloroquina e o fechamento de templos religiosos na perspectiva da Folha Universal. **REVES - Revista Relações Sociais**, [S. l.], v. 2, pág. 15680–01e, 2023. DOI: 10.18540/revesvl6iss2pp15680-01e. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/15680> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

LEITE, V.; OLIVEIRA PONTES, A. K.; PEDROSA MOREIRA, D.; DE MOURA SOARES, F. Entre a sensibilidade e a resiliência: desafios e aspectos emocionais dos enfermeiros em cuidados paliativos. **Revista da Faculdade Paulo Picanço**, Fortaleza, v. 5, n. 1, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.59483/rfpp.v4n4135> Acesso em: 13 de dez. de 2025.

LIMA, N. T., BUSS, P. M.; PAES-SOUSA, R. A pandemia de COVID-19: uma crise sanitária e humanitária. **Cadernos de Saúde Pública [online]**. v. 36, n. 7, e00177020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00177020> Acesso em: 17 de jan. de 2025

MARGAÇA, C.; RODRIGUES, D.. Espiritualidade e resiliência na adultez e velhice: uma revisão. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, n. 2, p. 150-157, maio 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5690>

MARIOSIA, G. S.; LAGES, S. M. C. Mulheres negras e resiliência: aprendendo com o orixá Oxum. **Interações**, 2022, v. 17, n. 1, p. 34-50. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313070837005>.

MARQUES, R.; RAIMUNDO, J. A. O negacionismo científico refletido na pandemia da covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 7, n. 20, p. 67–78, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.5148526. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/410>. Acesso em: 17 de jan. de 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **8ª Conferência Nacional de Saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 1986. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios/relatorio-final-da-8a-conferencia-nacional-de-saude/view>

MINISTÉRIO DA SAÚDE, **Portaria GM/MS Nº 2.862, de 29 de dezembro de 2023**. Disponível em: [https://ses.sp.bvs.br/wp-content/uploads/2024/01/U\\_PT-MS-GM-2862\\_291223.pdf](https://ses.sp.bvs.br/wp-content/uploads/2024/01/U_PT-MS-GM-2862_291223.pdf) Acesso em: 17 de jan. de 2025.

MIRANDA, S. L., LANNA, M. A. L.; FELIPPE, W. C. Espiritualidade, Depressão e Qualidade de Vida no Enfrentamento do Câncer: Estudo Exploratório. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 3, p. 870-885, 2015. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703002342013>.

MILLER, D., HORST, H. A., O digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital. **Revista Parágrafo**. v. 3 n. 2 (2015). Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/334> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: metodologia de pesquisa social (qualitativa) em saúde. 14.ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 2014.

MODES, J. V.; DINIZ, J. V.; HORING, J. V. D. A Contrarreforma: resposta contra o protestantismo e renovação eclesial dentro do catolicismo. **Revista Ensaios Teológicos**, v. 6, n. 1, junho de 2020. Disponível em: <https://ensaiosteologicos.fbp.edu.br/index.php/ensaios/issue/view/29>

MÓNICO, Lisete. **Religião, espiritualidade e saúde: funções, convivências e implicações**. Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 19, n. 60, p. 951, 31 dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2021v19n60p951>

MONTEIRO, D. D. et al. Espiritualidade/religiosidade e saúde mental no Brasil: uma revisão. **Bol. - Academia Paulista de Psicologia**. São Paulo, v.40, n. 98, p. 129-139, jun. 2020. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2020000100014&lng=pt&nrm=isso](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2020000100014&lng=pt&nrm=isso)

MUNDIM, P. S.; et al. Viés noticioso e exposição seletiva nos telejornais brasileiros durante a pandemia de COVID-19. **Opinião Pública**, v. 28, n. 3, p. 615-634, set. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-01912022283615> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

NASCIMENTO, J. As diferenças doutrinárias do calvinismo e do arminianismo. **Azusa: Revista de Estudos Pentecostais**, v. 9, n. 1, 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/58120998/azusa\\_.pdf](https://www.academia.edu/download/58120998/azusa_.pdf)

NASCIMENTO, M. L. de S. Religião: um recurso em meio à pandemia. **Último Andar**, [S. l.], v. 25, n. 39, p. e55657, 2022. DOI: 10.23925/ua.v25i39.55657. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/55657> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

NETO, J. P. S. O espiritismo e a pandemia da COVID-19: alguns achados. **Rever**. São Paulo. v. 22, n. 2, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2021vol22i2a14> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

NEUFELD, P. M. Memória médica: a Gripe Espanhola de 1918. **Revista Brasileira de Análises Clínicas**. 2020; vol. 52(3): 213-17. Disponível em: <http://10.21877/2448-3877.202102105> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

OLIVEIRA, J. B. D. Espiritualidade, sentido e resiliência: aproximações no campo da saúde integral e da finitude. Dissertação de Mestrado (Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, 2019, 102p. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10066>

OLIVEIRA, T. A. Os aspectos passional e fundamentalista do fundamentalismo religioso: possíveis contribuições da teoria Freudiana. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 421 – 439, 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/371149026\\_OS\\_ASPECTOS\\_PASSIONAL\\_E\\_NARCISISTA\\_DO\\_FUNDAMENTALISMO\\_RELIGIOSO](https://www.researchgate.net/publication/371149026_OS_ASPECTOS_PASSIONAL_E_NARCISISTA_DO_FUNDAMENTALISMO_RELIGIOSO)

PAIM, J. S. Sistema Único de Saúde (SUS) aos 30 anos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 6, p. 1723-1728, jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.09172018>

PALS, D. L. **Nove Teorias da Religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

PIEPER, F. Religião: limites e horizontes de um conceito. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 33, n. 1, p. 5-35, jan-abr, 2019. Disponível em:  
<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/9056/6836>

PINA, A. P. O genoma humano e as políticas públicas na área da saúde. **Revista de Estudos Jurídicos da UNESP**, Franca, v. 15, n. 22, 2012. Disponível em:  
<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/estudosjuridicosunesp/article/view/411> Acesso em:  
17 de jan. de 2025.

PONDÉ, L. F. Religião e Ética. In: USARSKI, F.; PASSOS, J.D. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013, p. 161-183.

PRANDI, R. O candomblé na roda do tempo: Internet, pandemia, literatura e novos sacerdotes. **Estudos Afro-Brasileiros**. v.4, n.1, p. 161-200, 12 abr. 2024 Disponível em:  
<https://doi.org/10.37579/eab.v4i1.83> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

POLENTO, M; KOLLER, Sílvia H. Resiliência: uma perspectiva conceitual e histórica. In: DELL'agllio, Débora etc al. *Resiliência e psicologia Positiva: Interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, 1ªed, p. 19-44.

RODRIGUES, E. A formação do Estado secular brasileiro: notas sobre a relação entre religião, laicidade e esfera pública. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte. v. 11, n. 29, p. 149-174, 2013. Disponível em:  
<https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n29p149>

SAAD, M.; MASIERO, D.; BATTISTELLA L. R. Espiritualidade baseada em evidências. **Acta Fisiátrica**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 107-112, 2001. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/actafisiatrica/article/view/102355>

SAINT-EXUPÉRY, A. de. *O pequeno príncipe*. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: ed 48, Rio de Janeiro, Agir, 2009, 96p.

SALVADOR, S. F. T.; ESPERANDIO, M. R. G. Espiritualidade/religiosidade e assistência espiritual em serviços de cuidados paliativos: dificuldades e potencialidades de integração.

**Estudos de Religião**, v. 37, n. 1, p. 337-358, jan.-abr. 2023. Disponível em:

[https://r.search.yahoo.com/\\_ylt=AwrFFi7zRHpoCQIAIaTz6Qt.;\\_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzIEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1754053108/RO=10/RU=https%3a%2f%2fdialnet.unirioja.es%2fdescarga%2farticulo%2f8926086.pdf/RK=2/RS=6ZzqVi17xjU9o7iG8Fqp5btHTzw-](https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrFFi7zRHpoCQIAIaTz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzIEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1754053108/RO=10/RU=https%3a%2f%2fdialnet.unirioja.es%2fdescarga%2farticulo%2f8926086.pdf/RK=2/RS=6ZzqVi17xjU9o7iG8Fqp5btHTzw-)

SANCHES, M. A.; et al. Religião e epidemias na história: do essencial ao perverso. In: **Revista Rever**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2020vol20i2a10> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

SANTANA, M. F. Giras on-line: Umbanda reconfigurada. **Tempo da Ciência**, [S. l.], v. 28, n. 55, p. 109–121, 2021. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/2803> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

SANTOS, M. F. de J. Romarias in lives: ciberdevoções e santuários virtuais em tempos de pandemia. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**. V. 18, n. 57, p. 1305, 31 dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2020v18n57p135> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

SANTOS NETO, E. F. dos . Religiosidade : fator de resiliência em idosas institucionalizada na cidade de Juiz de Fora- Orientador: Sônia Regina Corrêa Lages  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/11762>

SANTOS NETO, E. F. dos. A presença religiosa nas instituições asilares de Juiz de Fora - MG: pluralismo religioso e mercantilização da velhice. Tese de Doutorado em Ciência da Religião, UFJF, 2024. Orientador(a) Prof. Dra. Sônia Regina Corrêa Lages. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/16992>

SCOTTON, R. T.. “Um talo de arruda que vale uma floresta”: as representações sociais das religiões afro nas letras de Rap. Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião, UFJF,

2019. Orientador(a) Prof. Dra. Sônia Regina Corrêa Lages. Disponível em:

<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10109>

SCORSOLINI-COMIN, F. et al. A religiosidade/espiritualidade como recurso no enfrentamento da COVID-19. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro – RECOM*, v. 10, 2020 Tradução. Disponível em:

<https://seer.ufsj.edu.br/recom/article/view/3723/2459>

SBIZERA, C. L.. DENDASCK, C. V.. Espiritualidade Como Geradora De Resiliência E As Ciências Da Religião. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 03, Ed. 12, Vol. 07, pp. 19-30 Dezembro de 2018. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/profile/Carla-](https://www.researchgate.net/profile/Carla-Dendasck/publication/334501249_Espiritualidade_Como_Geradora_De_Resiliencia_E_As_Ciencias_Da_Religiao/links/5ea97de0299bf18b9584ad23/Espiritualidade-Como-Geradora-De-Resiliencia-E-As-Ciencias-Da-Religiao.pdf)

[Dendasck/publication/334501249\\_Espiritualidade\\_Como\\_Geradora\\_De\\_Resiliencia\\_E\\_As\\_Ciencias\\_Da\\_Religiao/links/5ea97de0299bf18b9584ad23/Espiritualidade-Como-Geradora-De-Resiliencia-E-As-Ciencias-Da-Religiao.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Carla-Dendasck/publication/334501249_Espiritualidade_Como_Geradora_De_Resiliencia_E_As_Ciencias_Da_Religiao/links/5ea97de0299bf18b9584ad23/Espiritualidade-Como-Geradora-De-Resiliencia-E-As-Ciencias-Da-Religiao.pdf)

SENA, E.; PY, F. **Religião em tempos de COVID-19: Vírus, Biopoder e vida**. EUENF, Campos do Goytacases, RJ. 2022. 212 p.

SENA, E. **Ateísmo em sete lições**. Coleção Religiões em sete lições, Vozes, 2024, Petrópolis, RJ.

SEGRE, M.; FERRAZ, F. C. O conceito de saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, Brasil, v. 31, n. 5, p. 538–542, 1997. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/rsp/article/view/24324>

SILVA, G. M.; et al. Desafios da imunização contra COVID-19 na saúde pública: das fake news à hesitação vacinal. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 3, p. 739–748, mar. 2023.

SILVA, E. F. da; SENA DA SILVEIRA, E. A pandemia de covid-19 sob a benção de bolsonaro e evangélicos: mobilização política anti-ciência, saber mágico e pós-verdade. **Revista Inter-Legere**, [S. l.], v. 3, n. 29, p. c23426, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/21931> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

SMITH, W. C. **O sentido e o fim da religião**. São Leopoldo. Sinodal, 2006.

SOUZA, L. E. P. F. de et al. Os desafios atuais da luta pelo direito universal à saúde no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 24, n. 8, p. 2783-2792, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018248.34462018>.

STROPPA, A.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Religiosidade e Saúde. In: SALGADO, M.I.; FREIRE, G. (Org.) **Saúde e Espiritualidade: uma nova visão da medicina**. Belo Horizonte: Inede, 2008.

STEPHANINI, V.; BROTTTO, J. C. P. A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: dos templos para as casas e para as mídias. **PLURA, Revista de Estudos de Religião / PLURA, Journal for the Study of Religion**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 61–79, 2021. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1815>  
Acesso em: 17 de jan. de 2025.

SILVA, M. R. S. DA; et al.. Resiliência e promoção da saúde. *Texto & Contexto - Enfermagem*, v. 14, n. Spe, p. 95-102, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072005000500012>

SILVEIRA, D. R.; MAHFOUD, M.. Contribuições de Viktor frankl ao conceito de resiliência. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 25, n. 4, p. 567-576, out. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400011>

SORDI, A. O.r; MANFRO, G. G.; HAUCK, S.. O conceito de resiliência: diferentes olhares. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, v. 13, n. 2, p. 115-132, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/201004/000999000.pdf>

TOMÁS, Carla Fonseca. Resiliência e espiritualidade. Quando a fé se torna amparo. **OMNIA, Revista Interdisciplinar de Ciências e Artes**, v. 8, n. 2, p. 29-36, 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Carla-Dendasck/publication/334501249\\_Espiritualidade\\_Como\\_Geradora\\_De\\_Resiliencia\\_E\\_As\\_Ciencias\\_Da\\_Religio/links/5ea97de0299bf18b9584ad23/Espiritualidade-Como-Geradora-De-Resiliencia-E-As-Ciencias-Da-Religio.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Carla-Dendasck/publication/334501249_Espiritualidade_Como_Geradora_De_Resiliencia_E_As_Ciencias_Da_Religio/links/5ea97de0299bf18b9584ad23/Espiritualidade-Como-Geradora-De-Resiliencia-E-As-Ciencias-Da-Religio.pdf)

TONIOL, R. Censo de 2022 e religiões no Brasil. **Horizontes Antropológicos**, v. 31, n. 72, p. E720701, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9983e720701> Acesso em 17 de set. de 2025.

UFJF. APRESENTAÇÃO. Juiz de Fora. 2025a. Disponível em:  
<https://www2.ufjf.br/ufjf/sobre/apresentacao/>

UFJF. PROGEPE. Apresentação. 2025b. Juiz de Fora. Disponível em:  
<https://www2.ufjf.br/progepe/apresentacao/>

UFJF. PAINEL DE SERVIDORES. 2025C. Disponível em:  
<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiODcxOWMyMGEtOGVIYS00MzIxLTk4NTktZjk0ZGI0NDc1N2FjIiwidCI6IjU0ZTE2M2NhLTkyODItNGU1Ny05YzU3LWZmZnVka4YjcwOCJ9>

URQUIZA, M.; MARQUES, D. E., Análise de Conteúdo, teoria e prática: estudo da comunicação corporativa. Clube de Autores. ISBN - 978-6500213737. 44p, 2021, E-book.

UJVARI, Stefan Cunha. **A história da humanidade contada pelos vírus, bactérias, parasitas e outros microrganismos**. São Paulo: Editora Contexto, 2024, 2ª ed, 10ª reimpressão.

UJVARI, S. C. **História das epidemias**. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

VASCONCELLOS, E. G.. Stress, coping, burnout, resiliência: troncos da mesma raiz. **A psicologia social e a questão do hífen**. São Paulo: Blucher, 2017.

VERGNE, C. de M.; et al. A palavra é... Genocídio: a continuidade de práticas racistas no Brasil. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 3, p. 516–528, set. 2015. Disponível em:  
<https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p516> Acesso em: 17 de jan. de 2025.

VIGIL, M. J. **Teologia do Pluralismo Religioso: para uma releitura do pluralismo do cristianismo**. Paulus, São Paulo, 2006.

ZANGARI, W.; MACHADO, F. **Psicologia da Religião**: conceitos, delimitação, histórico, etc. Fundamentos da psicologia da religião. Aspectos individuais e psicossociais. Curitiba: Editora CRV, 2022

ZENI, A. B. Educação e autonomia no Iluminismo. V CINFE - Congresso Internacional de Filosofia e Educação. Universidade de Caxias do Sul, 2010. Disponível em:

[https://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo\\_tematico9/Educao%20e%20Autonomia%20no%20Iluminismo.pdf](https://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico9/Educao%20e%20Autonomia%20no%20Iluminismo.pdf)

## **ANEXOS**

### **ANEXO A – RESPOSTAS DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA**

Idade \*

Participante 1

48

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

sim, não tenho religião institucionalizada

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

sim, influencia do vedanta, budismo e cristianismo

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Filosoficos do vedanta, budismo e cristianismo

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Protocolo adequado

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Sim. Direcionando as melhores condutas

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Não

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Não tem relação

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Mantida sem alterações

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

43

## Participante 2

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Ao meu ver, a religião está relacionada a uma instituição, com dogmas e rituais preestabelecidos e compartilhados por um coletivo de pessoas. Já a espiritualidade é uma prática individual que busca vínculo com o transcendente e pode ser intermediado por uma religião, mas não necessariamente.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Sou Católica

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Busco exercitar a espiritualidade diária a partir dos valores católicos e, particularmente, a partir dos ensinamentos de Jesus registrados na Bíblia Sagrada.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Foi um período de muita insegurança, incertezas e a UFJF buscou contribuir, na medida do possível, para a segurança de sua comunidade acadêmica. Ao meu ver, o apoio psicológico poderia ter sido mais contundente.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Sim, a religião/espiritualidade teve papel fundamental em minha vida naquele momento, porque, além do temor e da comoção diante das mortes/perdas que estavam sendo observadas, outras circunstâncias me fizeram ficar mais abalada e vulnerável naquele momento, como uma mudança de cidade e de trabalho. Desse modo, a espiritualidade foi meio de alento e motivação diante desse cenário. Além disso, a religião me proporcionou apoio por meio de novos contatos e novas amizades. vejo que a minha espiritualidade se solidificou e foi redesenhada durante a pandemia.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Sim, perdi pessoas próximas e conhecidas, mas não familiares. Várias reflexões, como por exemplo, sobre a brevidade da vida, sobre as estruturas de poder e o acesso da população à saúde pública, sobre as escolhas diárias que fazemos e as prioridades que elegemos em nossas vidas.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Na minha opinião, as vacinas são produto da inteligência dada ao ser humano por Deus.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Permaneço exercitando minha espiritualidade por meio do catolicismo e acredito que, agora, de forma mais intensa e mais madura.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

## Participante 3

37

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Acredito em uma força superior mas nao sigo nenhuma religiao

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Nao me identifico com nenhuma religiao atualmente.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Empatia

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Foi um período de stress, onde a espiritualidade e fé ajudaram a seguir em frentw

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

A fe ajudou.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Felizmente nao perdi ngm próximo.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Vacina salva vidas.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Da mesma forma que na epoca da pandemia. A fe continua me ajudando.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

## Participante 4

40 anos

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim. Creio que a religião ela é regida por um dogma e uma série de ritos e elementos que configuram determinado núcleo social, no âmbito coletivo. Já a espiritualidade seria mais do âmbito individual e como cada um se relaciona com a sua crença em um poder maior.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Sim, já fui católica, passei pelo espiritismo e budismo, e hoje procuro uma espiritualidade mais apartada das religiões, incorporando leituras edificantes e práticas holísticas de acordo com o meu interesse.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Os valores são pautados na ética, na justiça, nas relações de cordialidade e empatia.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Foi um período importante para seguir os protocolos e as recomendações da OMS.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Sim, foi importante para um momento de introspecção e reflexões sobre modo de vida e relações pessoais.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Não.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Extremamente importante, creio que a religião não deve ir contra a ciência. É importante entender os diferentes papéis que exercem. É claro que é preciso compreender que a ciência também tem suas falhas, e também não deve ser encarada como um dogmatismo científico, há inclusive divergências entre pesquisadores nas diversas áreas. Mas é importante que a religião não atrapalhe orientações e recomendações que se pautam em evidências científicas robustas.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Continuo me relacionando da mesma forma, praticando de modo mais individual, sem participação em grupos religiosos.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

## Participante 5

42

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim, podemos ser espiritualizados (acreditar em um ser maior) e não ter uma religião .

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Sim, sou espirita.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Sim, no cotidiano podemos entender o motivo de estarmos na Terra, através de análise de comportamentos dos indivíduos.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Achei importante, pois contribuiu para deixar o período mais seguro para os servidores.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Sim, através de orações me senti mais forte para enfrentar a pandemia.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Não

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Acho muito importante unir ciência e religião, uma é o complemento da outra.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Procuo agradecer por ter passado o período e estar aqui com meus familiares.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

## Participante 6

41

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim. Religião tem um sentido de estar atrelado a dogmas religiosos e ritualísticas. Espiritualidade denota uma conexão de sentido existencial transcendental.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Com religião não. Espiritualidade sim, mas subjetiva, sem relação com alguma instituição específica.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Não tenho vínculo. Frequento esporadicamente a igreja evangélica (batista) por acompanhar a família. Mas não tenho as mesmas crenças dogmáticas. Escuto o sermão e entendo que tem relevância para a sustentação de uma vida ética e solidária.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Entendo como adequadas as medidas da instituição.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Pessoalmente, não. Na minha realidade, a ciência prevaleceu em relação ao enfrentamento.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Não perdi.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Não há relação. A religião não deve interferir na ciência, e vice-versa.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Não noto relação.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

Participante 7

50

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Sim. Religião: Evangélica. Espiritualidade: Oração

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Aparece nas práticas do respeito, acolhida... ao outro.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Protocolos condiziam com a necessidade que pedia a situação naquele momento. A percepção foi a de reeducação social nos aspectos de relacionamento e de revisão de comportamento nos sentidos de higiene e cuidados gerais na perspectiva de evitar formas de contaminações...

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

A religião apareceu como o pedido a Deus de guarda da saúde aos familiares, amigos... De pedido de conforto e força àqueles que viveciavam a perda do ente querido ou a doença. Bem como o agradecimento por estar recebendo a cada dia mais uma oportunidade de vida.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Não perdi.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Um avanço e empenho na ciência e na medicina, que colaborou para manutenção de muitas vidas.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Mantendo a Fé em Deus acreditando que tudo é pela permissão Dele e com algum propósito.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

## Participante 8

Idade \*

66

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Religião pressupõe um dogma; espiritualidade seria a crença em algo místico, transcendental

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Religião católica

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Diariamente tenho sinais da presença de Deus em minha vida. Creio inclusive na interseção dos santos rogando a Deus por nossa benção

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Período extremamente difícil, onde as medidas de biossegurança foram importantes

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Sim, certamente. A crença em algo superior protegendo a mim, minha família, parentes e amigos me ajudou enfrentar o medo do que estava por vir

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Não perdi pessoas próximas

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

A ciência médica foi vulgarizada e perdeu sua essência, sendo manipulada conforme interesse de grupos. Vacinas foram importantes inicialmente até que houvesse maior imunidade natural na comunidade e a crença em um ser superior ajudou a muitos nesse grave período de nossa história

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Mantenho minha fé, minha religião e minha espiritualidade.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

## Participante 9

Idade \*

62

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

SIM. RELIGIÃO É UMA "FORMATÇÃO" DAS CRENÇAS E PADRÕES CONSIDERADOS CORRETOS PELAS DIVERSAS IGREJAS. ESPIRITUALIDADE É A CRENÇA DENTRO DE CADA PESSOA EM ALGO MAIOR E MELHOR, COMO CADA UM ENXERGA O DIVINO

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

ESPÍRITA

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

NÃO TENHO VÍNCULO RELIGIOSO FORTE. GOSTO DE IR A LUGARES ONDE ME PASSA TRANQUILIDADE E CERTEZA NA FÉ

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

NÃO ESTAVA PRESENTE NA UFJF NESSE PERÍODO, ESTAVA CEDIDA PARA O HU

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

SIM, A ESPIRITUALIDADE ESTÁ PRESENTE EM TODOS OS MOMENTOS DE NOSSA VIDA, É ASSIM QUE CONSEGUIMOS CAMINHAR E ENFRENTAR OS DESAFIOS

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

NÃO CHEGUEI A PERDER, MAS ALGUMAS FICARAM MAL. PENSO QUE O DESESPERO AJUDOU NO PROCESSO DE PIORA NA PANDEMIA

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

NA MINHA FAMÍLIA TOMAMOS 3 DOSES, PORÉM COM DESCONFIANÇA. NÃO CREIO QUE JÁ TIVESSE ABSOLUTA CERTEZA DE SUA EFICÁCIA

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

COMO SEMPRE, TUDO ACONTECE SEGUNDO A VONTADE A DEUS, NÃO NOSSA.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

Participante 10

42

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim. Religião é um sistema de crença coletiva com doutrinas e normas a serem seguidos. A espiritualidade é livre e individual, sem necessidade de seguir regras fixas.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Não me identifico com nenhuma religião e sim com uma espiritualidade humanista baseado na solidariedade e na construção coletiva de acordo com valores de igualdade.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Não tenho crença religiosa. Os valores são: solidariedade, igualdade, coletividade, justiça social, respeito à diversidade....

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

A UFJF adotou as medidas de segurança aplicadas também a outros órgãos públicos e dentro do que a ciência médica recomendou, sendo assim acredito que ajudou na redução do contágio.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Os recursos para ajudar naquele período foram exercícios físicos, acolhimento e mútuo apoio de familiares e amigos através de chamada de vídeo, mensagens e conversas constantes. Uma vez que a espiritualidade baseado em valores humanitários se baseia em valores coletivos, o enfrentamento a pandemia se expressou em ações solidárias.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Como toda a perda é um misto de sofrimento e impotência em relação ao mundo. Mostra como a vida é frágil e imprevisível. A vida ganha sentido na contribuição social e não na salvação pessoal.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

A ciência médica é um das áreas mais fundamentais com intuito de prevenir/curar doenças e melhorar a qualidade de vida. A aplicação de vacinas no combate ao Covid se mostrou eficiente para reduzir o casos graves, hospitalizações e mortes. Quanto a religião, como dizia Karl Marx é o ópio do povo. É um produto social e histórico nascido das condições de vida, especialmente do sofrimento e da desigualdade.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Igual em outros momentos, baseado na solidariedade e na construção coletiva com valores de igualdade.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

## Participante 11

63

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Entendo religião como uma prática e espiritualidade como uma crença em algo maior.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Fui batizada na Igreja Luterana, mas hoje me considero agnóstica. Entendo que minha prática de algo que seja parecido com uma espiritualidade seja acreditar na possibilidade de nos termos seres melhores, e de como isso pode impactar na evolução de tudo o que conhecemos.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Não tenho vínculo religioso. Pauto minha vida na preocupação com o outro, com a crença de que devemos fazer de nossa vida a melhor possível que temos um pacto de existência com a natureza e tudo o que nos norteia.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Foi um período difícil, no qual nosso desconhecimento e nossa fragilidade frente ao que poderá vir ficaram expostos. Os protocolos instituídos pela universidade nos deram sentido de proteção e de apoio.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Não tive a religião como apoio. Minha rede familiar é a certeza de que a ciência nos daria uma resposta foi o que me deu alento.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Perdi duas pessoas relativamente próximas. Essas perdas me falaram sobre a fragilidade da vida e de como o luto pode ser dolorido.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Entendo a ciência como fundamental para nossa vida, com a vacina para a COVID 19 sendo a demonstração disso. É, embora não caiba para mim, compreendo a religião para muitas pessoas como fonte de apoio e resignação frente à epidemia e a seus riscos.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Da mesma forma que antes. Permaneço agnóstica, mas cada vez dando mais valor à vida, tanto a minha quanto a dos outros.

---

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

Participante 12

42

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim. Acredito que a pessoa possa ter uma religião e, concomitantemente, praticar diferentes formas de espiritualidade ( praticar de acordo com sua forma de interpretar)

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Catolicismo

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Oração diária e práticas do dia a dia conforme penso sobre minha religião

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Acredito que existiu práticas e normas com embasamento científico e poucas simplesmente por achar que estava correto (sem embasamento). Mas, o importante, foi que tenho certeza que sempre foi em busca do melhor para as pessoas

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Sim. Através da oração e fé eu e minha família conseguimos se manter estáveis e aceitando os diferentes pensamentos sobre o tema

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Não perdemos

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Não se deve misturar fé e ciência

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Da mesma forma que antes, durante e após a pandemia

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

## Participante 13

Idade \*

43

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Não. Acho que estão interligados de alguma forma.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Sim. Catolica

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Minha religiosidade está presente em minha vida sempre, seja nas dificuldades do dia a dia, seja nos momentos de oração por gratidão.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Foram indispensáveis naquele momento

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

A espiritualidade foi importantíssima na pandemia. Me aproximei muito de Deus, e até hoje sigo com práticas adquiridas na pandemia.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Graças a Deus não

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Acho que são coisas distintas.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

A minha fé foi fundamental naquele momento e só fez fortalecer. Hoje me sinto muito mais grata a Deus

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

Participante 14

62

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim. Religião é um sistema organizado que possui estrutura institucional, que segue regras compartilhadas por uma comunidade proveniente de uma autoridade religiosa ( como o Papa para igreja católica). Espiritualidade é a propensão humana a buscar significado para vida, podendo estar ligada ou não a uma vivência religiosa. É algo individual.

---

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Sim. Religião católica. A minha espiritualidade busca se enquadrar ao dogma do catolicismo. A busca pela ajuda ao próximo. Fazer o bem.

---

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Aparece como buscar a compreensão das atitudes humanas na sociedade que participo procurando não julgar as pessoas pelas suas atitudes momentâneas. Na minha visão, se todos tivessem comprometimento em fazer o bem, o mundo certamente seria melhor em todos os aspectos.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Os protocolos foram bem redigidos e bem implementados. Na minha percepção, evitaram que houvesse o caos no nosso ambiente de trabalho dada a complexidade de uma doença até então desconhecida de como aborda-la ou fazer o tratamento das pessoas acometidas o que gerou certo pânico na população, principalmente nos indivíduos portadores de comorbidades.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Sim. Devido ao isolamento com conseqüente distanciamento entre as pessoas, houve a privação da participação presencial nas instituições religiosas. As igrejas e demais centros religiosos foram fechados, mas as celebrações não deixaram de existir. Foram transmitidas pela mídia, que em muito contribuiu para que os fieis pudessem dar continuidade a sua prática religiosa em um período de incertezas. Isso contribuiu para um estreitamento dos laços familiares. Senti necessidade de aumentar meu vínculo com o sagrado.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Sim. Várias pessoas do meu convívio. A vida realmente é passageira e não há garantia de que teremos uma vida longa. Bastou um vírus se difundir no mundo para vermos o quanto vulnerável é o ser humano.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

A favor da aplicação da vacina para COVID-19. Penso que foi muito importante para diminuir o número de casos graves de uma doença com alta taxa de mortalidade. A religião é e sempre será uma porta aberta para seus seguidores buscarem a compreensão daquilo que foge do nosso entendimento.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

O meu relacionamento com a religiosidade/espiritualidade foi muito importante nesse período. Hoje houve um aumento nesse relacionamento, ou seja, um fortalecimento da minha religiosidade/espiritualidade. Sob minha ótica, a prática religiosa/ espiritualidade não deve ser vivida somente nas intempéries, mas no dia a dia para estarmos preparados espiritualmente quando passarmos por momentos difíceis.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

## Participante 15

Idade \*

38

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim. Penso que religião é composto por dogmas e preceptos e espiritualidades é mais abrangente.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Penso que as duas. Eu pratico o catolicismo em minha vida; frequento a igreja e creio em seus preceitos.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Meu vínculo com o catolicismo na minha vida diaria se manifesta na fé e nas orações.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Positivas.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Penso que a religião me ajudou a ter um entendimento melhor de tudo o que estava acontecendo.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Não.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

São distintas e não vinculadas.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Hoje tem uma relação mais íntima com a religião.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

# Google Forms

Idade \*

Participante 16

37

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim, faço distinção. Para mim a religião está ligada a crenças relacionadas a uma instituição/organização, como por exemplo, católicos, evangélicos, espíritas, etc. A pessoa compartilha de ideias comuns, como dogmas. Já a espiritualidade tem mais a ver com crenças individuais, com experiências pessoais que levam a pessoa a se conectar com o que faz sentido para ela, sem ser determinada por uma organização ou convenção.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Eu sou cristã e não me defino com nenhuma religião. Tenho Jesus como meu salvador, mas não frequento instituições religiosas. Leio e estudo a bíblia, faço devocionais, mas sem me prender a denominações.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Não tenho uma crença religiosa mas minha vida é guiada por Deus. Pauto minha vida pelos ensinamentos de Jesus.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Foi um período desafiador, todos pegos de surpresa, sem preparo para o que estava por vir. A UFJF se esforçou para implantar protocolos de acordo com as possibilidades do momento. Penso que as medidas tomadas foram válidas e minimizaram o contágio da doença entre os servidores,

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Minha crença em Deus é o que me manteve confiante de que tudo ficaria bem. A pandemia mudou nossa forma de viver, nos isolou, nos colocou em um lugar em que todos tivemos que pensar no próximo, pois tínhamos que nos cuidar para proteger o outro também. O medo de algo desconhecido, o medo da morte dos familiares, a ansiedade de ficarmos enclausurados ouvindo tantas fatalidades só eram superados por acreditar e confiar em Deus. Além da crença, procurei me fortalecer fisicamente através de exercícios físicos e psicologicamente, através de terapia.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Não tive perdas na minha família, mas perdi uma pessoa próxima. Nem sempre nós entendemos a vontade de Deus, mas foi inevitável não culpar o governo pela falta de suporte e pela demora das vacinas.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

A vacina foi e é imprescindível para a prevenção da doença. Não relaciono a ciência com religião, mas sim como algo capacitado por Deus. Ele é quem capacita as pessoas responsáveis por criar mecanismos que possam salvar vidas.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Todos os dias procuro fortalecer minha fé. Tenho certeza que sem Deus eu não seria ninguém. Tudo o que tenho e tudo o que sou vem Dele.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

Participante 17

33

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim, faço. Espiritualidade, para mim, se relaciona ao que eu acredito, um conjunto de crenças; já a religião pertence a um nível "dos homens", criada pelo Homem, moldada pela sociedade.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Atualmente, não faço parte de nenhuma religião

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Cresci em uma família católica, portanto, os valores e crenças que me guiam acabam sendo muito influenciados por essa religião. Porém, me interesse por aprender sobre as mais diversas crenças e religiões. Creio que sou uma mistura disso, valores aprendidos em família e vivências próprias enquanto sujeito.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Foi um período desafiador, não só física, mas também psicologicamente.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Senti necessidade de, realmente, de mais convívio social. O modo como levo minha espiritualidade não se alterou, porém foi uma fonte de busca de calma e força.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Não perdi.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

A favor das vacinas e ao incentivo a ciência sempre.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Me relaciono da mesma maneira. Faço minhas orações como sempre, Minha espiritualidade sempre foi importante para mim e continua sendo em igual medida.

---

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

## Participante 18

45

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim. Entendo que religião está vinculada às crenças institucionalizadas enquanto espiritualidade diz das vivências individuais.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Religião católica, frequentando missas semanalmente, aos domingos

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Tenho o hábito de rezar, diariamente, tenho objetos religiosos importantes por perto (terço sempre na bolsa) e agradeço sempre pois acredito que Deus cuida de mim, bem de perto

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Os protocolos foram válidos e contribuíram no combate à pandemia

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Minha aproximação com Deus aconteceu mais recentemente. O processo de análise pessoal (psicanálise) foi suporte importante à época

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Felizmente não perdi pessoas muito próximas, mas pelo trabalho em hospital, acompanhei de perto a perda de muitas pessoas, o que me deixou sempre cuidadosa em relação ao vírus

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Vacina salva! E hoje entendo que Deus dá o suporte nas dificuldades. Mas, "faça sua parte que eu te ajudarei". Não é possível negar a ciência.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

À época, não tinha essa aproximação. Mas hoje, ter religião e hábitos religiosos são práticas fundamentais na minha vida.

---

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

## Participante 19

Idade \*

41

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim, religião são os tipos, espiritualidade tem haver com como o indivíduo interpreta e age

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Católica e espírita. Espiritualidade em ajudar o proximo, pensar positivo, fazer o bem

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Bondade, humildade, respeito, no dia a dia e nos relacionamentos

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Muito tenso, dramático, quase um terrorismo

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Me apeguei sim a espiritualidade para enfrentar as dificuldades do isolamento, das dúvidas, incertezas e medos

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Não

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Arbitrária em vários sentidos, cheia de viés

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Me relaciono de maneira mais leve do que naquele período

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

## Participante 20

Idade \*

49 anos

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Não faço distinção. Minha espiritualidade está diretamente ligada aos preceitos da minha religião.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Sou Católica Apostólica Romana. Faço parte de uma família católica, onde meu pai sempre atuou junto à nossa Paróquia, como Ministro da Eucaristia e também fazendo parte de várias pastorais.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Procuro sempre seguir os preceitos de minha religião. Acredito que a salvação se alcança através da fé e das boas obras.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

A pandemia foi um período desafiador para todos. A decisão da UFJF naquele momento foi acertada, demonstrando preocupação com a saúde e bem-estar da comunidade acadêmica.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

A fé que possuo foi essencial para enfrentar com mais serenidade o período que foi muito difícil, com perdas de pessoas queridas e também com a mudança brusca que tivemos em nossas rotinas.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Sim. Perdi minha sogra, que era como uma mãe para mim. Ela adoeceu em setembro do ano de 2020 e morreu em menos de 30 dias. A perda naquele período trouxe uma realidade que não estávamos acostumados. Não podemos fazer uma visita, os últimos contatos foi através de uma video chamada e um funeral com menos de duas horas, com caixão lacrado. O luto ficou prejudicado. Não houve uma despedida, não houve um último abraço, não foi possível tocar em quem vc amava. Ficou muito mais claro para o mundo todo o quanto somos frágeis e incapazes diante daquela realidade que se apresentava.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Acredito que a religião e a ciência andam de mãos dadas. A fé foi importante para manter o equilíbrio da alma, para suportar a dureza e a dor daquela realidade. A medicina trouxe o alento e a esperança de um futuro sem aquela doença.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Após esse período que foi de grande provação para toda a humanidade, tive minha religiosidade fortalecida. Hoje vivo ainda mais intensamente os preceitos e valores de minha religião. H

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

## Participante 21

Idade \*

40

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim. A religião é o caminho doutrinário, as crenças e práticas. Já a espiritualidade é a minha conexão e experiência pessoal com Deus. Ou seja, a religião é a forma como vivencio a espiritualidade. .

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Sim. Sou Católica Apostólica Romana.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Deus é a base da minha vida, todo o meu sistema de crenças, valores, comportamentos é um transbordo da minha fé.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Durante a pandemia eu não estava lotada na UFJF, mas em outra instituição de ensino federal que adotou medidas parecidas. Creio que os protocolos foram importantes para a proteção da saúde dos servidores e estudantes, bem como evitar o avanço das contaminações por COVID-19. Embora tenha sido um período difícil foi essencial para o controle da doença e também para a reflexão a respeito da vida.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Sim. A religião/espiritualidade foram essenciais durante a pandemia. A confiança em Deus, a esperança e a fortaleza que vem por meio da Palavra de Deus, me ajudou muito a lidar com os sentimentos de medo, insegurança e incertezas em todas as áreas. Apesar de todas as dificuldades foi um tempo muito frutuoso para quem se permitiu uma auto avaliação da vida, dos valores, do caminho que está seguindo.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Sim, perdi um tio. Foi muito dolorido para toda a família, isso nos fez pensar bastante sobre a brevidade da vida e fortaleceu nossa fé de que este não é o fim, é apenas uma passagem.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

A ciência médica é essencial para a melhoria da qualidade de vida. As vacinas têm um papel importantíssimo no controle e erradicação de doenças que dizimaram muitas populações no passado. Mas a religião e a ciência, ao meu ver, não são antagônicas, elas caminham lado a lado e se complementam.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

A pandemia foi um período muito importante para mim, no que se refere a minha fé. Já estava passando por um processo de aproximação de Deus, da minha fé e a pandemia ajudou nesse sentido.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

## Participante 22

Idade \*

41

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim, no sentido de que espiritualidade se refere à crença em Deus, a um "sistema" de crenças e práticas cotidianas mais "particularizadas". A religião é um "sistema" comum, com práticas e rituais institucionailizados.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Sim, católica. Mas cada vez menos envolvida com as práticas institucionalizada.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Como a maioria das pessoas, a herança familiar, católica, se insere e dita a maioria das condutas e valores que carrego.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Acho que foram prudentes e importantes para a segurança e saúde de toda a comunidade da UFJF

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

A pandemia "balançou" muito fortemente minhas crenças. Me afastei muito mais nesse período

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

não, mas as perdas ocorridas pelo mundo me fizeram questionar muito minhas próprias crenças.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Acho que não deveria ser considerada nenhuma relação entre ambos, a menos que seja para a religião estimular que a ciência seja aceita quando é o momento de priorizá-la.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Da mesma forma, a "revolta" com a religião e o questionamento sobre a espiritualidade continuam.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

Participante 23

45

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim, considero religião uma estrutura humana, a espiritualidade independe de dogmas e grupos em reunião.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Atualmente me considero sincrética na fé, não comungo em nenhuma religião específica, mas visito igrejas e agrupamentos diversos quando convidada por amigos. Me identifico mais com o espiritualismo, especialmente o candomblé. Mas não tenho interesse em me comprometer assiduamente com qualquer grupo religioso.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Não possuo.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Eu aderi a todos os possíveis. Os protocolos foram necessários e confesso que poderiam ter durado mais tempo. Após o retorno parcial das equipes de trabalho eu fui contaminada 5 vezes. E em todas ocasiões algum colega de trabalho estava com sintomas gripais antes da minha contaminação. Como sou muito isolada e quase não tinha contato com outras pessoas no período citado, para mim pareceu-me que acontecia em função de alguém vir trabalhar doente. Depois comecei a usar máscaras a qualquer espirro na minha presença. Mas o fiz pois devida às questões de minha saúde, eu ficava muito mal com covid-19, com sintomas severos.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Não me utilizei de nenhum recurso religioso, mas sempre tentando me conectar com o Espiritual, infelizmente foi um período em que acabei abusando do álcool, e minhas interações com as pessoas via on-line me ajudaram muito.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Sim, infelizmente foram perdas que poderiam ter sido evitadas, pois as contaminações ocorreram por teimosia em confraternizações familiares por ocasião das festas de final de ano em 2020. Infelizmente eram pessoas muito religiosas - adventistas do sétimo dia - bolsonaristas e que caíram nas falácias espalhadas pelas fake news e pelo não-excelsitíssimo ex-presidente da república.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Vacina??? Onde está aplicando que eu vou!!! Acredito 1000% na ciência. E duvido dos médicos que falam coisas contra o que os pesquisadores respeitáveis dizem. Me tornei hipocondríaca, pois verifico tudo que médico me fla, nas páginas das sociedades brasileiras das especialidades e dos órgãos oficiais de saúde no mundo e no Brasil.

---

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Hoje me considero mais espiritualizada, mais estudiosa dos temas espirituais de meu interesse, e com um nível de tolerância religiosa ainda maior.

---

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

Participante 24

45

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

não

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Catolica

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

está intimamente ligada a todas as esferas da vida

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Atendeu as exigências legais do período

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

sim

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

não

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

irresponsável, aplicar vacina sem teste prévio a grande massa da população.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

continua fazendo parte de minha vida cotidiana

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

Participante 25

50

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim, faço distinção. Ambas se baseiam na fé e na crença, embora religiosidade tenha padrões e rituais mais bem delineados

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Religião não. Espiritualidade sim. Criado em família católica, já pratiquei. Não me enquadro mais nos rituais. Me considero agnóstico, atualmente

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Sem vínculo religioso. Vida se pauta em procurar respeitar e ajudar o próximo, cultivar amizades, a convivência familiar e a socialização da melhor forma possível

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Sim. Como profissional de saúde prestei assistência, adotando todas as normas de biossegurança disponíveis. Muito cansativo paramentar e desparamentar várias vezes ao dia era muito cansativo, levava a exaustão. Mas eu considerava um mal necessário.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Sim, um papel muito importante. Foi necessário o exercício da resiliência e cultivar a espiritualidade humanística para prevenir o esgotamento que tantas vezes se empoderava

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Sim, algumas. Tios, primo, sogro, amigos e muitos conhecidos. Reflexões sobre a fragilidade da vida e da impotência humana em ter o controle absoluto destas situações.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Desvinculo vacina de política ou religião. Tínhamos uma vacina ruim. Mas era a melhor que se dispunha. Achei válido liberação precoce para o contexto

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Bem

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

## Participante 26

64

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim. Religião geralmente é um conjunto de dogmas, espiritualidade é uma busca interior pela transcendência.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Não.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Não possuo vínculo religioso.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Trabalhei remotamente todo o período, tendo em vista um caso de covid em minha família.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

A pandemia me afetou apenas no que diz respeito ao trabalho remoto. Fiquei muito tranquilo, inclusive devido à espiritualidade, que me trouxe bastante resiliência.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Não perdi. O caso que ocorreu foi brando.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Acho que as vacinas foram aplicadas adequadamente. Só não achei correto que fossem obrigatórias.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

A espiritualidade sempre foi e é importante para mim, independentemente de estarmos ou não em período de pandemia.

---

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

Participante 27

46

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Penso que a espiritualidade está mais ligada a manifestações da mente, como a prática de meditação e de Yoga, por exemplo, e não necessariamente ao que as religiões preceituam, tais como a obediência aos mandamentos e às demais regras da Igreja Católica, a ideia de um Ser Todo-Poderoso que criou tudo o que existe e, assim por diante, à danação eterna, no pós-morte, para quem não foi uma boa pessoa em vida. Em outros termos, a religiosidade costuma estar associada a sistemas organizados de crença — com doutrinas, dogmas, práticas e rituais institucionalizados. Envolve, portanto, a adesão a um corpo coletivo de fé, como a Igreja Católica, o Budismo, o Islamismo, entre outros. A espiritualidade, por outro lado, relaciona-se mais à dimensão interior da experiência humana — à busca por significado, por conexão com algo maior (que pode ser o universo, a natureza, o próprio eu profundo, ou o fluxo da vida), e por estados ampliados de consciência.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Nasci em uma família católica, mas, faz alguns anos que não me identifico com religião alguma.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Novamente, creio que as crenças estão mais ligadas a convicções e não necessariamente ao que as religiões preceituam. Para mim, o conceito de 'fé', por exemplo, está mais relacionado à esperança, a acreditar em convicções — podendo ser de cunho religioso ou não. Ou seja, ter fé (ou esperança) em alguma coisa pode ser algo de caráter espiritual ou, simplesmente, significar acreditar em si mesmo, na vida, nas pessoas etc.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

A UFJF fez o que precisava ser feito no que tange aos protocolos de segurança. Quanto ao período da pandemia, creio que foram momentos de muita angústia, em que muitas pessoas perderam suas vidas. Algumas delas possuíam uma condição de saúde mais frágil, mas nem todas as vítimas da Covid-19 se enquadravam nessa situação, considerando que a mídia relatou a morte de pessoas jovens e aparentemente saudáveis. Tudo isso gerou muitas incertezas, histeria e medo generalizado, levando muitas pessoas — principalmente as mais suscetíveis à sugestão — a sofrerem bastante, de formas variadas.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Não apelei para a religião/espiritualidade.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Perdi meu cunhado (e amigo) de maneira indireta — ou seja, ele faleceu supostamente em decorrência de uma trombose na perna que, em razão de uma reação à vacina contra a Covid, provocou embolia pulmonar e infarto fulminante, levando-o a óbito cerca de doze horas após ter sido vacinado. Minha irmã, que tinha 35 anos à época, ficou viúva, com dois filhos. Quanto às reflexões, apenas pensei que a vida é, de fato, muito frágil.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

As duas primeiras estão relacionadas a estudos, experimentos, descobertas e propósitos específicos, ao passo que a última se vincula à fé. Dito de outra forma, não percebo muita relação entre a ciência voltada à cura de uma doença específica e a religião.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Como dito anteriormente, não me relaciono com religião alguma no momento, ou seja, não frequento templos, não pertenço a nenhuma igreja e tampouco mantenho práticas relacionadas à espiritualidade (como meditação, ioga, mindfulness etc.).

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

Participante 28

43

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim. Religião é "algo mais orquestrado", passando por crenças, rituais, tradições... promovidos por instituições, a exemplo de uma igreja. Espiritualidade é a busca por conexão com algo maior, sagrado... não necessariamente atrelada à religião.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Catolicismo

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Embora eu me identifique como católico, não estou praticante nos últimos tempos. Ainda assim, os valores que aprendi com a religião, como respeito, empatia, amor ao próximo, solidariedade etc. acabam orientando minha forma de ver o mundo e me relacionar com as pessoas.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Acredito que as medidas de biossegurança adotadas pela UFJF foram fundamentais naquele momento. Trabalhei no drive-thru da Covid e vi de perto a importância dessas ações, eram as medidas possíveis e necessárias para proteger a comunidade e manter as atividades com segurança.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Durante a pandemia, a fé teve um papel importante pra mim. Mesmo não estando praticante, mantive minhas orações e o pedido de proteção por todos. Foi um jeito de encontrar força e esperança em meio a um momento tão difícil, acreditando em dias melhores.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Felizmente não perdi pessoas próximas, mas ver tantas perdas ao redor me fez refletir muito sobre o valor da vida e sobre como somos todos vulneráveis.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Acredito na ciência e vejo as vacinas como essenciais no combate à Covid. A fé e a ciência não se opõem (cada uma tem seu papel), e ambas ajudaram muita gente a atravessar aquele momento.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Hoje sigo com a mesma fé de antes, mas com mais gratidão. A pandemia me fez valorizar mais a vida e manter a espiritualidade como uma forma de equilíbrio e esperança no dia a dia.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

Participante 29

36

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim, considero que para viver a espiritualidade você não precisa necessariamente estar dentro de um sistema religioso, com rituais e práticas distintas para cada uma delas. Viver a espiritualidade é mais amplo e pode ser vivida dentro de uma religião ou não estando vinculado a ela.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Sou evangélica protestante, nasci e fui criada em uma igreja Batista Protestante, e a qual me identifico até os dias atuais.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Ele aparece todos os dias quando acordo e dou graças a Deus pela vida e oportunidades que nela me surgiram e fazem o que sou hoje. Ela está na comunhão com o próximo, minha família, amigos e outras pessoas. Ela está presente em como lido com as pessoas, na busca pela harmonia, paciência e tolerância com as diferenças entre pensamentos, posições políticas e ideias de mundo. Ela está presente no meu desejo de que o outro possa ter oportunidades de melhorar de vida, de que a sociedade seja mais justa e procure diminuir as desigualdades sociais.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Considero que a UFJF buscou fazer o possível para minimizar o contágio das pessoas, primeiro implementando o home office, segundo alternância de dias para que um número menor de pessoas circulassem no campus, além das medidas de uso de máscara, higiene e desinfecção das mãos e outras ações.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Então, acredito que as pessoas se agarraram a fé que tinham, e isso pode de certa forma ter auxiliado no processo, com pedidos de proteção e também pela cura de familiares e outras pessoas. Eu sempre pedi por proteção da minha família e daqueles próximos a mim, dessa forma, considero que teve um papel importante sim.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Particularmente em minha família não, mas tive alguns conhecidos que perderem entes queridos.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Com relação a aplicação de vacinas, considero que foi um avanço enorme, com relação a religião acho que é algo bem subjetivo, mas certamente a religião contribuiu para aqueles que pediram proteção e cura aos familiares, amigos e outras pessoas que chegaram a contrair covid-19;

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Foi importante como é até os dias de hoje. Pedi muita proteção e cuidado naquele período e hoje não é diferente, continuo pedindo proteção e cuidado e agradeço por termos superado o período difícil que foi a pandemia.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

Participante 30

39

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim, Religião tem a ver com igreja específica e Espiritualidade não

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Sou católica não praticante, mas tenho uma espiritualidade muito grande

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Eu tenho a espiritualidade, muita fé e ela está presente em todos os momentos da minha vida

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Período muito difícil e pesado espiritualmente

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

A espiritualidade me ajudou muito, eu me conectei mais com Deus e confiei que estava segura, eu estava fazendo a minha parte, me protegendo, mas tinha fé que daria tudo certo.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Não perdi

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Essencial

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Sigo com muita espiritualidade em todos os âmbitos da vida

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

## Participante 31

Idade \*

54

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim. A distinção entre religião e espiritualidade para mim passa pelo aspecto da religião que se sustenta em ritos e atividades específicas de cada religião, já a espiritualidade é ampla ao englobar a crença em algo maior que nos envolve, atrelada à fé mediante os mistérios e incertezas da vida.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Me identifico com a religião católica e trabalho minha espiritualidade com a prática de yoga. O meu vínculo com o catolicismo passa por minha criação, com pais extremamente católicos, vivenciei as atividades religiosas como os sacramentos, missas, procissões, coroação de nossa senhora. Tal vivência me propiciou valores cristãos, participação social junto com a comunidade religiosa e isto me transmitiu pertencimento e amor ao próximo. Hoje em dia, frequento pouco as atividades do catolicismo e a vivência da yoga me propicia a conexão com o todo, a interação corpo e mente e vivência do sagrado da vida.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Aparece no exercício de praticar valores os quais acredito como amor ao próximo, paz, compaixão, paciência e resiliência perante as dificuldades da vida, das relações familiares, do trabalho e em geral.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

A UFJF realizou um trabalho intenso para desenvolvimento de protocolos, vacinações ao público, procedimentos de trabalho on line para lidar com a incerteza e insegurança próprias do período pandêmico. Foi um período difícil, mas até pelo fato de ter participado diretamente no desenvolvimento de muitas ações de nossa insituição, como por exemplo, o protocolo de biossegurança, percebo que aprendi muito neste processo.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Sim, para me sustentar com fé mediante ás incertezas, através de orações e através da prática de yoga para trabalhar minha ansiedade e dificuldades familiares, como por exemplo, um filho adolescente com depressão, pais idosos e a perda de minha mãe, que teve cñcer de mama. Em termos de trabalho, foi um momento desafiador pelo fato de estar á frente da área de gestão de pessoas naquele momento, mas distante das pessoas, olho no olho, sem atendimentos presenciais, tudo on line, principiamente no início da pandemia. para mims

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

não diretamente, parentes de amigos.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

avalio que a ciência trouxe a possibilidade de controle da doença e o retorno do convívio entre nós e a religião passa no sentido de proteção á vida, com respeito ás diferenças.~a

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

fortaleceu a necessidade de trabalhar minha religiosidade/espiritualidade e tenho rezado e praticado yoga como momentos de contato com tais vivências.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

## Participante 32

46

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim.. Acredito que a espiritualidade se dê de uma forma individualizada enquanto que a religiosidade em crenças comuns.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Me identifico como católico

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Procurando entender o próximo, respeitando.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Acho que as medidas implementadas pela UFJF foram adequadas e acredito que foi um período que acabou implicando em algumas mudanças no funcionamento das coisas.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Não utilizei nenhum recurso.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Nenhuma perda próxima.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Acho que é importante o desenvolvimento de vacinas e a fé pode ser um fator importante também.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Hoje em dia me relaciono muito melhor com a religiosidade.

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

Participante 33

40

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Entendo que a religião tem a ver com costumes. Espiritualidade, na minha visão, é a relação do indivíduo com o transcendental.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Cristão

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

Fui criado em lar católico com posterior prática protestante. Isso influenciou na forma como me norteio.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

Particpei de algumas dessas concepções, por meio de comissões. O período foi bastante desafiador.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

No meu caso, sim. O isolamento, principalmente nos primeiros meses da pandemia, me levou a reflexões sobre o contexto como um todo. Houve períodos em que a necessidade de convívio social tornou o isolamento mais difícil, apesar de estar sempre com o núcleo familiar.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Não perdi familiares. O mais próximo foi meu professor orientador de mestrado

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Sempre entendi as vacinas como um dádiva divina, independente da pandemia.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Atualmente, me sinto muito mais sereno. A espiritualidade se tornou mais presente nas minhas decisões e ações.

---

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms

Idade \*

Participante 34

61

Como você se identifica quanto ao seu gênero? \*

- Feminino Cisgênero
- Masculino Cisgênero
- Feminino Transgênero
- Masculino Transgênero
- Não binário
- Agênero

Como você se identifica em relação a sua cor/raça? \*

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

Qual seu nível de escolaridade? \*

- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- especialização incompleta
- especialização completa
- mestrado incompleto
- mestrado completo
- doutorado incompleto
- doutorado completo
- pós doutorado

Você faz distinção entre religião e espiritualidade? Se sim, poderia nos esclarecer sobre isso? caso não faça distinção entre religião e espiritualidade, poderia nos esclarecer sobre isso? \*

Sim. Para mim, A principal diferença é que a religião é um sistema organizado de crenças e práticas, geralmente com regras e ritos, enquanto a espiritualidade é uma vivência pessoal, individual e mais subjetiva. A religião é uma estrutura externa compartilhada por um grupo, enquanto a espiritualidade se concentra na experiência interna e na conexão individual com algo maior, como a natureza, um ser superior ou a própria existência.

Você se identifica com alguma religião ou espiritualidade? Pode falar um pouco sobre isso e nos dizer qual sua filiação religiosa, ou que tipo de espiritualidade você pratica? \*

Sim. Católica Apostólica Romana. Não pratico com periodicidade todos os ritos católico, como por exemplo, ir à missa todos os domingos e feriados santificados. A religião tem um peso importante, mas a espiritualidade tem um peso maior.

Caso possua um vínculo religioso, como ele aparece em sua vida diária, seja pessoal, sua visão de mundo, com as outras pessoas, com sua família ou no trabalho? Caso não tenha uma crença religiosa, em que valores pauta sua vida, suas relações pessoais, sociais? \*

A religião atua como um fator de moralidade e diretriz nas relações humanas ao fornecer um conjunto de princípios éticos que moldam os valores individuais e coletivos. Historicamente, as doutrinas religiosas têm sido responsáveis por guiar a vida das pessoas, incentivando a virtude e a ação moral.

Durante a pandemia, no período do isolamento, a UFJF implementou medidas de biossegurança, o que você tem a dizer sobre esses protocolos e qual a sua percepção sobre o período? \*

A UFJF teve um papel relevante no combate à covid-19, produzindo insumos e sempre atualizando a comunidade interna e externa com as notícias e legislações aplicáveis ao tema. Todavia, teve unidades acadêmicas que determinaram retorno em meio à pandemia, mesmo com um número de mortes crescentes e a falta de vacinas! Os servidores TAES da UFJf, de forma inédita, protestaram contra esse fato, deflagrando a 1ª Greve Sanitária da instituição, como forma de protesto e repúdio, pois, sendo uma instituição de ensino e de pesquisa, não deveria ter feito essa solicitação ao seu quadro de servidores, que no período requisitado, nem tinham seu quadro de vacinas completo.

A religião/espiritualidade teve algum papel no enfrentamento da pandemia da Covid19? Se sim, como isso se deu: como a pandemia lhe afetou nas diferentes esferas de sua vida, que necessidades sentiu naquele momento? Se você não utilizou da religião/espiritualidade, você fez uso de algum outro recurso para lhe ajudar naquele período? \*

Sim.

Na pandemia, você perdeu pessoas para a Covid19? Que reflexões fez quanto a essas perdas? \*

Sim, eu perdi: 03 tias-avós e 01 prima de 2º grau, filha de uma delas. Com intervalos muito pequenos (menos de 08 semanas entre as 04 mortes), além de 02 amigas. Que a ignorância e o fanatismo político de ultra-direita fascista mata. Que essas vidas foram ceifadas pela negação da ciência, pela negação de vacinas e apoio ao ex-desgoverno passado que exterminou mais de 700.000 vidas.

Qual a sua opinião quanto à ciência médica - a aplicação de vacinas para combate à doença da Covid19, e a religião? \*

Eu sou uma pessoa que aprecio profundamente o saber e o conhecimento. Eu sou uma leitora ávida, eu apoio integralmente a cultura, a ciência médica e a produção de pesquisas que visem o aprimoramento da saúde e da humanidade em geral. Eu apoio integralmente as vacinas pois elas têm o poder de deter/evitar doenças graves.

Agora, passados 5 anos do início da pandemia, caso a religiosidade/espiritualidade tenha sido importante em sua vida neste período, como você se relaciona com ela hoje? \*

Eu continuo sendo uma pessoa espiritualizada e que procuro seguir as boas práticas cristãs, fazer os atos de bondade, ser moralmente hígida, manter valores elevados morais e éticos, em todos os meus círculos de relacionamento, desde os familiares, sociais e profissionais. Eu também respeito o cânone católico, os codices da minha religião e a autoridade papal. Eu não vejo incongruência entre ter uma religião na qual eu fui batizada e apoiar o conhecimento, as ciências. Eu não entendo a religião e principalmente a espiritualidade como um entrave para o saber e o aprofundamento dos estudos e da ciência de modo geral. Muito pelo contrário; eu vivencio a minha fé de maneira muito particular e procuro exercê-la em prol de outros seres humanos, ajudando-os o máximo possível, da mesma forma em que acredito que o conhecimento abre horizontes e janelas para o esclarecimento e o exercício e prática da ciência

This form was created inside of Universidade Federal de Juiz de Fora.

Google Forms